Dez discos para você entender o britpop

# SHOWBIZZ

www.uol.com.br/showbizz

Austin Powers no filme mais rock'n'roll do ano

Reggae trip: Viajamos pela Europa com o Cidade Negra

Dossiê especial
Hip-hop Brasil
Cresce o poder dos manos

# Renato Russo VIVE

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

ISSN 0104164007
ANO 15

CD *Acústico MTV* e versões para músicas da Legião Urbana confirmam a força do poeta que o Brasil não pára de cantar

Abril

Um Champion você não usa, veste.

Por dentro, mecanismo quartzo que garante precisão.
Por fora, linhas atuais esportivas: mostrador análogo
pulseira em aço, à prova d' água.

Champion

Produzido na Zona Franca de Manaus.
Conheça o Amazonas.


# Editorial&Sumário

Bonfá e Renato no *Acústico MTV* de janeiro de 1992: ironia relax

Cesar Iderb

Renato Russo na capa de SHOWBIZZ não chega a ser novidade. Apelação? Pergunte a Dado Villa-Lobos (ou leia o que ele tem a dizer sobre isso nas páginas 23 e 24) e se prepare para sentir a impaciência do doce legionário com esse tipo de acusação. Acontece que a maior estrela da nossa música pop está por aí mesmo, no vindouro *Acústico MTV* da Legião, nos novos discos de Titãs, Barão Vermelho, Zélia Duncan, Jerry Adriani, Ataque 77 (banda argentina) e em ocasiões como o festival realizado em Belo Horizonte em setembro, quando Raimundos, Charlie Brown Jr., Lulu Santos, Pato Fu, Biquini Cavadão e Wilsom Sideral tocaram, cada um, pelo menos uma música da Legião. Viu? É só olhar pro lado e lá está ele.

Em outra reportagem quente desta edição, o colaborador Spensy Pimentel passa a limpo as novidades do hip-hop nacional, o movimento musical que cresce, se organiza e ganha cada vez mais importância política.

Diretamente da Europa Central, o redator chefe, Pedro Só, ainda conta as peripécias de Toni Garrido, Bino, Lazão e Da Gama levando o reggae do Cidade Negra ao Velho Mundo.

Boa viagem e aquele abraço,

*Bernardo Araujo*

## Parada da redação

**Esta edição foi fechada ao som de...**

**N'dea Davenport** – *N'dea Davenport*
A estréia solo da ex-Brand New Heavies é lançada no Brasil com um atraso gigantesco. Mas trata-se de R&B de primeirissima.

**Fun Lovin' Criminals** – *100% Colombian*
Segundo disco do trio nova-iorquino que atualiza funk, rap e rock. "Love Unlimited" e "Up On The Hill" são perfeitas para acalmar o fechamento.

**Hurricane #1** – *Hurricane #1*
Grande álbum de britpop perpetrado pela banda de Andy Bell, ex-líder do histórico Ride. Melodias no ponto para quem ama Verve e idolatra Oasis.

**Vários** – Trilha de *Austin Powers 2*
Poucas coisas empolgam tanto quanto os "na-ná-nás" de "Beautiful Stranger". E tem ainda Lenny Kravitz, Flaming Lips... É *shaggadelic*!


**6 CD Bizz**
Uma seleção de rap responsa para você

**20 Legião acústico**
O legendário show de violões e pandeirinho chega comprovando a força da herança de Renato Russo

**26 Hip-hop nacional**
Organizado e revelando talentos, o movimento cresce

**34 Cidade na Europa**
De carona com o reggae brasileiro que derrete cinturas gringas

**40 Vídeo Music Brasil**
Rock é coroado no ano em que axés e pagodes participam da festa da MTV

**44 Austin Powers**
De A a Z, todas as referências musicais do agente "bond" cama

**48 Herbert, Bi e Barone atropelam**
Paralamas desdenham críticas e tocam o *Acústico*


## sempre em showbizz


**6 CARTAS**
Lobão: gênio ou fanfarrão? O amor pelo brega

**10 SHOWBIZZ RESPONDE**
Ficha do Faith No More; Joy Division

**12 BIZZES**
Titãs gravam em Seattle; Chili Peppers vêm aí

**50 MINHA COLEÇÃO**
André X, da Plebe Rude

**52 DEZ DISCOS**
Para você entender o britpop

**54 DEMOCRACIA**
Schulapa, a banda de rock de Juninho Bill, ex-Trem Da Alegria

**57 CRÍTICA**
O Rappa, David Bowie, Iggy Pop, Ramones

**58 AO VIVO**
B-52's, Marisa e Velha Guarda, Agnostic Front

**75 LETRA TRADUZIDA**
"London's Burning", The Clash

**76 ENTRE LEITORES**

**78 PARADA CROWLEY**

**80 INSTRUMENTOS MUSICAIS**
Lulu Santos e sua guitarra sexy

**82 DISCOTECA BÁSICA**
*The Very Best Of Solomon Burke*

Foto da capa: Frederico Mendes

2

GFK

Ouça Rock
com quem sabe de
Rock.

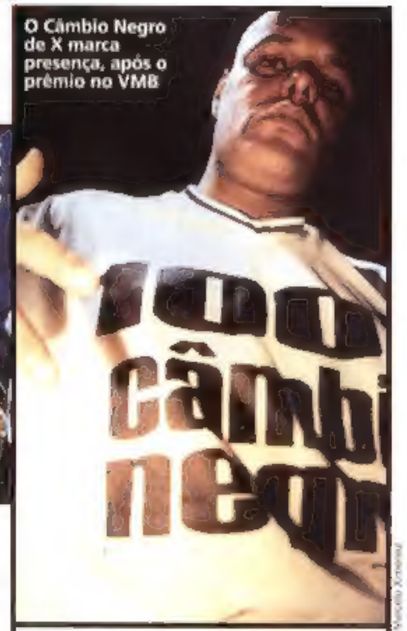
BRASIL 2000
FM 107,3

WWW.brasil2000.com.br

# Hip hop Brasil

**Uma viagem pelo rap nacional em dez músicas e dois clipes. Nosso guia turístico – João Marcelo Bôscoli, diretor do selo Trama e especialista no assunto – fala aqui um pouquinho sobre cada música**

Jair Rodrigues aparece no CD com sua autoridade de pioneiro do rap


O Câmbio Negro de X marca presença, após o prêmio no VMB

## Faixa a faixa

**1. "Esse É O Meu País"**
Câmbio Negro
"Um dos grupos mais tradicionais do rap brasileiro. Esta música tem uma letra refinada, uma ironia muito bem colocada. É o painel de um país ideal, coisa que o Brasil está longe de ser. O groove é possante."

**2. "Só Quero Saber..."**
Urbanos MC'S
"Esta faixa é parte de uma coletânea muito importante, a *Rima Forte*, produzida por Thaíde e DJ Hum. Só por isso, merece respeito. Tem uma batida muito forte e letras que falam dos problemas de um jeito elegante."

**3. "Carro Cinza"**
Criminal D
"É um filme de suspense em forma de música. Fala sobre uma batida policial num morro, onde o personagem principal, um cidadão comum e trabalhador, é confundido com um bandido, toma um tiro e quase morre."

**4. "Eu Vou Estar"**
**"Minha Cultura"**
Da Guedes
"Esses gaúchos têm uma mensagem otimista, são pacifistas. A produção é do DJ Hum."

**5. "Rapadura"**
Max de Castro/Camorra
"Max é inovador, coisa difícil hoje em dia. Neste rap, ele fala da lentidão dos serviços públicos no Brasil, a demora nos bancos, na delegacia, no hospital. Esta música tem participação especial do Camorra e traz uma citação de 'País Tropical', do Jorge Benjor."

**6. "Meu Parceiro"**
Pió
"O Pió é um outro rapper do Sul. O que chama atenção nele é o timbre da voz, muito grave, e o fato de ele cantar, compor e produzir todo seu trabalho. Ele mostra que Porto Alegre tem muito a dizer."

**7. "Vírus"**
Camorra
"É uma banda de São Paulo que disputa a cena da periferia há dois anos. Essa faixa fala sobre o vírus da música, o vírus legal – é a contaminação positiva. É uma versão exclusiva, remix da versão que está no disco."

**8. "Fim De Semana"**
Tubarão
"Feita em cima de um clássico do soul carioca – 'Aleluia', do Lincoln Olivetti e Robson Jorge –, esta música descreve o processo que a gente começa na sexta-feira, de se desligar do mundo real e só se ligar em diversão, em recarregar bateria."

**9. "Máquina De Vacilar"**
Thaíde & DJ Hum
"Um clássico. Retrata uma das fases mais bem-sucedidas da carreira da dupla. Os dois dispensam comentários, são quase fundadores do movimento hip-hop no Brasil."

**10. "Deixa Isso Pra Lá"**
Jair Rodrigues
"É considerado o primeiro rap brasileiro. A gravação original é de 1963 e o Jair só regravou agora. Ao vivo, com participação do Camorra, ele mostra um encontro de gerações, com Jair ao lado da galera dos anos 90. O resultado é explosivo."

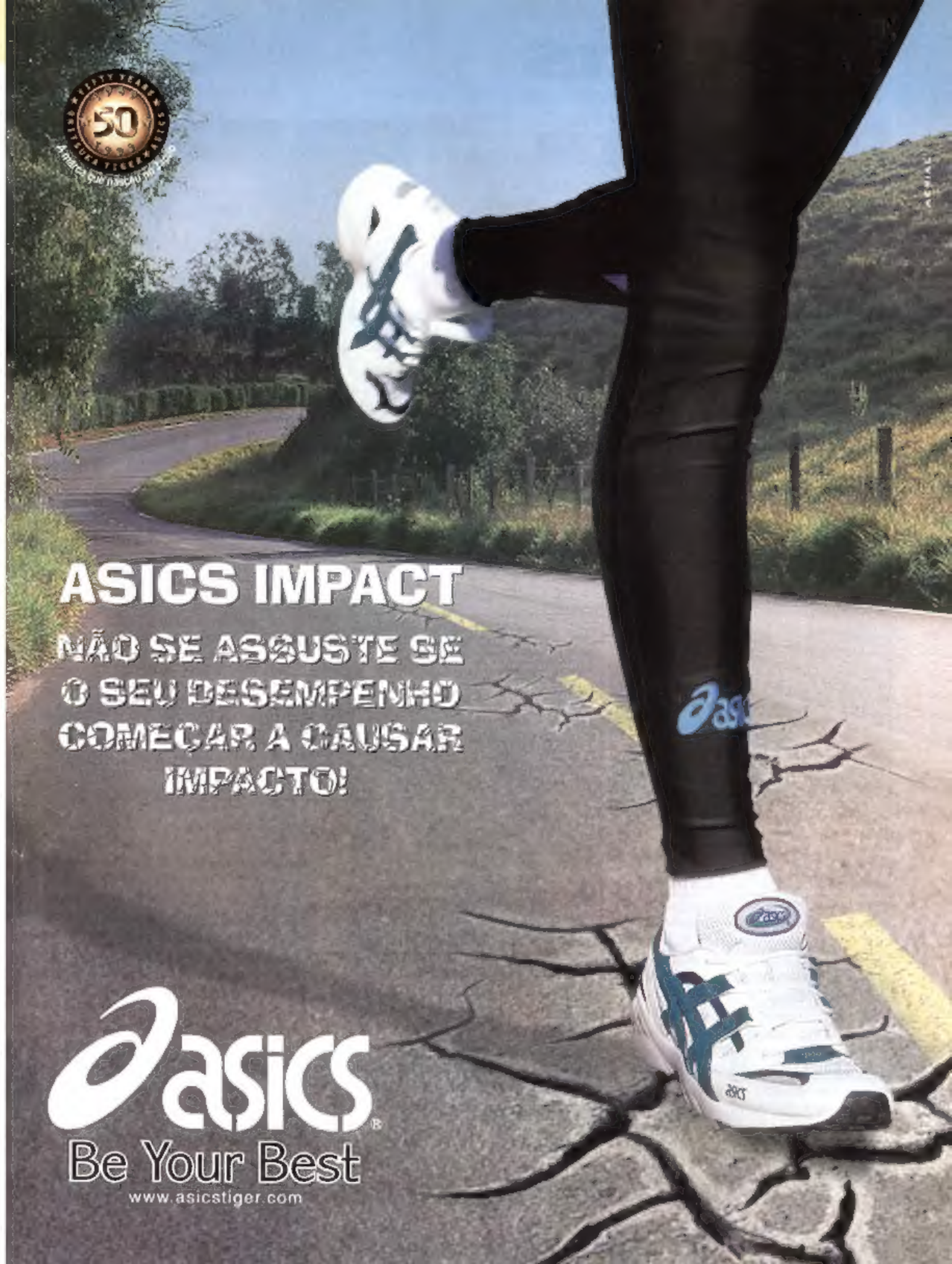
**VIDEOCLIPES:**
Câmbio Negro
"Premiado no último Video Music Brasil como o melhor videoclipe de rap do ano."

Jair Rodrigues
"O clipe mostra o show em que a nova gravação foi feita, com Jair dividindo o palco com bandas da cena hip-hop atual."

### Hip-hop no dial

**SÃO PAULO**
**105,1 FM - *Espaço Rap*:** 2ª a 6ª, das 18h às 19h e das 20h às 21h; sáb., das 20h às 24h
**97,7 FM - *Soul Energia*:** 2ª a 6ª, das 21h às 22h; sáb. e dom., das 18h às 19h
**CURITIBA**
**96,3 FM - *Gueto 96*:**
sáb., das 21h às 22h
**BRASÍLIA**
**101,7 FM - *Mix Mania*:**
domingo, das 14:00 às 15:00 hs
**PORTO ALEGRE**
**91,3 FM - *Ritmos de Baile*:**
2ª a 6ª, das 22h às 24h
**94,9 FM - *Projeto Rap*:** sáb., 21h às 22h
**BELO HORIZONTE**
**Favela e Savassi FM** (rádios comunitárias)





# Cartas

## Lobo falastrão

São absolutamente falsas as afirmações do Lobão *(edição 169)* no que diz respeito à execução de suas músicas na programação da rádio 89 FM. Ao contrário do que ele disse, a Rádio Rock é uma das poucas emissoras de São Paulo que tocaram e tocam mais de uma faixa de todos os CDs lançados pelo artista até hoje. A exceção é o álbum *Norte*, que não reunia qualidades artísticas para fazer parte de nossa programação. Quanto às afirmações relativas à *89 – A Revista Rock*, é muita presunção do artista dizer que a revista da Rádio Rock – a mais antiga e mais ouvida pelo público de rock de São Paulo – desconhece o valor e a importância do escritor William Burroughs para a cultura do rock. Bastaria uma rápida lida na edição 10 da *Revista Rock*, na qual Burroughs foi citado duas vezes, para que Lobão percebesse que, mais uma vez, falou besteira.
***Luiz Augusto Alper (Diretor Artístico da 89 FM)***
***Ricardo Cruz (Editor-chefe da 89 – A Revista Rock)***

A matéria de que mais gostei na edição 169, que estava demais, foi a entrevista com Lobão. Gostaria até de deixar uma mensagem para ele: Lobão, assim como você, eu também acredito no rock de verdade e acho ridículo o artista se vender. Parabéns para você, que acredita no que faz!
***Carlos Paz – Assis, SP***

Maravilhosa!!! Esse é o adjetivo que melhor qualifica a entrevista do Lobão: um dos mais autênticos músicos dos anos 80, que deveria mudar seu nome para Dragão, já que cospe fogo para todos os lados. É lindo vê-lo xingar os Titãs, espinafrar os Paralamas, pisar no pé do Caetano, botar o dedo na cara da MTV e não se importar com as conseqüências, pois segura a onda. Você pode até não concordar, mas ele te induz a refletir sobre os assuntos que aborda. Certamente estarei entre os 10 mil loucos que comprarão seu CD independente para deixá-lo rico.
***Pablo Kossa – Goiânia, GO***

Lobão empolga leitores, que prometem comprar seu novo disco e deixá-lo rico

Paula Cruvinel

Escrevo diretamente da Arábia Saudita, onde moro há um ano e meio. Assino a SHOWBIZZ e sou obrigado a compartilhar com Lobão alguns aspectos da sua entrevista. O que os Titãs andam fazendo, realmente, não tem nada a ver – o *Volume Dois* foi uma forçação de barra magistral. Acho que o rock não morreu e sei que existe muita gente fazendo o bom e velho por aí. Vida longa ao lobo.
***Wellington Spiguel Cassiano – Arábia Saudita***

## Salve o brega

Não tenho a intenção de puxar o saco de vocês, mas a revista tem se superado nas últimas edições. Em julho, a matéria sobre o rock galês foi uma das minhas preferidas neste ano. E qual não foi minha surpresa ao ver o disco de Frankyto Lopes na Parada da Redação? Acho que, pela primeira vez, tive orgulho do brega, ritmo que pode ser novidade no Sul/Sudeste, mas é antigo aqui nas terras paraenses. Os cantores podem não ser grandes compositores, mas eles são criativos e divertidos ao escolherem seus "codinomes". Exemplos: Wanderley Andrade, ex-"O Ladrão", agora "O Traficante"; Rubens Motta, "O Animal Do Brega"; Aninha, "A Odalisca Do Brega". A edição de agosto, então, estava perfeita: a matéria do rock no século 20, a resenha do novo disco do Suede, a reportagem sobre Parintins. Ah, se a SHOWBIZZ tivesse 100 páginas sempre...
***Leonardo Aquini – Belém, PA***

## Go, Pato

Puxa vida, SHOWBIZZ!!! Não acho que seja justo uma única página destinada a comentários sobre a banda Pato Fu e seu novo CD. Com certeza eles já fizeram muito para merecer o título de melhor banda dos anos 90: a mais irreverente, criativa, inovadora etc. e tal. O interessante é que vocês destinam capas para Charlie Brown Jr. e outras bandas desta década, que, mesmo que tenham lá o seu valor, não possuem uma história tão bacana como a dessa banda. Por favor, já está mais do que na hora de o Pato Fu virar capa da revista, com entrevistas e reportagens decentes! Os fãs do Pato Fu, que aliás estão aumentando a cada dia, já estão cansados de ter que escutar entrevistinhas feitas pela VJ Sabrina, da MTV.
***Haline Maia – São Paulo, SP***
*Calma, Haline. O que você leu foi uma nota antecipando o disco dos mineiros, que até o fechamento desta edição não tinha sequer sido lançado.*

## "Kurt Cobain inglês"

As bandas galesas estão realmente roubando a cena no Reino Unido, com muito talento e criatividade. Os Manics Street Preachers são geniais: letras amargas e bonitas. O baixista e compositor Nicky Wire é um cara sexy, cool e muito inteligente. Richey James é uma lenda e continua sendo idolatrado. Não seria exagero chamá-lo de "Kurt Cobain britânico". O Catatonia também arrebenta. Cerys Matthews é uma garota de atitude que manda muito bem. Sem contar o rock do gracinha Kelly Jones e seu Stereophonics e os doidões do Super Furry Animals. Torço para que as gravadoras brasileiras comecem a lançar discos dessa galera.
***Cristiane Massuyama – São Paulo, SP***

## A tal da crítica

Vocês estão publicando muita carta de adolescentes sensíveis demais às críticas de suas bandas preferidas. Santa ingenuidade! As críticas são feitas por jornalistas que aprenderam o princípio ético básico: "seja imparcial". É claro que não se pode agradar a gregos e troianos. Eu nunca deixo de comprar um disco resenhado com crítica negativa, se eu quiser realmente comprar o disco. Sugiro que a SHOWBIZZ coloque no início da seção *Crítica* uma advertência do tipo "as resenhas servem para vocês irem até a loja de discos para conferir se o disco é mesmo bom ou não!"
***Leonardo A. Campos – Valparaizo I, GO***

## Correções:

• Na matéria "Obsessão e Sensibilidade" *(edição 170, página 33)* saiu escrito que "Seymour Stein", título de uma música de Belle & Sebastian, fazia referência a um personagem de J. D. Salinger. Na verdade, Seymour Stein é o nome do produtor e empresário que descobriu os Ramones e que tentou contratar a banda galesa. O famoso personagem de Salinger chama-se Seymour Glass.
• A trilha sonora de *Vamos Nessa* foi lançada pela Sony Music; o disco de Dudu Nobre, pela BMG; e o nome correto do sucesso de Ataulfo Alves é "Meus Tempos De Criança", diferentemente do que saiu na seção Crítica da edição 170.
• A torcida do boi-bumbá Garantido manda avisar que a foto de abertura da matéria "Festa Na Floresta" *(edição 169)* é do boi Caprichoso, diferente do que está na legenda da própria.
• "Um Amor, Um Lugar" não é faixa de *Bora Bora*, como dizia a resenha do show dos Paralamas Do Sucesso *(edição 168)*. A música de Herbert Vianna foi originalmente gravada por Fernanda Abreu, no disco *Raio X*.

### COMO CONTATAR SHOWBIZZ

**REDAÇÃO**
*Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor*

**Seção CARTAS**
*Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ*

**SHOWBIZZ RESPONDE**
*Perguntas, dúvidas, discografias...*

**ENTRE LEITORES**
*Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência*

**E-mail:**
showbizz.atleitor@email.abril.com.br
**Internet:**
www.uol.com.br/showbizz
**Correio:**
Caixa Postal 66157
CEP 05315-970
São Paulo, SP
**Fax:** (0_ _11) 3037-4909

**ASSINATURAS**
*Pedidos ou reclamações, mudança de endereço*

**E-mail:**
abrilsac@email.abril.com.br
**Tel.:** (0_ _11) 3990-2112
*(Grande São Paulo)*
0800-55-2112 *(Outras Cidades)*
**Fax:** (0_ _11) 3990-2100
*(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)*

**EDIÇÕES ANTERIORES**
*Mediante disponibilidade de estoque (de segunda a sexta-feira, das 8 às 22 horas)*

**E-mail:**
abril.na@email.abril.com.br
**Tel.:** (0_ _11) 3990-2200
**Fax:** (0_ _11) 3990-2233

**PUBLICIDADE**
**Tels.:** (0_ _11) 3037-6860 e 3037-4281
**Fax:** (0_ _11) 3037-4909
**Internet:** www.publiabril.com.br


EDITORA Abril
Fundação
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE E EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES: Gilberto Fischel

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Celso Tomanik
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Marcel Caig
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Henri Kobata
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Matinas Suzuki Jr.
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Nicolino Spina

SHOWBIZZ

DIRETOR DE REDAÇÃO: Felipe Zobaran
REDATOR CHEFE: Pedro Só
EDITORES: Bernardo Araujo e Toninho Spessoto
REPÓRTER: Andrea Estevam
EDITOR DE ARTE: Rodolpho Vasconcellos
EDITORA-ASSISTENTE DE ARTE: Graziella Iacocca
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Roberto Morgan Lopes
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Ana Paula F. Moreira Santos
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: (TEXTO) Álvaro da Costa e Silva, Ayrton Mugnaini Jr, Carlos Eduardo Oliveira, Carlos Marcelo, César "Lost" Carpanez, Fábio Rodrigues, Felipe Machado, Heitor Ribeiro, Jaime Biaggio, José Flávio Júnior, José Augusto Lemos, Juliano Zappia, Luciano Marsiglia, Luciano Vianna, Luíle Macedo, Marcos Piasse, Otávio Rodrigues, Sérgio Martins e Spensy Pimentel (FOTOS) Ana Paula Oliveira, Anderson Schneider, Daniel Oliveira, Marcelo Ximenez, Marcos Hermes, Marlos Bakker, Moira Seadon, Renan Cepeda e Valeria Rossi (ILUSTRAÇÃO) Angelo Abu, Felix Reiners, Milton Trajano (REVISÃO) Jorge Cotrin

APOIO EDITORIAL
DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
ABRIL PRESS: José Carlos Augusto
NOVA YORK: Grace de Souza
PARIS: Pedro de Souza
PUBLICIDADE
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Moacyr Guimarães
EXECUTIVA DE CONTA: Márcia Regina Braga
MARKETING
GERENTE DE PRODUTO E PROMOÇÃO: André Felipe D'Amato
ASSISTENTE DE PRODUTO: Fernando Eurébio dos Santos

RECURSOS HUMANOS
DIRETOR DE RH: Marcio Ogliara
PLANEJAMENTO E CONTROLE
GERENTE DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Aurio Luis de Iasi

ASSINATURAS
DIRETORA DE OPERAÇÕES DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR: Lidia Colavitti
DIRETOR DE VENDAS: William Pereira
DIRETOR ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Luiz Edgar P. Tostes
DIRETOR ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Jacques Ricardo
DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO: Paulo Renato Simões

Abril

PRESIDÊNCIA
Roberto Civita, *Presidente e Editor*
José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

VICE-PRESIDENTES:
Geraldo Nogueira de Aguiar,
Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal,
Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

# Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

## Coração e alma góticos

**Sou um dos mais novos assinantes da SHOWBIZZ e gostaria de saber quais álbuns do Joy Division foram lançados no Brasil. A caixa *Heart & Soul* foi lançada? E o novo disco ao vivo deles?**

*Leonardo Lence Barbosa – Vitória, ES*

Todos os LPs do cultuado grupo britânico Joy Division – banda que originou o New Order, após o suicídio do vocalista Ian Curtis – foram lançados por aqui em meados dos anos 80: *Unknown Pleasures* (1979); *Closer* (1980); *Still* (1981). Em CD, saíram apenas as coletâneas *Substance* (1988) e *Permanent* (1994). A caixa *Heart & Soul* só foi editada na Inglaterra, e o disco ao vivo, *Preston 28 February 1980*, teve uma tiragem americana, mas acabou não chegando ao Brasil. Para completar sua coleção de Joy, só recorrendo aos importados, Leonardo.

## Nome aos Pixies

**Há pouco comprei um CD duplo dos Pixies (*Death To The Pixies*) e percebi, com alguma frustração, que apenas as músicas do CD 1 (coletânea) estão devidamente nomeadas. Gostaria que vocês publicassem a relação das músicas do CD 2 (ao vivo na Holanda).**

*Robson Berg – Araraquara, SP*

"Debaser", "Rock Music", "Broken Face", "Isla De Encanta", "Hangwire", "Dead", "Into The White", "Monkey Gone To Heaven", "Gouge Away", "Here Comes Your Man", "Allison", "Hey", "Gigantic", "Crackity Jones", "Something Against You", "Tame", "Wave Of Mutilation", "Where Is My Mind?", "Ed Is Dead", "Vamos" e "Tony's Theme". Ao contrário do vagabundo CD nacional, a versão importada tem as músicas discriminadinhas, na ordem.

## Dúvida ligeira

**Gostaria de saber de qual banda é a música "De Música Ligeira" que o Paralamas Do Sucesso fez versão em português.**

*Érika C. Mano – Guarujá, SP*

"De Música Ligeira" é uma canção da extinta banda argentina Soda Stereo.

## Mais computador

**Depois do ótimo álbum *OK Computer*, o Radiohead está gravando outro trabalho para este ano?**

*Ozires Campos – São Gabriel D'Oeste, MS*

A banda de Thom Yorke está trancafiada numa mansão em Gloucestershire, Inglaterra, após gravar demos na França, Dinamarca e em seu estúdio móvel. Não existe data para o lançamento do disco novo, mas fontes garantem que ele não aparece antes do início do ano 2000.

## Ficha: FAITH NO MORE

A pedido da leitora **Kátia Satiko Roberto** – São Paulo, SP

Roddy Bottum, Trey Spruance, Billy Gould, Mike Patton e Mike Bordin

**Importância**
O FNM tem influência crucial na constituição da nova onda do metal, que mistura rap e funk às guitarras e vocais agressivos. As bandas Korn e Deftones já declararam sua paixão por *Angel Dust*, disco que não repercutiu tanto quanto *The Real Thing*, mas que possui qualidades para se posicionar entre os melhores da década de 90.

**Biografia**
Billy Gould, Roddy Bottum, Mike "Puffy" Bordin e Jim Martin começaram a se apresentar em clubes de São Francisco no ano de 1984. Sem vocalista fixo, convidavam o público para subir ao palco e ajudar na performance. Até Courtney Love, muito antes de formar o Hole, passou um mês como vocalista do Faith No More. Depois de várias experiências, Chuck Moseley estabilizou-se no posto e gravou os álbuns *We Care A Lot* e *Introduce Yourself*. O sucesso comercial aconteceu quando um garoto de 20 anos chamado Mike Patton substituiu Moseley (que anos depois integraria o Bad Brains, banda de reggae-hardcore sediada em Washington DC). Oriundo do Mr. Bungle, Patton escreveu as letras de *The Real Thing* em uma semana. A fusão entre guitarra metaleira, baixo funkeado, teclados épicos e vocal rap consagrada na música "Epic" elevou o som da banda a um novo patamar. "Falling To Pieces" e "From Out Of Nowere" foram outros grandes hits na época, quando o Faith No More se apresentou no Rock In Rio II e saiu como grande revelação. A partir dal, o grupo desenvolveu um namoro com o país, consagrado na letra em português de "Caralho Voador", de *King For A Day, Fool For A Lifetime*. Covers, como "War Pigs" (Black Sabbath), "Easy" (Commodores), "Let's Linch The Landlord" (Dead Kennedys) e "This Guy's In Love With You" (Burt Bacharach) sempre foram uma constante. Paralelamente, os integrantes foram desenvolvendo projetos, até que o Faith No More virou segundo plano na vida dos músicos, resultando num tranqüilo falecimento.

**Discografia**
*We Care A Lot* (1985); *Introduce Yourself* (1987); *The Real Thing* (1989); *Live At Brixton Academy* (1990) *Angel Dust* (1992); *Easy EP* (1992); *King For A Day, Fool For A Lifetime* (1995); *Album Of The Year* (1997); *Who Cares A Lot?: Greatest Hits* (1998)

Tatola: o cantor punk que nunca saiu do dial

## Fé nunca mais

**Qual foi o período de atividade da banda punk paulistana Não Religião e por que ela terminou?**

*Wagner Miranda da Silva – Jandira, SP*

"Acabou porque chegou ao fim", é o que diz o ex-vocalista do grupo e atual locutor e agitador da FM Brasil 2000 (de São Paulo), Tatola. E continua: "Quando uma banda já disse o que tinha pra dizer o não tem mais a mesma ideologia do início da carreira, o melhor é acabar mesmo". Entre 1985 e 1994, o Não Religião participou de duas coletâneas e lançou três discos, *A Verdadeira História De Um Brasileiro*, *Pegaram Jesus Pra Cristo e Ninguém Me Escuta*. Com Norberto na bateria, Kley na guitarra e Valtão no baixo, o Não Religião chegou a abrir shows da Rollins Band, New Model Army e Motörhead.

## EBTG urgente

**Pelo amor de Deus, me dêem alguma notícia do Everything But The Girl.**

*Luiz Gustavo Cremonese – Contagem, MG*

O duo acaba de lançar um novo álbum, *Temperamental* é o nono trabalho dos britânicos e traz boas doses de house e drum'n'bass e a participação de Deep Dish e J Majik, do badalado Metalheadz.

## Rock de nerd

**Peço encarecidamente aos amigos da SHOWBIZZ informações sobre a banda americana Weezer.**

*Luciano Jorge Moura – Teresina, PI*

O Weezer está trabalhando num terceiro álbum, cujo lançamento é protelado desde janeiro. Depois dos ótimos *Weezer* (1994) e *Pinkerton* (1996), a banda do vocalista e guitarrista Rivers Cuomo perdeu o baixista Matt Sharp, atual Rentals, que lançou disco este ano, *Seven More Minutes*, com participações de Damon Albarn (Blur) e Tim Wheeler (Ash). Além de "Say It Ain't So", o Weezer emplacou mais dois videoclipes de sucesso: "Undone – The Sweater Song" e "Buddy Holly". O som, influenciado por Pixies e Ramones, ganhou a sacana alcunha de "nerd rock", graças às letras ingênuo-neuróticas de autoria do líder do grupo – o que não desmerece a obra do Weezer.

## O fominha e o político

**Preciso saber urgentemente como estão os meus ídolos Dave Grohl e Krist Novoselic, ex-integrantes do Nirvana.**

*Michelle Andréa Marcos – Riberão Preto, SP*

*Nothing Left To Lose*, terceiro disco do Foo Fighters, já tem data de lançamento: 1º de novembro. Dave Grohl tocou todas as guitarras do disco (o posto do segundo guitarrista da banda continua indefinido) e o primeiro single já tem nome: "Learning To Fly". Krist Novoselic segue fazendo apresentações de poesia e redigindo discursos políticos. Está disponível para palestrar no palanque de quem o chamar. Recentemente, Krist filmou um documentário sobre a banda L7, intitulado *The Beauty Process: Live Tin*.

A charge da leitora Michelle, preocupada com o paradeiro dos ídolos ex-Nirvana

# Bizzes

Os Titãs olham o horizonte, mas não vêem suas férias

Foto: Jorge Rademaker

## Mamonas em Seattle

### Titãs fazem homenagem em disco de covers

Depois de quase três anos de ralação com *Acústico* e *Volume 2*, tudo o que os Titãs queriam era férias, cuidar de projetos solo e dar atenção aos filhos. Mas quem disse que a gravadora Warner e o empresário Manoel Poladian deixam? "O presidente da companhia pediu para a gente gravar um disco rapidinho, que não desse muito trabalho, e sugeriu que fosse de covers", conta Tony Bellotto.

Para sair da roda-viva de shows e entrevistas, os sete foram a Seattle, nos Estados Unidos, onde se uniram ao velho camarada Jack Endino – lendário produtor do Nirvana e que trabalhou nos discos *Titanomaquia* e *Domingo* – e, em um mês, gravaram *As Dez Mais*, um disco todo composto por covers. Krist Novoselic, ex-baixista do Nirvana, aparecia de vez em quando no estúdio com uma camerazinha de vídeo na mão.

O repertório do disco é todo em português, de autores como Tim Maia, Raul Seixas, Inocentes e Mamonas Assassinas. "Até pensamos em artistas estrangeiros, mas achamos mais legal ficar com os compatriotas e mais o grupo português Xutos E Pontapés, nossos velhos amigos", diz Tony. Agora não tem jeito, as férias estão adiadas, mesmo porque a banda está louca para excursionar com o novo repertório.

**As Dez Mais**

**"Gostava Tanto De Você"**, Tim Maia • **"Querem Acabar Comigo"**, Roberto Carlos • **"Fuga Número Dois"**, Mutantes • **"Aluga-se"**, Raul Seixas • **"Sete Cidades"**, Legião Urbana • **"Rotina"**, Inocentes • **"Circo De Feras"**, Xutos E Pontapés • **"Um Certo Alguém"**, Lulu Santos • **"Pelados Em Santos"**, Mamonas Assassinas • **"Ciúme"**, Ultraje A Rigor.

## Quinze meses de TPM

Quem ouve a ironia dos Raimundos em "Mulher De Fases" e depois descobre que a **Penélope** tem uma canção chamada "Naqueles Dias", logo pensa que as baianinhas se inspiraram em Rodolfo e cia. Nada disso. "Já cantamos 'Naqueles Dias' há três ou quatro anos", diz a cantora Érika, cansada de se justificar pelo atraso no lançamento do CD da banda. "Passamos um ano e três meses com o disco pronto, esperando a gravadora lançar", lembra a outra Érica, a guitarrista. O momento veio em agosto deste ano, quando *Mi Casa, Su Casa* ganhou as ruas, sendo um sucesso entre os críticos. "Teve jornalista na Bahia que comparou nossas letras a Chico Buarque, pela compreensão do universo feminino", lembra Érika, que completou o quinteto com o baterista Luizão e o guitarrista Mário antes de gravar o disco. Curiosamente, Luizão veio do grupo baiano Úteros Em Fúria. "Ah, mais uma banda de mulheres", é o pensamento que vem à cabeça. Não exatamente. Quem vê a expressão enfezada de Luizão jamais ousaria perguntar a ele.

Luizão, Érika, Érica, Constança e Mário: demorou pra abalar

Sony

Shakira com mariachis: ela quer mostrar que a vida não é cor-de-rosa

Reprodução

## Pop & política

A invasão latina dos EUA, iniciada pelo porto-riquenho Ricky Martin com seu primeiro disco em inglês, vai continuar. A próxima a pegar em armas será a cantante colombiana **Shakira** Mebarak. Ela prepara sua estréia no mercado americano com um CD previsto para março de 2000. O álbum terá todos os seus hits, com versões em inglês assinadas por Gloria Estefan.

Enquanto esse disco não vem, a roqueira segue faturando. Ela acaba de gravar um *Acústico* em Nova York para a MTV Latino com seus sucessos em novas versões. Durante visita relâmpago a São Paulo em agosto, Shakira apresentou uma versão reduzida do show acústico no Tom Brasil, para uma platéia formada por fãs alucinados, radialistas e jornalistas. Para quem está acostumado com a adolescente dos clipes e pensa que ao vivo Shakira pode negar fogo, uma surpresa. No show, ela mostrou a competência e o carisma que faltam a muita gente. Shakira foi acompanhada por trinta músicos, incluindo um grupo de mariachis e os novos arranjos de hits como "Estoy Aqui" e "Dondo Estan Los Ladrones", que surpreenderam o público.

"Os fãs gostam do som que faço", disse ela. "Eles aceitam bem as canções com temas político-sociais. Quero mostrar por meio da música que a vida não é cor-de-rosa, que o mundo é imperfeito. Ser jovem não significa ser alienado", completou, com autoridade colombiana.

Chad Smith (boné), Kiedis, Flea (de touca) e John Frusciante vêm aí

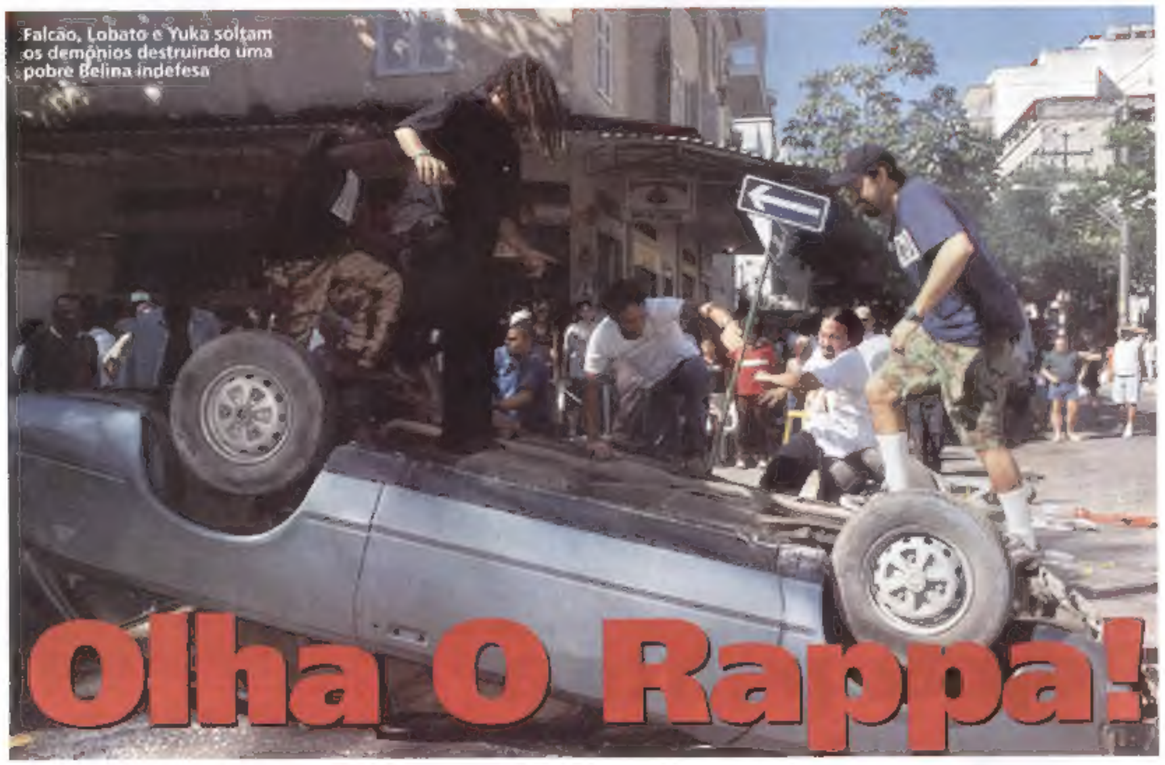
Foto: Reprodução/Foto Renan

## Entre nós

O vem-não-vem dos **Red Hot Chili Peppers** deve chegar a um fim. Duas apresentações do grupo estão agendadas para os dias 6 e 7 de outubro, na nova casa de shows paulistana Credicard Hall. Depois de arrebentar no festival de Reading, na Inglaterra – com direito a citação de "London Calling", do Clash, em "Right On Time" –, Anthony Kiedis se prepara para voltar lembrando que "os shows de 1993 com o Nirvana *(no Hollywood Rock)* foram pontos altos em nossa carreira".

## Alegria, gays!

O próprio Roger, do **Ultraje A Rigor**, admitiu que teve dificuldades em hastear o mastro para a revista G. Mas tudo bem, no final das contas deu tudo certo e, depois da ameaça de SHOWBIZZ de setembro, a revista direcionada ao público G revelou o cantor em toda a sua magnitude.


Falcão, Lobato e Yuka soltam os demônios destruindo uma pobre Belina indefesa

# Olha O Rappa!

Falcão, Yuka, Lobato, Xandão e Lauro: brinde com cerveja e Red Bull

Cadeiras da produção e do botequim da esquina foram destruídas na revolta popular

Sábado de sol, no Rio, um grupo de meninos desce o morro e resolve ganhar uma grana. No caminho, passam por uma padaria onde um homem se dispõe a pagar um lanche. Só que o filantropo deixa cair uma nota de 50 reais, um dos moleques se abaixa para pegá-la, o dono da padaria pensa que é assalto e está armada a confusão. Os pivetes são expulsos, o povo invade a padaria, a polícia chega e até um carro é incendiado. A fábula urbana ilustra o clipe da primeira música de trabalho do novo disco d'**O Rappa**, *Lado B, Lado A*, chamada "Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)". O vídeo foi gravado sob um tórrido sol de inverno no boêmio bairro de Vila Isabel, Zona Norte do Rio, com direção de Kátia Lund e fotografia do premiado Breno Silveira.

"A música fala sobre o que significa a paz para cada um de nós; e como ela é bem calma, achei que seria legal esse contraste com a porradaria de uma revolta popular", conta o baterista Marcelo Yuka, autor da letra e um dos responsáveis pelo roteiro do clipe. "Tem que aproveitar essas oportunidades de xingar a polícia sem levar cassetete nem 'nota cinco' ", se divertia o vocalista Marcelo Falcão, antes de explicar, mostrando a mão espalmada, o significado da expressão. Como sempre, o clima entre os integrantes do quinteto era da mais pura galhofa, apesar das duas noites viradas – desde a entrega do VMB, 36 horas antes, em São Paulo – à base de cerveja e do energético Red Bull. Os cinco (além de Falcão e Yuka, o guitarrista Xandão, o baixista Lauro e o tecladista Lobato) aparecem sempre no meio da multidão, ofendendo autoridades e quebrando o que aparece pela frente. Se a edição do clipe permitir, o Brasil inteiro poderá ver o cinematográfico tombo de Lauro no meio da turba, "incentivado" pelo compadre Yuka...

O pequeno Ramon é o fio condutor da história do clipe

Fotos: Ana Paula Oliveira

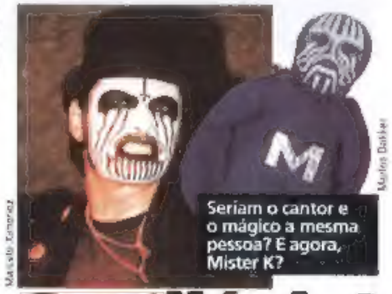
# Volta por cima

Toyshop, aquela banda gringa que faz musiquinhas meladas como "Daydream"? Não. **Toyshop**, aquela banda brazuca que faz "popteenskacore" altoastral e que, depois de cinco anos de contratempos e mudanças, finalmente conseguiu lançar seu disco e emplacar seu som nas rádios. O quinteto – Val Santos e Gabriel nas guitarras, Rodrigo no baixo, Guilherme na bateria e Natasha nos vocais – começou a carreira com o nome de Party Up, sob a tutela do finado selo Banguela. Aí o problema: a companhia morreu bem na hora em que o disco estava prontinho para ser lançado. "Estávamos superempolgados. Fomos para os Estados Unidos gravar e quando voltamos não tinha mais gravadora", lembra Gabriel. Órfãos, eles acabaram na Roadrunner graças à mãozinha de Igor Cavalera. A troca forçou uma mudança de nome. "A Roadrunner achou que Party Up não era legal para o mercado americano", conta Guilherme. "Eles disseram que, se não tivéssemos um nome em 24 horas, não haveria disco. Toyshop surgiu assim, sob pressão." Depois de quase ir morar no meio dos mórmons, no Estado americano de Utah, o Toyshop mudou-se para San Diego e saiu fazendo shows pela Califórnia. "Os mais legais foram os que a gente fez abrindo para o Zebrahead", diz Guilherme. De volta ao Brasil, o Toyshop está vendo seu disco, *Party Up*, vender bem, aqui, na Europa e no Japão. Todos estão se rendendo à voz angelical de Natasha, às melodias festeiras de Val e às letras despretensiosas de Rodrigo.

Valeria Reis

# Spice punk

Meninas bonitinhas com roupinhas estravagantes perguntando "você quer ser meu amante"? Não é bem essa a atual onda de **Mel C**, a Sport Spice. A moçoila, com um visual masculinizado que já rendeu acusações sobre o tamanho de seu pé (que ela não confirma nem desmente), está cantando até o clássico punk "Anarchy In The UK" em suas apresentações solo.


Seriam o cantor e o mágico a mesma pessoa? E agora, Mister K?

Marcelo Ximenez

Marlon Barker

# Sortilégio!

Além das acusações que o levaram à cadeia em Belo Horizonte – uma associação de mágicos mineira considerou ilegal sua prática de revelar os segredos de alguns truques –, o argentino **Mr. M** também pode ser acusado de plágio. Como o público da casa paulistana Sandália de Prata pôde conferir *(ver Ao vivo pag.73)*, o cantor dinamarquês **King Diamond** já tinha inventado aquela maquiagem esquisita muito antes.

# frases

"O Grateful Dead viajava em dois ônibus. Um para quem gostava de ficar doidão e outro para os *junkies*", ***Ben Ottewell***, *cantor do Gomez, no tablóide inglês* Melody Maker

"Sempre vai haver alguém querendo que você grave o mesmo disco várias vezes. Mas e aí? Você vai fazer isso e acabar como os Rolling Stones?" ***Mike Muir***, *cantor do Suicidal Tendencies, na revista americana* Total Guitar

"Se for menino, vamos dar o nome de Lennon, em homenagem a John Lennon – é a escolha de Liam", *a cantora* ***Patsy Kensit***, *grávida de um filho de Liam Gallagher, do Oasis, no tablóide inglês* New Musical Express

"Provavelmente poderia ser seu fã, se soubesse quem ela é", *o velho roqueiro* ***Cliff Richard***, *perguntado pela revista inglesa* Q *se gostava de Marilyn Manson*

"O pagode está caindo, o que está subindo é rock nacional tipo Ultraje A Rigor e Capital Inicial", ***Sabrina Parlatore***, *VJ da MTV, na revista* VIP

"Agora só saio duas vezes por semana. De segunda a quarta e de quinta a domingo", ***Alex James***, *do Blur, no* New Musical Express

"Ela vivia na casa dele, cheirando pó. Era uma coisa perniciosa, uma velha metida com um garotão", ***Lucinha Araújo***, *mãe de Cazuza, sobre a atriz Maria Zilda, na revista* Istoé Gente

"Meditando, ouvi uma entidade chamada Methatron dizer: 'Queremos que você retorne à freqüência das rádios'", ***Carlos Santana***, *na revista americana* Rolling Stone

Santana, a guitarra do Além

Divulgação

# Manequins do pop

**Como se não bastassem os cachês e vendas de discos, agora artistas da música pop engordam o orçamento e ganham roupinhas grátis fazendo propaganda de grifes**

O namoro do universo da música pop com o mundo da moda começou devagar, cerca de uma década atrás – de mãos dadas, as duas passeavam pelo showbiz por meio de artistas como Madonna e Prince, que tinham não só grana mas também estilos personalíssimos e uma irresistível vontade de aparecer. De uns tempos para cá, porém, o tal flerte virou amasso – e dos mais quentes. Artistas como Lauryn Hill (campeã em vendas), Courtney Love (alternativa que foi "cooptada pelo sistema"), o vocalista Mark McGrath, do Sugar Ray, e – pasmem – Kim Gordon, baixista do Sonic Youth (símbolo da pretensa "integridade underground", renderam-se à tentação de ganhar dinheiro e roupas ao mesmo tempo e andam roubando o emprego de modelos internacionais. Veja quem está desfilando nas páginas de revistas e passarelas da música...

## Mark McGrath

O vocalista do Sugar Ray é provavelmente o único artista a receber sem ter de mostrar a cara. Em vez do rostinho bonito, ele emprestou as costas tatuadas – que aparecem em anúncios de uma famosa marca de mochilas. Ele também está participando da campanha publicitária da Levi's americana.

## Sheryl Crow

Ela foi uma das primeiras artistas a aceitar roupas com patrocínio em uma turnê – em 1997, seus shows tinham a assinatura do estilista Tommy Hilfiger. Tommy ganhou exposição com os *banners* colocados junto ao palco, Sheryl ganhou modelitos e mais modelitos para usar nos shows e o público ganhou ingressos a preços mais acessíveis.

## Kim Gordon

Depois que a mama alternativa se rendeu à Calvin Klein posando de salto alto e pernas de fora, tudo pode acontecer. Liz Phair, Jon Spencer, Melissa Auf Der Maur (Hole) e Shirley Manson *(ao lado)* foram outros da tribo que "se venderam".

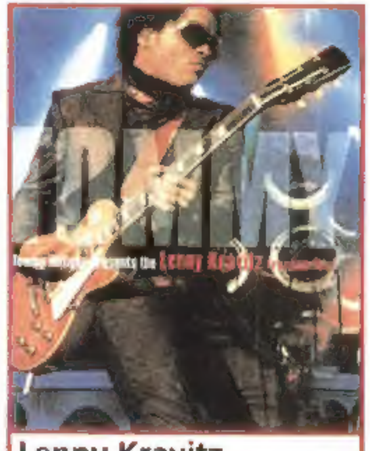
## Shirley Manson

A vocalista do Garbage é daquelas que nunca virariam modelo se não fosse a fama vinda da música. Baixinha e franzina, ela agora está nas revistas e outdoors, emprestando atitude à nova coleção da Calvin Klein.

Fotos: Reprodução

## Lauryn Hill

Badaladíssima, a cantora foi parar na lista das 100 pessoas mais bem vestidas do mundo. Miudinha e bonita, ela tem estilo. Mas o principal motivo da Levi's estar patrocinando sua turnê americana é: Lauryn vende muuuito.



## Lenny Kravitz

A turnê americana que o cantor de "Fly Away" está finalizando este mês, ironicamente batizada de *Freedom Tour* (turnê da liberdade), também leva a assinatura do onipresente Tommy Hilfiger.

Milton Tavares

## Crias de senador e sexóloga

**DNAs iguais, opções musicais totalmente diferentes. Os irmãos Supla e João Suplicy conversaram por meio de nossa reportagem e mostraram que, em comum, eles só têm a vontade de fazer música.**

### De JOÃO para SUPLA

**Como você define o som da Supla Zoo Style, sua nova banda?**
Punk, jungle boats, hip-hop e rock'n' roll. É o resultado de tudo o que vivi, passando pelo Tokyo e pelo Psycho 69.

**Você mora em Nova York há quatro anos. É possível acompanhar a cena brasileira mesmo estando longe?**
Sim. Ouço pela Internet, recebo CDs dos amigos e sempre que venho ao Brasil dou uma boa olhada. Gosto do Planet Hemp, Lobão, Olho Seco, Raimundos. Vi Chico Science em Nova York e gostei muito.

### De SUPLA para JOÃO

**Como você define seu estilo musical neste primeiro trabalho, *Musiqueiro*?**
É uma mistura eclética, assim como o meu gosto musical. Gosto de misturar ritmos e estilos.

**Você era roqueiro e agora virou MPB. Por que essa mudança?**
Por sua causa, sempre ouvi muita música americana e inglesa em casa. Só quando entrei na adolescência é que comecei a me interessar mais pela música brasileira.

**Quando você vai voltar ao corte de cabelo punk de dez anos atrás?**
Você morre de saudades, né? Quando você posar para a *G Magazine*, prometo que eu raspo o cabelo de novo.

# notas

### Portas abertas

**Vem aí um tributo aos Doors, com os ex-integrantes Ray Manzarek, John Densmore e Robbie Krieger e mais um monte de gente boa. O Cult vai gravar "Wild Child", o Smash Mouth manda "Peace Frog" e o bluesman John Lee Hooker, em "Roadhouse Blues". O Creed, que contou com Krieger em sua apresentação no Woodstock, grava "Riders On The Storm" ao lado dos três ex-companheiros de Jim Morrison.**

Reprodução

Jim Morrison ganha tributo

### Recife quer rock

**A produção do Abril Pro Rock está à cata de bandas para sua edição 2000. Quem se habilitar pode mandar material para a Caixa Postal 1030 - Agência Central – Recife - PE - CEP 50001-970.**

### Guigsy está fora

**Depois da saída do guitarrista Paul "Bonehead" (comentada na última edição), foi a vez do baixista Paul "Guigsy" McGuigan pedir as contas do Oasis. Guigsy alegou os mesmos motivos que seu amigo Bonehead: quer dedicar mais tempo à família. A data de lançamento – 8 de fevereiro – do novo disco não deve ser adiada. Possíveis substitutos: John Squire (ex-Stone Roses), Nick McCabe e Simon Jones (ambos ex-The Verve).**

### Adeus, Bedeu

Reprodução

Bedeu: grande perda do suingue

**Enquanto chegava às bancas a edição de SHOWBIZZ com a reportagem sobre o samba-rock, em agosto, morria em Porto Alegre um expoente do gênero, Jorge Moacir da Silva, o Bedeu, tombou vítima de meningite no dia 5 de agosto, aos 49 anos.**

### John Paul Jones: CD solo

**John Paul Jones finalmente vai lançar um disco solo: *Zooma*, totalmente instrumental. Nele, o ex-Led Zeppelin toca vários instrumentos, mas o principal é uma versão baixo da guitarra steel.**

# A volta dos alegradores

No escurinho, iluminados por Dudu Marote: Marcelo, Alexandre, Rodrigo e Alessandro

Talento, amigos bacanas, bom humor e um miniestúdio de edição no apartamento do vocalista Rodrigo Leão. Com essas "ferramentas", o grupo **Professor Antena** está dando os toques finais em seu novo trabalho, ainda sem nome ou gravadora definidos. Rodrigo – parceiro de Samuel Rosa em "Saideira", sucesso do Skank – entusiasma-se ao falar de seus brinquedinhos caseiros. "É o mesmo equipamento que o Lenny Kravitz usou para fazer seu último disco", garante.

A parceria de Rodrigo com o *brother* Samuel Rosa deve render novos frutos no próximo trabalho do Skank. Enquanto isso, as gravações do Professor Antena rolam em São Paulo, no estúdio de outro superamigo, Dudu Marote, badalado produtor do próprio Skank e do Pato Fu. "Era para o Dudu produzir nosso disco também, mas ele estava cheio de trabalho, sem tempo. Para compensar, ele liberou o estúdio e deu toques importantíssimos", conta Rodrigo.

Ao contrário do primeiro álbum, de 1994 – "onde nós tentamos fazer uma faixa de cada jeito" –, este novo trabalho (no ano passado saiu também um single, "Pipoco", pela WEA) vem com uma cara mais definida. "Tentamos sintetizar as nossas diversas influências para chegar a um só som", explica o baixista Marcelo. Essas influências englobam "black music sarada" (preferência do bateria Alexandre Caparroz), blues (pelas mãos do guitarrista Alessandro Delicato) e até samba-rock (contribuição de Rodrigo).


Hmx!
apresenta:

Ataque Sonoro
Coletânea Punk Nacional

Skabadabadoo!
Coletânea Ska Internacional

Invasores de Cérebros
1º CD

Grinders
CD com faixas bônus

Distribuição Exclusiva
Aguarde novos lançamentos!

The Toasters
Hard Band For Dead

The Toasters
D.L.T.B.G.Y.D.

Visite nossa loja:
Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Loja 344 - São Paulo, SP - CEP: 01041-000 - Fone: (0XX11) 220 7705
Preços especiais para lojistas

CD GRÁTIS!

POR APENAS
R$ 4,99
SHOWBIZZ ESPECIAL

# Históricas ironias

Enquanto Brasília prepara um memorial para Renato Russo, CD e vídeo *Acústico MTV* da **Legião Urbana** mostram um ídolo debochado e temperamental sendo solenemente cultuado

por Bernardo Araujo*
Ilustrações: Angelo Abu

...ato ameaçou tocar ...nudo e cumpriu

"Que nada, gente, esse negócio de timidez é tudo ensaiado!", diz Renato Russo a certa altura do show. Em um pequeno palco, envolto por com... tod... integrantes do ... clube, a Legião Urbana gravava no dia 28 de janeiro de 1992, o segundo *Acústico* da história da MTV brasileira e o primeiro de uma banda de pop rock – João Bosco havia sido o precursor. A gravação aconteceu no extinto Hippodrommo, no bairro paulistano de Perdizes, casa famosa pela es... ma de "caveira de burro" – aquele lugar onde nada dá certo, por mais que mude de nome, decoração ou público alvo. Desde então seu endereço já abrigou, entre outras coisas, uma igreja evangélica, e hoje é... bingo!

A Legião estava lançando seu quinto disco, *V*, e Renato tinha esperanças de não sair em turnê. "Você nunca sabia o que podia acontecer em um show da Legião. Renato podia não aparecer, dar chilique, passar mal... O Dado dizia que eles viviam sob tortura", lembra Dinho Ouro Preto, cantor do Capital Inicial, conterrâneo e amigo dos legionários que compareceu ao Hippodrommo naquela tórrida tarde de verão. A p... incluía também o cantor inglês S... a escalado para o Hollywood Rock daquele mês – ele estava estourado com "Crazy" – e o então VJ Luiz Thunderbird, que, reza a lenda, chorou de emoção. "É verdade que eu me emocionei, mas não me lembro desse detalhe. Eu e o Rogério fomos os únicos a ver a ... ssagem de som... que durou umas quatro horas. Pedi para tocarem 'Pais E Filhos', uma das minhas músicas favoritas, e, no show, Renato a dedicou a mim, dizendo: 'Esta vai para Th... ...bird' ... seu p...

## "O Dado dizia que eles viviam sob tortura"

*Dinho Ouro Preto*

...Foi ...ado", atesta o cantor da banda Devotos De Nossa Senhora Aparecida.

É público e notório que Renato não gostava de cantar ao vivo – depois de certo ponto da carreira, só fazia isso em último caso. Na apresentação para a televisão, ele dava pistas. "Gente, comprem o disco! Ajudem. A gente só vai sair em turnê depois de vender uns 2... ou 300 mil, senão fica aquele pessoal ... na fr... te, *voz fina e enjoada* ... Ainda É Cedo..."

### MENUDO, MITCHELL E YOUNG

Por outro lado, é bem verdade que ... parecia à vontade no pequeno palco. "Me lembrou os tempos do Renato Trovador Solitário, entre o f... nal do Aborto Elétrico e o começo da Legião, quando ele se apresentava sozinho cantando músicas que contavam histórias tipo 'Faroeste Caboclo' e 'Dado Viciado'", lembra Dinho.

No disco, o tal trovador fala pelos co... tovelos, como sempre – ele chega a tangenciar o assunto da Aids, dizendo: "Tanta coisa acontecendo... olha gente, isso é sério, safe *sex or no sex at all* (sexo seguro ou sexo nenhum)" –, brincando e tocando até música do Menudo. Menudo? Pois é. Naque... ...a em que os porto-ri... quenhos já não estavam no auge e Ricky Martin engatinhava em carreira solo, e e desencavou "Hoje A Noite Não Tem Luar" (no original, "Hoy Me Voy Para Mexico") e a cantou, sozinho ao violão. "Não foi brincadeira, tipo tocar jingle de sucrilhos, não. Ele gostava mesmo da música, que aliás nem fez muito s... lembra Dado. Ao final Renato pergunta: "Não é bonitinha?" e confessa: "Me emocionei".

A inesperada versão não foi ao ar com o especial da MTV, e nem deveria ter entrado no CD. Antes de cantar, Renato pergunta aos técnicos: "Não está gravando não, né?", e recebe uma resposta afirmativa. "Resolvi gravar tudo para poder fazer alguma coisa mais tarde. Se eu não tivesse feito, provavelmente não haveria disco", gaba-se o engenheiro de som Egídio Conde. Dado Villa-Lobos, porém, desm... ...ente sua versão *(veja boxe)*.

### PIADAS E CHILIQUES

Além de Ricky, Ray, Roy, Robbie e Charlie, foram lembrados outros favoritos do Renato: o Buffalo Springfield (banda que ... com Neil Young antes de sua carreira solo), com "O... The Way H...me", que se funde a "Rise", do pós-punk Public Image Limited, a cant... dense Joni Mi... "Pretty Lies", e a distorção ... do ... sus & The Mary Chain, lembrado com "Head On" (gravada também pelos Pixies). O repertório da Legião aparece numa seleção bastante criteriosa. As quatro primeiras músicas são dos quatro primeiros discos e em ordem: "Baader-Meinhof Blues", "Índios", "Mais Do Mesmo" e "Pais E Filhos". Nada de "Será" (Renato, em certo momento, debocha do sotaque baiano de Simone – que registrou a canção – cantando "nos *perderemos* entre *monstros*...", e depois confessa: "Prefiro a versão da Cássia Eller"), "Geração Coca-Cola" ou outros hits óbvios. Entram mais algumas músicas de *V*, como "Sereníssima", "Metal Contra As Nuvens" e "O Teatro Dos Vampiros", além de outras faixas conhecidas dos discos anteriores.

No final da gravação ele estava ▶

## "Morte aos necrófilos!"

Renato é auxiliado durante a longa gravação

Uma rara apresentação, sem músicos convidados

# *"Renato vivia cercado por falsos amigos, que o roubavam"*

*Carminha Manfredini*

feliz da vida todos comemoraram muito", lembra Rogerio Gallo que dirigiu o programa ao lado de Marcelo Machado. "A banda estava no auge e muitos assessores cuidando de tudo" recorda o diretor musical do evento Pena Schmidt. Mas nem todo mundo concorda com o tal clima de total paz e tranqüilidade. "O Renato ficava nervoso bravo, criou um clima tenso em vários momentos dos ensaios e da gravação", lembra Marcelo. O ex-técnico de som da MTV Daniel Billio recorda um pequeno piti do cantor. Ao repetir uma música, um operador de som, atrás do palco e bem distante da banda, comentou: "Pô, na gravação do João Bosco foi tranquilo, tudo de primeira". Para surpresa de todos, Renato ouviu e mandou na lata: "É mas eu tô errando aqui e vou repetir quantas vezes for necessário até acertar".

## "SILÊNCIO RESPEITOSO"

No final de outubro, o publico poderá levar para casa este *Acustico* em CD e vídeo – oito anos depois da gravação e a veiculação na MTV. "Nunca tivemos pressa para lançar isso, já tínhamos um disco ao vivo, o *Música Para Acampamentos*", lembra Dado, que foi a Los Angeles com o companheiro Marcelo Bonfá para a mixagem. "Foi simples porque afinal eram só dois violões, uma voz e uma percussão eventual", lembra o baterista. "É verdade que o som da voz vazava no microfone do violão e vice-versa, mas deu para acertar tudo."

O processo de masterização se deu no estúdio de Bernie Grundman, um dos mais badalados profissionais dos Estados Unidos (com discos de Michael Jackson no currículo).

Antes da gravação, a banda ensaiou por seis horas seguidas, e o resultado é emocionante e tecnicamente bem satisfatório. Claro, há alguns errinhos como na imensa letra de "Faroeste Caboclo" (Renato gagueja ao falar "quem brinque com um Peixes de ascendente Escorpião"), que fecha o CD. Bem que Renato avisa antes, escolhendo bem o verbo: "Vamos tentar Faroeste". Detalhes são aqueles erros que só os músicos percebem. O público continua boquiaberto. "Vocês são muito gentis, eu errei pra caramba", diz ele, que nada tinha de auto-indulgente, ao agradecer os aplausos para a belíssima versão acústica de "Índios".

O álbum tem uma particularidade em relação a discos ao vivo em geral e, especialmente, às apresentações da Legião: afora os aplausos e algumas participações (tímidas) nas conversas de Renato, o público permanece silencioso num respeito [illegible]. Os [illegible] eram como a beatlemania ou um culto evangélico, o público berrava de uma maneira tão histérica que às vezes abafava o som da banda. Nessa apresentação acustica aconteceu o contrário, uma missa medieval, com todo mundo querendo ouvir tudo e não soltando um pio" define Dinho.

## UM MEMORIAL PARA RENATO

Todo mundo adorava a Legião Urbana, tanto o público quanto a equipe técnica. O silêncio partiu mesmo dessa adoração, não houve nenhum pedido da MTV para que as pessoas ficassem quietas", diz o diretor Marcelo Machado. Dado Villa-Lobos, mais uma vez, tem outra versão (*veja boxe*).

Controvérsias, grandes ou pequenas, sempre acompanharam a Legião e suas várias formações (além de Renato, Dado e Bonfá, a banda foi acompanhada, ao vivo, por diversos tecladistas, baixistas e guitarristas). O incidente mais lamentável foi o da apresentação no Estádio Mané Garrincha, em Brasília, em 1988, quando uma apresentação interrompida foi seguida por tumulto. "Foi lamentável, aquilo fez o Renato odiar ainda mais os palcos", lembra Fernando Artigas, produtor do espetáculo e amigo pessoal do Leader. No lado dos pais de Renato, Renato e Carminha Manfredini e da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, Fernando é um dos articuladores do Memorial. Renato Russo [illegible] para ser inaugurado em abril do ano que vem.

Já existe, claro, um Espaço Cultural Renato Russo, onde acontecem shows e oficinas na quadra 508 Sul da capital. "Agora o projeto foi encampado pela Secretaria de Cultura e vamos usar uma das salas para o memorial, que terá os óculos, roupas e alguns objetos do Junior", conta dona Carminha. Ela lamenta que o filho vivia cercado de "falsos amigos" que roubavam seus pertences. [illegible] premiados e clusivo da BIZZ, mas acabou sumindo

Renato recebe "aquele" trato durante a gravação

Lalo Hirsh

tudo." A gravadora EMI-Odeon e amigos do cantor em Brasília e no Rio serão entrevistados pela curadora Sônia Paiva. "Depois vamos contratar um museologo que organizará a exposição", adianta a secretária de Cultura do Distrito Federal, Luiza Dorna. A idéia é inaugurar o memorial como parte das comemorações dos 40 anos de Brasília.

***Colaborou Andrea Estevam**

## A herança do cerrado

Bando Vermelho

Zélia Duncan


Jerry Adriani

# A FORÇA DO MOVIMENTO

**Revelando uma leva de novos talentos e cada vez mais organizado, o hip-hop brasileiro veicula idéias explosivas**

por S

É quase uma lenda. Corria o ano de 1995. O rapper americano Ice-T havia chegado ao Brasil para shows com seu projeto paralelo de rock pesado, o Body Count. O autor de "Cop Killer" queria conhecer rappers daqui, e Primo Preto, então apresentador do programa *Yo! MTV Raps*, o levou até a região do Capão Redondo (Zona Sul de São Paulo) para um passeio com Mano Brown, dos Racionais MC's. A certa altura, o americano, estava impressionado com as imagens de pobreza que via, Brown aproveitou a deixa: "E então? Você não acha que era aqui que o rap deveria ter nascido?..." Ice-T ficou sem palavras.

Pois é: em matéria de inspiração, o hip-hop nacional é até mais que Primeiro Mundo. É impossível ignorar a projeção que o gênero alcança hoje no Brasil. Depois do estouro dos Racionais no ano passado, não param de surgir nomes com talento em rimas e batidas. Vagas como DMN e Posse Mente Zulu, só surpreendem quem chegou no meio da festa. São veteranos que "pegaram a "bater lata" na estação São Bento do metrô, onde os primeiros manos se reuniam na década de 80. Outros, como De Menos Crime, Consciência Humana e RZO, já conquistaram gente como os roqueiros santistas do Charlie Brown Jr., que costumam convidá-los para abrir seus shows em São Paulo.

E não pense que os grupos são todos cria dos Racionais. A diversidade de discursos e estilos é crescente. Grupos como o RZO têm adaptado técnicas vocais americanas, inspirados em artistas como Busta Rhymes e Redman. O resultado, como atestam as 200 mil cópias vendidas do single "O Trem", de 1997, é só sucesso.

Além de tentar espelhar a desigualdade econômica e social do país, as letras e idéias do movimento hip-hop influenciam uma parte a cada vez maior de jovens. A música passa a ter um peso positivo até na atual geração. E o que é mais impressionante: ao contrário das canções de protesto da década de 60, escritas em sua maioria por jovens ligados ao meio universitário, como Chico Buarque ou Caetano Veloso, o rap é feito por quem nasceu nas favelas, cohabs e cortiços das grandes cidades brasileiras. Os novos ídolos são muitas vezes filhos de empregadas domésticas, lavadeiras, porteiros, seguranças, pedreiros.

Acima, os veteranos Rappin Hood, Johnny MC e DJ Marco, do Posse Mente Zulu; ao lado, Gaspar, do Záfrica Brasil

### MOVIMENTO NEGRO NO RAP

"O rap é uma pista para perceber que a ruptura social no Brasil está ficando cada vez mais grave", aponta o antropólogo Pedro Guasco, da USP, que prepara a tese "Num País Chamado Periferia", resultado de uma pesquisa que incluiu quatro meses morando na região do Capão Redondo. Aos poucos, o hip-hop brasileiro se aproxima da organização partidária e dos cargos efetivos. Pouco antes das últimas eleições, um evento no centro de São Paulo reuniu mais de 10 mil jovens para um show de rap que lançava o apoio oficial do movimento aos candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT). O momento mais esperado foi quando Mano Brown ergueu o braço de Lula, depois de dizer que a escolha era entre ele e "o playboy", referindo-se ao presidente Fernando Henrique Cardoso. O próprio Brown já chegou a ser cotado pelo PT como possível candidato.

Um outro setor do qual o rap brasileiro se aproxima cada vez mais é o movimento negro. "O hip-hop é hoje um de nossos braços mais importantes", diz Milton Barbosa, um dos fundadores do MNU (Movimento Negro Unificado), uma das maiores organizações do gênero no país.

Desde seu surgimento, nos anos 70, numa Nova York violenta como nunca (inspiradora de filmes como *Desejo de Matar*), o rap impôs a discussão da questão negra. Os EUA viviam então a ressaca de conflitos raciais que incluíram desde o pacífico movimento pelos direitos civis de Martin Luther King até a militância armada dos Panteras Negras.

No Brasil, o debate se intensificou após a projeção do grupo americano Public Enemy, na segunda metade dos anos 80. Seus raps mostraram um novo mundo de idéias para os rappers brasileiros. Grupos como Racionais e DMN admitem que KRS-One & Cia. como influência maior. Os ícones Malcolm X e Martin Luther King tornaram-se leitura de cabeceira.

Essa importação de idéias incomoda muita gente até hoje. O sambista Nei Lopes, estudioso da cultura negra, autor de seis livros sobre o tema, considera o rap "uma moda, uma imitação que não se baseia numa forma brasileira. As formas de expressão, para serem revolucionárias, têm que ter nelas mesmas um conteúdo de transformação. Não basta cantar ao som de uma música americana".

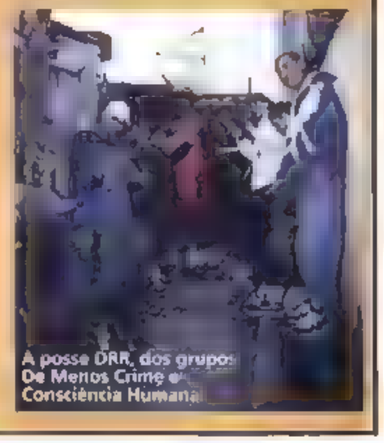
Mas o que põe realmente o dedo na ferida é o ataque que muitos rappers fazem hoje à miscigenação, especialmente nos casamentos interraciais. "Isso é equivocado até nos EUA", combate Lopes. "Os judeus casam com judeus, os japoneses com japoneses, por que todos vêm em cima quando os pretos falam em se casar com pretos?", pergunta KLJay, dos Racionais. ▶

## "Ladrões" unidos

"É Deus no céu e nois na fita!" O bordão, inspirado em um verso dos Racionais, é disseminado pelo locutor Nuno Mendes, que apresenta na 105 FM o *Espaço Rap*, programa diário que, entre às 17h e às 22h, tem chegado ao terceiro lugar de audiência na Grande São Paulo – primeiro em Campinas –, tocando praticamente só rap nacional. Regularmente, Nuno lê mensagens de ouvintes na base do "eu queria mandar um salve para os manos do X 84", X, na gíria de cadeia, é a cela. E são muitas as cartas que vêm dos presídios de toda a região. As vezes, mais da metade das que Nuno lê toda noite.

"Quem está na cadeia gosta de ouvir a verdade; ninguém lá fica ouvindo E O Tchan", ataca o rapper W-Gi, do Consciência Humana, de São Mateus, Zona Leste de São Paulo, que já fez vários shows em penitenciárias e unidades da Febem. É um tipo de trabalho social sem sombra de demagogia. A música-título do último CD do Consciência, "Entre A Adolescência E O Crime", que já vendeu cerca de 70 mil cópias, foi composta justamente por um rapper que passou nove anos preso.

É difícil encontrar um grupo de rap brasileiro em que não haja pelo menos um caso de um parente ou amigo que está ou esteve "do outro lado do muro". Não por acaso, "ele ai, ladrão?" é hoje o cumprimento da moda no hip-hop em São Paulo. "É como o *nigger*, termo antes pejorativo que os brancos americanos aplicavam aos negros e que estes subverteram a seu favor. Entre amigos, um negro pode chamar o outro de *nigger*, mas um branco não pode fazê-lo sem causar ofensa", explica o antropólogo americano Derek Pardue, que pesquisa semelhanças entre o hip-hop brasileiro e o dos EUA. Com "ladrão" acontece a mesma coisa. Já dizia o velho ditado racista, que as pessoas fingem não conhecer: "Preto parado é suspeito, correndo é ladrão".



A posse DRR, dos grupos De Menos Crime e Consciência Humana

**"Culpa os pais por ser assim/ E diz 'vocês fizeram muito pouco por mim'/ Só queria ter de tudo pra não dar valor/ E ver o mais pobre te chamar de senhor/ Igual a todo playboy que está no poder/ Não sabe quanto custa um pão pra sobreviver"**

**DMN, "N. Aço"**

**1971**

O DJ jamaicano Kool Herc introduz no Bronx nova-iorquino as "block parties", festas comunitárias inspiradas nos *sound systems* de seu país natal

**1979**

O grupo Sugar Hill Gang lança "Rapper's Delight", considerado o primeiro registro fonográfico de um rap

**1980**

Gerson King Combo lança a "Melô Do Mão Branca"; Miele canta a "Melô Do Tagarela" – descontado "Deixa Isso Pra Lá", de Jair Rodrigues (1964), são os primeiros raps nacionais

**1982**

Grandmaster Flash, o arranhador de discos que inventou o que hoje se chama DJ, lança "The Message", abrindo caminho para o rap como música de protesto social

**1983**

O Run-DMC, grupo que seria pioneiro na fusão de rap e rock, lança seu primeiro álbum, *Rock Box*

**1984**

O filme *Beatstreet* é lançado no Brasil; Nelson Triunfo e seus dançarinos levam o break às ruas de São Paulo, no marco inicial do hip-hop no país; começam os encontros de *b. boys* no metrô paulistano

# Imortais do hip-hop

A maioria dos que assistiram ao show do trio paulistano Nitro no festival Dulôco 99 – Cultura Hip-Hop Em Festa não entendeu nada quando Thaíde, um dos pioneiros mais queridos do hip-hop, subiu ao palco e soltou no meio de um improviso: "A Academia Brasileira de Rimas é minha nova família". Academia?

A idéia do nome surgiu pouco depois da morte do dramaturgo Dias Gomes. Paulo Napoli, MC do grupo Nitro, explica: "Quando ele morreu, falava-se muito sobre a Academia Brasileira de Letras. Então eu pensei que nós *(rappers)* também escrevíamos letras, ou melhor, rimas... dei a idéia pro Max e assim surgiu a Academia". Até agora, seis MCs de diferentes grupos integram a ABR: Napoli (Nitro), Max (Cartel SP), Akintech (Alphabetos), Kamau (Consequência), Tio Fresh (SP Funk) e Thaíde.

Os membros da Academia Brasileira de Rimas têm algo em comum: a habilidade no *freestyle* (improviso). Mas este não é o único critério para fazer parte da Academia. Exigem-se "boas letras e cabeça aberta". O projeto é ambicioso ("a gente não quer faturar, até porque cada um tem seu grupo", diz Napoli), pela vontade de injetar um novo tipo de informação no hip-hop nacional. "A idéia é trazer de volta os quatro elementos da cultura hip hop (break, grafite, DJs e MCs) para renovar a parada, numa espécie de contraproposta ao cenário rap atual... É hora de parar um pouco de falar só de polícia e violência, a gente quer transmitir informações que não chegam na periferia, como Internet, política, manipulação da mídia etc."

Napoli estuda Jornalismo, Kamau cursa Matemática em Rio Claro, Akintech faz cursos na ESPM. Fato incomum quando se pensa em rap, "a voz da periferia". A chance de estudar é vista como fonte de conhecimento a ser compartilhado. "A faculdade ajuda, mesmo com dificuldades, a obter informação e passar pra molecada nas letras. É um tipo de malandragem que não se aprende na rua", diz Napoli. Existe ainda a vontade de realizar projetos com crianças de rua – como a criação de uma escolinha de rimas –, trabalho que já é executado por diversas oficinas de hip-hop.

A Academia Brasileira de Rimas está só começando e promete não ser apenas mais um grupo de rap. Seis MCs de diferentes estilos, dividindo as rimas, difundindo novas idéias, unindo velha e nova escola. Comprovando o que já havia nos ensinado o professor Thaíde: o hip-hop não para.

*Lulie Macedo*

Para a professora Lilia Schwarcz, do departamento de Antropologia da USP, a resposta está na apologia ao mestiço, que foi alçado a símbolo da brasilidade a partir da década de 30. "Essas idéias hoje difundidas pelo rap já existiam, só que eram caladas pelo discurso oficial, que passou a defender a miscigenação. Novidade é esse discurso virar moda", diz Lilia.

O que mais horroriza os críticos do rap é a possibilidade dessa auto-afirmação se converter em racismo. Pois Gaspar MC, do Záfrica Brasil, um dos poucos rappers brancos (loiro de olhos verdes) em São Paulo, diz que sim, existe preconceito racial no hip-hop. "Já chorei muito por causa disso. 'Você é um branquinho querendo fazer som de preto', me diziam. Hoje sou mais aceito." Mesmo assim, ele diz não ter ressentimentos. "Eu entendo porque é um problema que tem 500 anos. Ninguém quer saber se o papa é virgem,

Thaíde & DJ Hum, dupla de rappers que aceita aparecer na Globo

ele tem é que reparar os erros que a Igreja cometeu ao longo da história."

O discurso "segregacionista" também existe em tons menos agressivos. "O problema é que tem negro que vê a loira como status, igual a um carro importado", aponta LF, do DMN. Até mesmo o famoso verso de Mano Brown, "preto e branco pobre se parecem mas não são iguais", de "Racistas Otários Nos Deixem Em Paz", é reinterpretado por Sandrão, do RZO. "Negro e branco pobre só não são iguais no olhar da sociedade. Na periferia não tem diferença", diz ele.

A partir do momento em que [illegible] amor e respeito mútuo, eu não vejo nada de errado numa união entre um negro e uma loura", diz o veterano Thaíde, reproduzindo a voz da razão. Ele busca na história do Brasil justificativas para sua posição: "Palmares deixou o exemplo. Lá se reuniam todos os marginalizados, não só negros, mas também brancos e índios. Quem controlava a política eram os negros, e nem por isso havia exploração ou desigualdade."

### COMUNIDADE X MIDIA

Sucesso é rodar um [illegible] na favela [illegible] do", [illegible] RZO. Apadrinhados pelos Racionais, esses rappers de Pirituba, Zona Oeste de São Paulo, lançaram há dois meses *Todos São Manos*, seu primeiro álbum oficial pela Cosa Nostra, gravadora de Mano Brown & cia. O pensamento deles expressa bem a revolução que o rap empreende na estrutura da mídia. Em vez de TVs, revistas e jornais, os rappers dão preferência para rádios comunitárias, fanzines e a propaganda boca-a-boca dos espaços freqüentados pelo público de periferia. O próprio RZO tem um rap em homenagem às rádios comunitárias em seu CD.

Recentemente, o programa *Globo Repórter* dedicou uma edição inteira ao hip-hop. Mesmo assim, o repórter Caco Barcellos teve de explicar que, infelizmente, os Racionais não davam entrevista para grandes canais de TV. Thaíde & DJ Hum foram praticamente os únicos rappers de renome que apareceram. "Muitas vezes é melhor falar do que dar espaço para outros que podem dizer besteira. A mídia é inevitável, a gente é que tem de saber manipular", raciocina Thaíde.

[illegible] mídia paralela" que o rap criou não para de crescer. A cada ano, mais selos independentes são criados. O grupo GOG, de Brasília, tem o Só Balanço. Thaíde & DJ Hum, o Brava Gente. KL Jay é sócio da [illegible] Cosa Nostra. 4P (com Xis, ex-MC do grupo DMN, agora formando dupla com Dentinho) e Raízes (com Kappin Hood, da Posse Mente Zulu). Alguns grupos têm ▶

Mano Brown, do Racionais MCs: contra a apologia da mestiçagem vigente na cultura brasileira

"O sino da igrejinha faz belem-blem-blom/ Mente Zulu, quem tá na área se liga no som/ Deu meia-noite, o galo já cantou/ Seu Tranca-Rua é que é dono da gira/ Ô corre gira, que Ogum mandou"

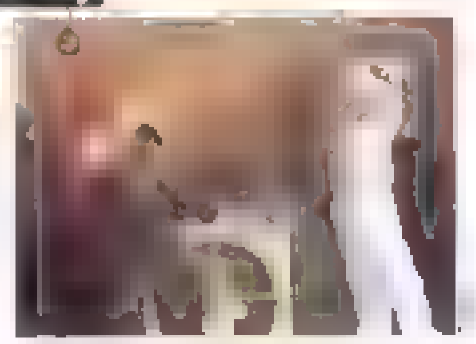
Posse Mente Zulu, adaptação de ponto de umbanda, cantada no início dos shows

**1986**

Os garotos brancos do **Beastie Boys** são o primeiro grupo de rap a atingir o topo das paradas americanas

**1987**

O **Public Enemy**, um dos símbolos do movimento negro no rap, estréia em "Yo! Bum Rush The Show"



**1988**

Coletâneas de rap em São Paulo lançam os pioneiros Thaíde & DJ Hum e os Racionais MC's, que se consagrariam em todo o Brasil na década seguinte

**1989**

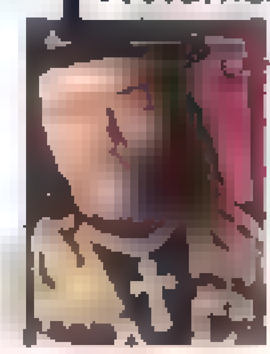
Os californianos do NWA (Niggers With Attitude) prenunciam a ascensão do gangsta rap com seu segundo álbum, *Straight Outta Compton*; no Brasil, surgem o MH2O e as posses, por iniciativa de Milton Salles

**1990**

Racionais lançam seu primeiro álbum, *Holocausto Urbano*; Chuck D, do Public Enemy, diz que "o rap é a CNN negra"

**1992**

A Warner recolhe o disco de estréia do grupo Body Count, projeto do rapper **Ice-T**, depois que a opinião pública americana condena "Cop Killer"; o álbum é redistribuído sem a faixa



**"E você, mulher preta que com playboy se engana/ Ele só quer saber se você é boa de cama/ Não se iluda com moto, carro, cabelo louro/ Na verdade ele só quer furar seu couro"**

**MV Bill, "Pare De Babar"**

optado pelas multinacionais ou por grandes selos de rap, principalmente para distribuir discos. As estrangeiras organizam pequenos selos, cujo controle é entregue a pessoas do meio hip-hop. É o caso da Sony, que criou o Black Groove, a cargo de Primo Preto. "O rap é um som que você tem que viver. No samba, ainda dá para mentir, mas no rap não", explica William Santiago, diretor artístico da Zâmbia, uma verdadeira Motown brasileira, responsável pelo lançamento dos Racionais e do Negritude Jr., entre outros. "Independência, no seu próprio selo, vem em todos os sentidos: você sabe quantas cópias prensou, divulga seu trabalho, dá entrevista para quem quiser, vai aonde bem quer", argumenta KLJay.

O surgimento dos selos tem possibilitado a emergência de grupos como o Posse Mente Zulu, cujo maior hit é um rap do MC Rappin Hood de 86: "Sou Negrão". Por que tanta demora? "Por causa de um monte de gente safada que só quer saber de lucrar em cima dos grupos", diz ele.

Para driblar os problemas há uma "cooperativa" surgindo: a Companhia Paulista de Hip-Hop, iniciativa do MH2O (Movimento Hip-Hop Organizado) e de seu idealizador, Milton Sales, produtor que ajudou a criar os Racionais. A Companhia congrega cerca de dez grupos. Seu primeiro lançamento foi o single *H Aço*, do DMN, que ficou mais de cinco anos sem gravar depois do sucesso do LP *Cada Vez Mais Preto*, de 1994. Um single solo de

Os MCs Helião e Sandrão, do RZO

Edi Rock, dos Racionais, virá em breve

Coletâneas organizadas pelos artistas de maior sucesso, dando um empurrãozinho para grupos iniciantes, também têm revelado talentos. É o caso da *Rima Forte*, com produção do DJ Hum, que traz SP Funk e Pseudônimos MCs, ou do CD *GOG Convida*, com grupos do Distrito Federal.

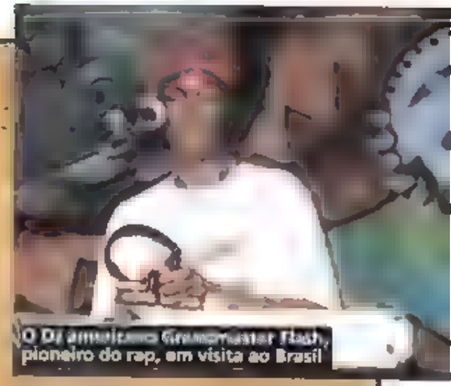
Esse trabalho em equipe não é novidade. Em 1989, quando surgiu o MH2O, a principal recomendação para os grupos de rap, gangues de break e grafiteiros era a formação de posses, associações que congregassem jovens para desenvolver a cultura hip-hop, além de atividades comunitárias que pusessem em prática os ideais do movimento.

Das dezenas de posses que surgiram naquela época, muitas existem até hoje mesmo reduzidas. Os grupos De Menos Crime e Consciência Humana, de São Mateus, fazem parte da D.R.R. (Defensores do Ritmo Rua, ou Domínio do Raciocínio Real.) O Posse Mente Zulu, hoje com três integrantes, era uma posse com quatro grupos, na região do Ipiranga.

O Zâfrica Brasil também participa de uma posse desde o ano passado, a Conexão de Rua. Em recente viagem à Itália, o grupo gravou até um CD. Detalhe: os sabiam do Brasil sem arranhar sequer um portunhol e participaram de quarenta eventos graças ao apoio do hip-hop italiano, o que mostra o caráter internacionalista do movimento – a gente aí lembrou o velho socialismo?

Os shows dos Racionais e de outros grupos não têm reunido menos do que 5 mil pessoas Brasil afora. As festas promovidas semanalmente pela emissora 105 FM em São Paulo e no interior do estado chegam a atrair 5 mil pessoas, mesmo sem a presença de astros como Mano Brown. Em março, o 1º Festival Internacional de Rap produzido em São Paulo por Ice Blue, outro Racional, teve mais de 15 mil pagantes. Só perdeu para o show de rap que lembrou os 300 anos da morte de Zumbi, em 1995, que atraiu 50 mil pessoas. Em tempos de agitação popular e insatisfação com o Governo, a voz do hip-hop se torna cada vez mais importante no jogo político brasileiro.

## Divindade DJ


O DJ americano Grandmaster Flash, pioneiro do rap, em visita ao Brasil

Aos 41 anos, Grandmaster Flash está pronto para morrer feliz. O hip-hop, rebento gerado em parceria com Afrika Bambaataa e Kool Herc, chegou à maioridade forte e cheio de vida, multiplicando-se em dezenas de netinhos, que Flash observa com um misto de conjunce e consternação. Já vai longe o tempo em que ele era tachado como louco por arranhar, sem a menor cerimônia, seus discos, assim como a época das festas comunitárias (as *block parties*), em que Flash e Herc colocavam mixes e caixas estouradas a serviço dos moradores do Bronx. Persistem o som do rap, os passos do break, as cores do grafite – manifestações da cultura que nasceu nas pick-ups de Flash. A SHOWBIZZ aproveitou a vinda do mestre ao Brasil para conversar com ele sobre o passado, o presente e o futuro do hip-hop.

**Chuck D, do Public Enemy, disse que o rap é a 'CNN negra'. O que você acha? Grandmaster Flash:** É uma excelente analogia. Antes do hip-hop, negros e latinos não tinham como falar de seus problemas. O hip-hop deu-lhes a chance de se expressar e permitiu aos DJs criarem uma estética totalmente diferente com as pick-ups. Hoje elas são consideradas instrumentos.

**Você inventou o *scratching*...**
Minha contribuição para o hip-hop é a partir de duas cópias de um mesmo disco, repetir um trecho em 30 segundos ou menos. Repetir, repetir, repetir. Dei a isso o nome de "Quick Mix Theory" (teoria da mixagem rápida). Existem também o *backspin*, que consiste em voltar o disco; o *double back*, que é a mesma coisa, só que feita em dois discos ao mesmo tempo, e o *cutting*, quando você mexe com o disco para a frente e para trás. É isso que as pessoas chamam de *scratching*. Eu chamo de *cutting*. Foi para isso que eu fiquei em meu quarto anos. Por alguma razão, alguém pegou uma parte do que eu criei e fez com parecesse o todo. É como pessoas que chamam hip-hop de rap.

**Você criou a técnica, ensinou os DJs e depois foi engolido por eles. Você acha que foi explorado?**
Quando a cultura do DJ foi reconhecida, fiquei muito feliz. O que me incomoda é que empresas que estão ganhando milhões com isso nunca vieram ao quieto para retribuir. Por que eles não fazem uma fundação para o hip-hop? Quem eles acham que está comprando as pick-ups deles? A comunidade.

**Quando vocês começaram a fazer festas e campeonatos de break, uma das idéias era tirar a molecada das ruas. O que você achou quando viu esse espírito transformado em gangsta rap?**
Essa foi a hora em que a política entrou na história. O hip-hop sempre foi versátil, com letras que falavam de gangsteres, de garotas, de carros, de problemas sociais. O gangsta é só uma área do hi-hop, que fala a um certo público. Mas a mídia começou a dizer que todo hip-hop é mau, é gangsta. Mas o hip- hop é muitas coisas, é bom e mau. Não é melhor ou pior do que rock.

**Há quanto você não lança um álbum?**
Mais de dez anos. Eu resolvi dar um tempo depois que tive que brigar para sair de uma grande gravadora. Fiquei vendo o desfile passar. Faz três ou quatro anos que eu decidi voltar e desde então tive que juntar uma grana e escutar muita música para descobrir onde o hip-hop está. Eu decidi voltar para poder ensinar às pessoas quem eu sou. Eu sou mais do que "The Message", mais do que "White Lines". Vou contar às pessoas como surgiu o DJ. Eu o criei. É por isso que estou no Brasil. Vou pegar minhas duas picapes e fazer a multidão à minha frente pirar.

**Seu nome verdadeiro é Joseph Saddler. De onde veio Grandmaster Flash?**
O Flash surgiu porque eu sempre adorei coisas que se movem rapidamente. Já Grandmaster veio de um fã que ia a todas as minhas festas e em 74 sugeriu que eu me auto-intitulasse *grandmaster* pelo que eu fazia. Tive que descobrir o que era isso: é alguém que exerce alguma atividade com excelência total, que é o melhor no que faz.

**Você achou que o hip-hop iria espalhar-se pelo mundo?**
Nunca pensei tão grande. Meu desejo secreto era ser famoso nos Estados Unidos, mas nunca, nem em meus sonhos mais loucos, eu imaginei que o hip-hop cruzaria o oceano, chegaria a todos os continentes.

**Você acha que o hip-hop está perdendo suas raízes?**
Criamos o hip hop por amor. Nenhum de nós imaginava o quanto ele iria crescer. Conforme a massa se apaixonou, ele mudou. Novas coisas surgiram, algumas boas e outras ruins. É assim que funciona. Mas, se eu morrer amanhã, posso dizer que minha missão foi cumprida.

*Andréa Estevam*

**1993**

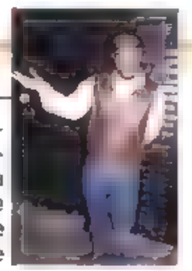
**Gabriel, O Pensador**, rapper branco carioca, leva à classe média brasileira um estilo diferente de rap com seu homônimo álbum de estréia

**1994**

Racionais, MRN e Big Richard são detidos por cantarem raps considerados ofensivos pela polícia em shows em São Paulo

**1996**

O rapper **2Pac** (Tupac Shakur) é assassinado devido a uma guerra entre gangues, depois de vender 5 milhões de discos



**1997**

Racionais lançam seu terceiro álbum por um selo próprio, o Cosa Nostra, e vendem 100 mil discos em quinze dias; *RZO* vende 200 mil cópias do single "O Trem"

**1998**

O clipe de "Diario De Um Detento", dos Racionais, ganha o prêmio de Escolha da Audiencia, no Video Music Brasil, da MTV. O rapper **Mano Brown** se recusa a ir à MTV americana

**1999**

**Lauryn Hill**, vocalista do Fugees, ganha cinco prêmios Grammy e vende mais de 5 milhões de cópias de seu primeiro álbum-solo, *The Miseducation Of Lauryn Hill*

# Baixada über alles

por Pedro Só, da Alemanha Ilustrações: Felix Reiners

**Cidade Negra rala na Europa em busca do sonho da carreira internacional, conquistando os mais variados públicos**

Duas meninas param o carro no sinal ao lado da van que leva o Cidade Negra. Uma delas reconhece o cantor, cutuca a amiga e chama, "Dirceu, Dirceu!"

A confusão com Orfeu aconteceu em São Paulo mesmo. Mas em Mainz, Alemanha, um gringo chegou para Tom Gurrido cantando: "Manhã tão bonita manhã..." O protagonista do filme de Carlá Diegues ficou emocionado afinal foi um caso único na turnê: afinal *Orfeu* não foi exibido comercialmente na Alemanha e o Cidade Negra ainda não é um sucesso no Velho Mundo. Mas está trabalhando duro e investindo para ser

No ano passado fizemos quinze shows em vinte dias. Perdemos dinheiro. ▸

# 7 shows, 10 dias, 4743 km de ônibus

Milena, Alessandra e Vanessa: as únicas brazucas em Schuttorf

Este ano foram sete shows, e deu para empatar. Ano que vem, começamos no azul", projeta Lenninha Brandão, empresária da banda. Esta segunda turnê européia do Cidade, aliás, era para ser maior. "O grupo está muito requisitado no Brasil, precisamos encurtar o [illegible] compatibilizá-la".

Ano que vem, o produtor alemão Matthias Koch quer o Cidade Negra para cinco noites só em Berlim, depois de acompanhar metade da turnê deste ano (dividida com seu colega Christian Georgiadis) "Eles são uma grande banda, principalmente ao vivo. Tocaram para gente que não os conhecia e conseguiram mover todas as platéias", elogia Koch, que tem uma agência chamada Bacana, já trabalhou com o brasileiro Chico César e o angolano Waldemar Bastos (destaque do selo Luaka Bop) e conhece bem reggae. Botou uma fitinha maladora para animar o ônibus: Bores Hammond ("Putting Up Resistance"), Tenor Saw ("Ring The Alarm") Cocoa Tea, só Jamaica da boa

Equipado com confortáveis beliches, salinha de vídeo e uma considerável videoteca, o superbuzum rodou mais de 4 mil quilômetros cruzando o pequeno Liechtenstein, Itália, Suíça, Alemanha e Áustria. A bordo, além da brava Lenninha, um time de futebol: André Farias, Antônio Silva, Marcus Cruz, Paulo Gama (respectivamente, o baixista Bino, Toni Garrido, o baterista Lazão e o guitarrista Da Gama em seus nomes "de viagem", como saem nas passagens aéreas), Jean-Pierre Magaya (teclados), Rico (guitarrista e "Maestro Pitaco"), Luis "Gaucho" Gorga (técnico de PA), os *roadies* Alexandre "Podre" Soares e Sérgio Loureiro, o produtor Matthias Koch e o motorista Peter.

## DUBS LIBERADOS

Ficaram no Brasil o naipe de metais que habitualmente excursiona com o Cidade e a responsabilidade de ser uma banda de sucesso – e de muitos sucessos. A paixão pelo dub, que há pouco gerou o estupefaciente CD *Dubs*, com colaborações de magos como Lee Perry, Mad Professor e Augustus Pablo (em um de seus últimos trabalhos), pôde ser exercida com liberdade e deixou os músicos felizaços. "Vai ser difícil segurar essa onda dub lá no Brasil", previa Gaúcho. O repertório? "A gente foi mudando aos poucos: botamos 'Lulás' (Djavan), 'Nos Barracos Da Cidade' (Gilberto Gil e Luminha), 'Conciliação', do segundo disco, 'Mucama'..." conta Toni.

Diferentemente do que costuma acontecer nas turnês internacionais de artistas brasileiros, o Cidade viu muito pouca brazucada pela frente. Tocou para gente que não conhecia seus sucessos nem sabia que estava diante de uma banda top em seu país: o desafio era levantar o povo com o sangue e a competência musical.

"Foi ótimo, porque nesta turnê provamos que podemos atacar em três frentes, atingir públicos de reggae, de música pop e de world music", lista Da Gama. "O negócio é botar os malucos para se mexer" sublinha Toni, identificando um tipo de público comum aos diferentes eventos encarados na turnê

A maior roubada aconteceu em Roma Literalmente. Toni teve sua bolsa roubada no camarim. "Mas a gente abriu uma sindicância e o pessoal devolveu no final, com tudo dentro. Incrível é que ano retrasado eu também fui roubado em Veneza, na estação de trem. No Brasil isso nunca aconteceu..." O show? "Foi maravilhoso", avalia o cantor

Em Schüttorf, Alemanha, perto da Holanda, a reportagem de SHOWBIZZ pegou carona com o Cidade. No festival rio 99, depois de um show morno do grupo Cantaloup (usina de grooves (meio palha) da periferia de Berlim, o Cidade entrou com o seguinte cumprimento "What a crazy mess! We are from Brazil vamos lá galera!" Pouco depois, a constatação: "Tem pouco brasileiro, né?"

## FESTIVAL DO BOM

A condição de banda "pouco conhecida complica muito as coisas na parte logística. Com todo o profissionalismo do Primeiro Mundo, muitas vezes o que ocorre

Passagem de som, o que é isso?" Mas enquanto os *roadies* e Gaucho brigavam com um técnico local – "o cara da mesa deu o f-se", comentou Podre – e a banda penava com a falta de retorno no palco, o

Bino e Toni brindam em Mainz, Alemanha

suingue da Baixada conquistava a alemãozada. Nas tantas barracas armadas em volta da área do festival, os malucos presentes podiam provar da culinária de diversos países da África – e da Jamaica também, claro –, tomar caipirinhas feitas com Pitú e comprar tênis, camisas e até balinhas *gummy* feitas com cânhamo

Devem ser figuras assim que ajudam a colocar em primeiro lugar na parada alemã – de agosto – o CD *Buena Vista Social Club* maravilha cubana patrocinada por Ry Cooder. Não faltava gente que conhecia reggae direitinho. Quando Toni [illegible] os recém falecidos Dennis Brown e Augustus Pablo antes de tocar "Firmamento", versão de "Wrong Girl To Play With", do Yellowman, muitos se emocionaram. Alguns acompanharam o refrão cantando no inglês da original mesmo. Milena Oliveira, Alessandra de Francesco e Vanessa Ribeiro, moradoras em Munster, foram as únicas brazucas detectadas, bem na fila do gargarejo. "O Cidade é o máximo" vibravam, enquanto os locais pediam bis

Na tenda-camarim, Lenninha comemorava: "O Irie é um festival de prestígio, é▶

## Um ônibus brasileiro na Europa

**18 agosto**
22h Embarque do Rio para Paris

**19 agosto**
14h – Conexão Paris-Zurique
18h – Chegada a Zurique

**20 agosto**
21h – Apresentação no Festival Little Big One, em Vaduz (Liechtenstein), a 108 km.
Partida para Roma logo após o show – 854 km

**21 agosto**
Chegada a Roma
21h – Show no Ippodromo Delle Campanelle, a 100 quilômetros do hotel.
Partida para Verona – 529 km

**22 agosto**
Show no Festival Latino-americano. "Tinha mais brasileiro. Era lugar aberto com som de teatro, tocamos com decibéis controlados", conta Toni

**23 agosto**
Dia livre com partida no fim da tarde para Mainz (Alemanha) – 815 km

**24 agosto**
Show no festival Kultursommer. "Ano passado, a turnê terminou lá. Foi ótimo rever a cidade e ser reconhecido por um alemão fã do Sepultura"

**25 agosto**
Partida para Winterthur (Suíça) – 510 km

**26 agosto**
Show no Musikfestwochen, que teve também Martha & The Vandellas
Saída para Schuttorf (Alemanha) – 715 km

**27 agosto**
Apresentação no Irie' 99, à beira do Lago Quendorfer. Partida para Baden (Áustria) logo após o show – 1 075 km

**28 agosto**
Show no Reggae Sunsplash em Wiesen (a 40 km do hotel)

**29 agosto**
6h – Check-out e partida para o aeroporto de Viena

# Na volta, shows no Espírito Santo

Chegada a Baden, na Áustria

Cartaz do principal festival da Alemanha

o mais difícil de se tocar". Da Gama e Toni revelaram alguns detalhes das negociações com o bruxo Lee Perry (jamaicano que trabalhou com The Clash e Beastie Boys, um dos mais renomados produtores do mundo), louco de carteirinha que mexeu com a faixa "Nada Mudou" em *Dubs*. "O contato era a mulher dele. E o cara sumia por várias semanas, ficava incomunicável", ria Toni.

Pouco depois, pista. O tecladista senegalês Jean-Pierre, que nos anos 80 integrou o cultuado grupo China Shock e que há oito toca com o Cidade Negra, nem pôde provar o rango de seu país numa das barraquinhas. Não deu nem para o pessoal conferir mais do que três músicas do Inner Circle, que entrou depois. O trecho a ser encarado antes do último show era o maior de todos: 1.275 quilômetros. Cansados? Nem tanto. Da Gama reclamava mais da saudade dos filhos. E havia praticamente uma festa para comemorar a última viagem da excursão. Da Gama pegou o violão para tocar "Desafinado", Rico levou "Odara" (Caetano Veloso) e brincou um pouco de "Sailing" (Christopher Cross).

Depois, ao som do novo disco de Andru Donalds, pop de qualidade com toques de reggae e soul, foi escolhido o menu cinematográfico da noite. Bino insistiu com *O Exorcista*, demovendo o resto da galera que queria ver *Men in Black*. Toni foi dormir, não sem antes alertar sobre possíveis vibrações ruins que o filme poderia inspirar. E a coisa foi longe. "Rolou ainda um *Freddie Krueger*", degou, no dia seguinte, Jean-Pierre.

## PARAÍSO SÓ POR DUAS HORAS

Na parada matinal, pouco depois de cruzar a fronteira, Lazão, surfista e malhador oficial da banda, fez as contas enquanto mastigava a *junk food* local. "Vai ser uma semana só para perder as gorduras localizadas. Quer dizer, uma semana só para tirar direito a caspa, p.q.p.!"

De tarde, a turma chega a um hotel maravilhoso, em Baden, terra natal de Johan Strauss, o filho, autor de "Danubio Azul". Cabeças empalhadas e chifres de veados, antílopes e búfalos por toda a parte. Carros maravilhosos em exposição na frente, incluindo um Aston Martin de 007. Águas termais, bosques belíssimos e... duas horas e meia para comer alguma coisa, tomar um banho (de preferência) e zarpar para Wiesen, local do show, nas proximidades de Viena. O pior de tudo: nenhum restaurante está aberto nas imediações, mas o do hotel pode quebrar um galhinho servindo umas salsichas e sopa de *goulash* (picadinho de carne com páprica)... "Comer assim, em cima da hora do show, é dureza. Você depois canta o tempo inteiro segurando os arrotos", prevê Toni. Na caminhada da tarde austríaca, Bino observou muito bem. "Pô, isso é que é sábado aqui? Sábado na Baixada é bem mais animado."

No saguão do hotel, um breve encontro com o guitarrista do Inner Circle, Roger Lewis, articulando novas produções juntas para o futuro. No local do show em Wien, onde uma semana antes Offspring e Red Hot Chili Peppers tinham passado, rolava o Austria Sunsplash, festival com Michael Rose (ex-Black Uhuru), o sul-africano Lucky Dube, Inner Circle, a banda cabo-verdiana Simentera e a badalada formação Afro Celt Sound System (que inclui um ex-flautista do Pogues e percussionista africanos).

Parêntese: a Áustria também curte reggae: um dos aviões da Lauda Airlines (do ex-piloto Niki Lauda) leva o nome de Bob Marley. Um anfiteatro coberto com boa parte do público acompanhando ao ar livre, deitado em esteiras ou em redes amarradas nas árvores. Dois palcos, Fela Kuti Stage e A.C. Jobim (o menor), o esperado mafuá vendendo artesanato africano e artigos de cânhamo.

Malucos politizados podiam se engajar em ONGs que ajudam a Nicarágua a se recuperar do furacão Mitch ou ouvir a palestra "Música é a mensagem", com Lucky Dube. A maioria, lógico, preferia ficar chapada, apenas a cabeça a balançar, ouvindo aqueles sons "alegres e exóticos". Com o Cidade, porém, não teve conversa. Depois da segunda música, o povo já estava sacolejando inteiro, mantendo o pique durante 90 minutos.

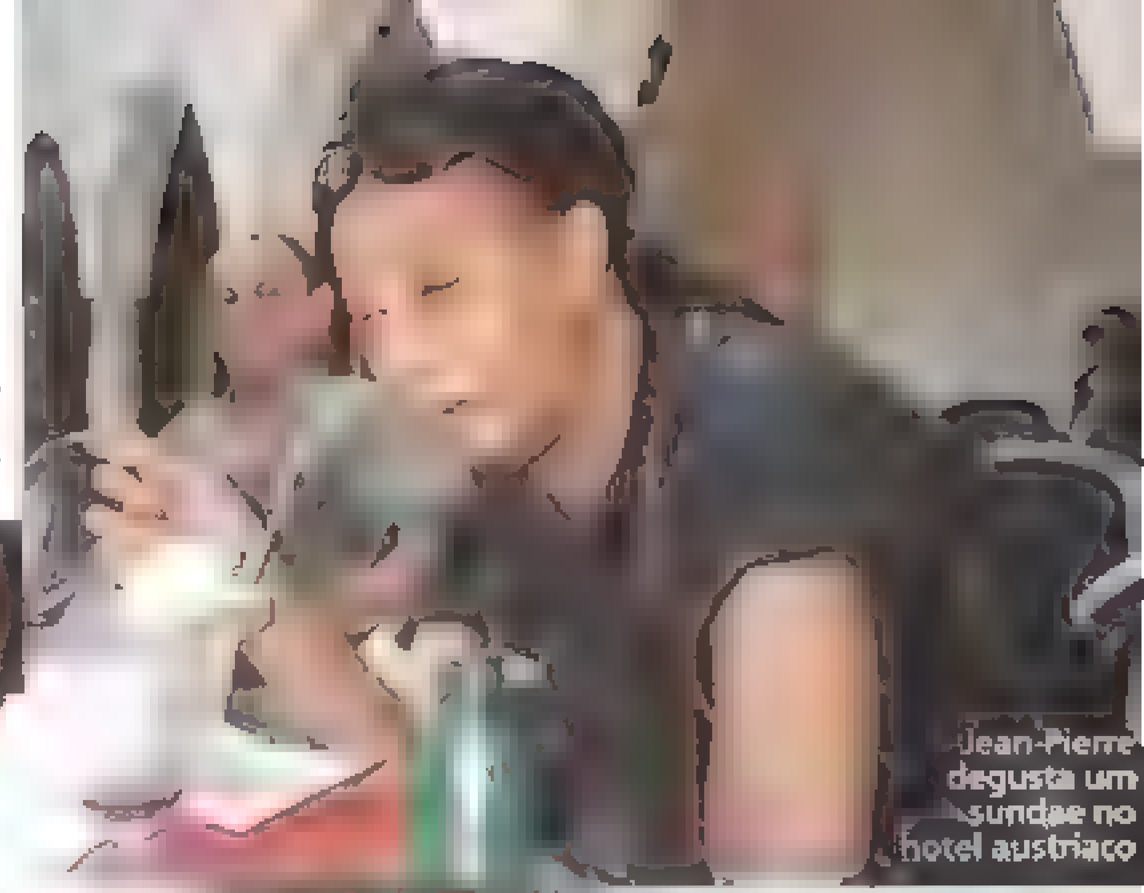
Para que isso acontecesse, com *goulash* e tudo no bucho, Toni Garrido suou a camisa e mostrou com quantas centenas de pulos se faz um *frontman*. Lá pelas tantas, saltou do palco e foi sentir o calor da galera austríaca. Foi agarrado, abraçado, puxado (com toda a cavidade do lado) e abriu o microfone para o público cantar "Stir It Up", do rei Bob Marley. Ibrahim Nguigmi, jovem comerciante nascido no Níger (centro-oeste da África), soltou a voz feito profissional e fez o maior sucesso. "Há anos não via uma banda de reggae tão vibrante. Vou comprar o disco deles", elogiou o africano.

## SUCESSO ENTRE COLEGAS

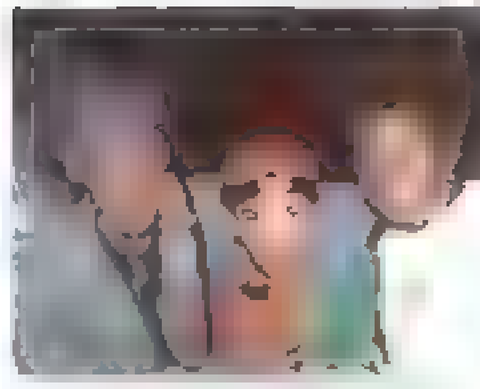
Com a camisa da seleção e gingado especial, o pernambucano Marleto da Silva, profissão "indeclarável", se destacava na platéia. Mais tarde, seu filho Bruno ganhou como prêmio um autógrafo de Toni. Estudante de piano clássico na vizinha Viena, Tiago Siqueira era possivelmente o único outro brazuca a pagar ingresso. "Reggae não é muito a minha praia, mas gostei muito", admitiu, antes de dar os parabéns aos músicos pessoalmente quando Da Gama, Bino e Lazão se misturaram ao público para assistir ao show do Afro Celt Sound System.

A badalada formação que mescla *talking drums* ("tambores falantes", que funcionam de modo semelhante às cuícas) e tribos da África Ocidental – "tem um cara lá que é da mesma tribo que eu, lá no Senegal", saca Jean-Pierre –, ritmos eletrônicos e gaitas de foles irlandesas (um dos separadores foi integrante dos Pogues) fez todo mundo viajar do jungle à new age em apenas alguns compassos. Depois, seus músicos fizeram questão de ... brasileiros. O guitarrista Rico, também cria da Baixada, era o mais feliz. "Hoje faz cinco anos que toco com o Cidade. Foi um presente na minha vida."

Poucos dias depois, o pessoal estaria todo ralando de novo, em shows no interior do Rio, Goiás e Espírito Santo. Toni ainda voltaria à Europa no fim de setembro, para tocar com Caetano no festival de cinema de San Sebastián, na Espanha, do qual *Orfeu* participaria. "No ano 2000 tem mais. Até lá, nosso disco já vai ter saído em vários países. A gente quer passar um mês e meio na Europa", planeja o cantor. Com muita humildade, o Cidade pôde não conquistar o Velho Continente daquele jeito que sustentam manchetes ufanistas. Mas com certeza vai alegrar e continuar nos lares de europeus.

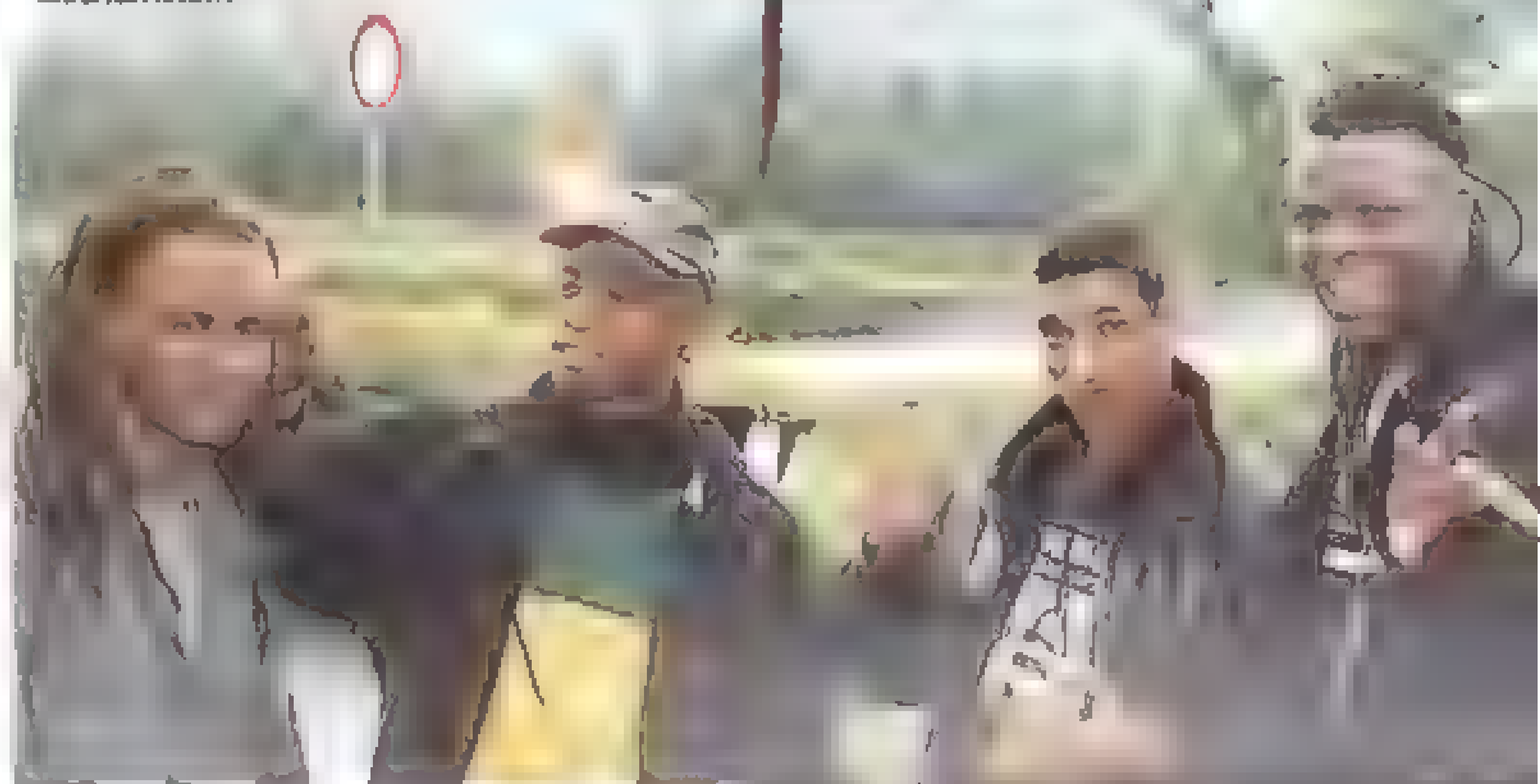


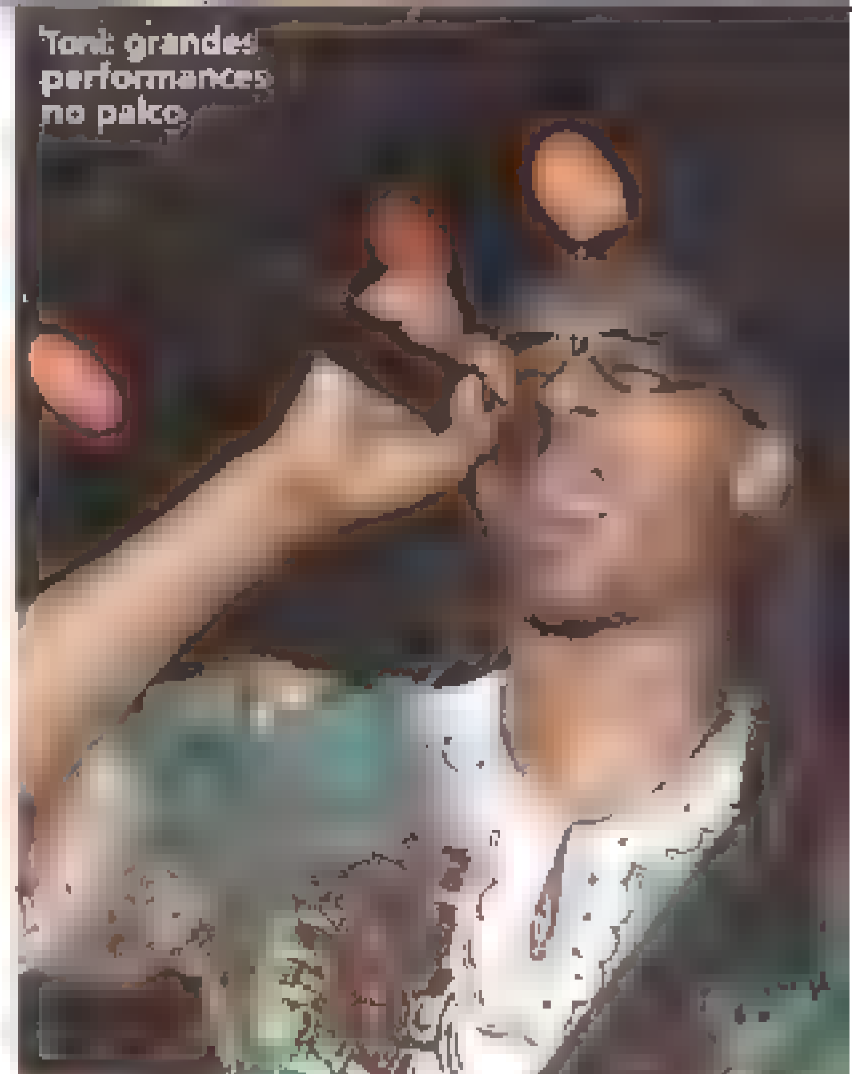
Toni e Rico abraçam o fã brasileiro em Wiesen



Toni, Da Gama, Lazão e Bino unidos em Liechtenstein

Jean-Pierre degusta um sundae no hotel austríaco





Toni: grandes performances no palco

Os Raimundos de Rodolfo arrebentaram no show e nos prêmios

# Rock na cabeça

## Telespectadores da MTV consagram Raimundos no VMB da abertura para o pagode e a axé

por José Flávio Júnior e Pedro Só
Fotos: Marcos Hermes e Moira Seadon

Rodolfo e Champignon caprichara no barulho

Caze fez o possível

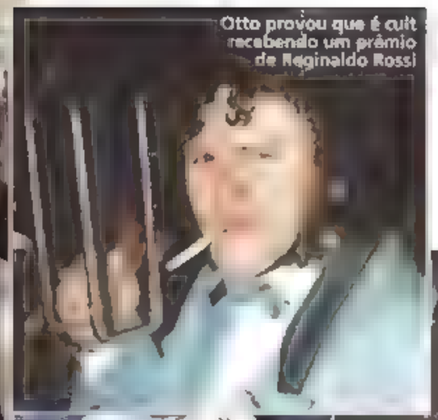
Arnaldo Antunes e Skank empataram e ressuscitaram heróis dos cassetetes Hélio e Cláudia

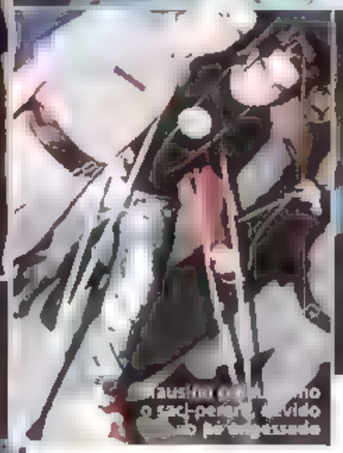
"Rock é mais ou popular brasileiro vai bem". A frase de Rodolfo, vocalista dos Raimundos, proferida enquanto o Mulher De Fases (um dos vencedores do prêmio de melhor videoclipe segundo a Escolha de Audiência no Video Music Brasil 99) subia ao palco desabafava.

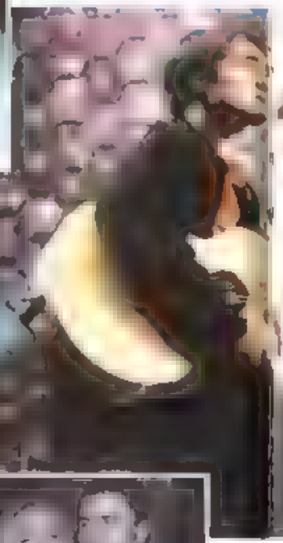
As atrações musicais da festa espelharam a diversidade dos gêneros da nova fase da emissora. Tivemos de Ivete Sangalo a Planet Hemp, passando por Skank, Marisa Monte, Marcelo D2, Lenine, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento, Lô Borges, Samuel Rosa, Nando Reis, Paralamas do Sucesso, Titãs, Sepultura, Raimundos, Jorge Ben Jor, Gabriel o Pensador, Cássia Eller, Daniela Mercury, Carlinhos Brown, Olodum, Cláudia Leitte, Ivete Sangalo, Chiclete com Banana, Banda Eva, Asa de Águia, Harmonia do Samba, Grupo Revelação, Zeca Pagodinho, Grupo Cacique de Ramos, Martinho da Vila, Jorge Aragão, Grupo Fundo de Quintal, Exaltasamba, Só Pra Contrariar, Art Popular, Negritude Júnior, Katinguelê, Raça Negra, Negritude Júnior, Katinguelê, Raça Negra, Belo, Sorriso Maroto, Molejo, Terra Samba

"O rap está tão forte que vai acabar invadindo os horários nobres", X, vocalista do Câmbio Negro e vencedor na categoria clipe de rap

Rodolfo, Digão, Fred e Canisso comemoram o prêmio de escolha da Audiência

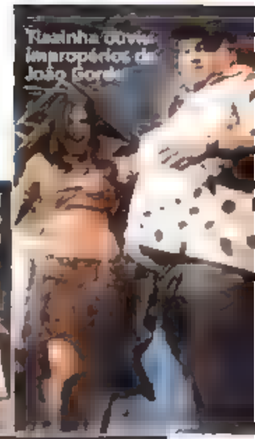

Otto provou que é cult recebendo um prêmio de Reginaldo Rossi

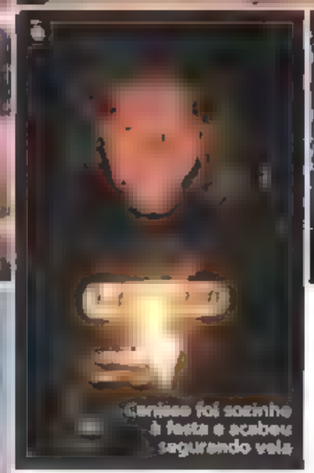

Rausino ganhou o prêmio de saci-perere e subiu pelado



Samuel cantou "Resposta" e abiscoitou três prêmios

Gil: a [illegible] Tropicália [illegible] a festa


Rainha ouviu impropérios de João Gordo

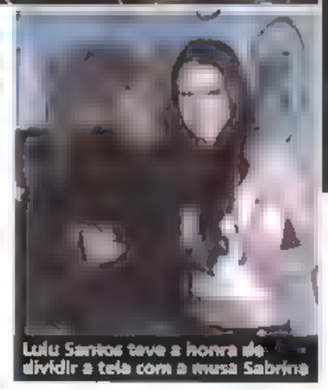

Canisso foi sozinho à festa e acabou segurando vela

Rodolfo chegou junto na Feiticeira e, dizem, se deu bem

Carla Perez não resistiu aos encantos de Mauricio Manieri

Nem a barriga de cinco meses segurou Fernanda Abreu em casa

Leandro, do Art Popular, e MV Bill [illegible]


Lulu Santos teve a honra de dividir a tela com a musa Sabrina

O segundo mais cotado foi o reggae "Zoio de Lula", do Charlie Brown Jr. Com a nova categoria da MTV apareceu também muito clipe mais voltado pelos roqueiros. No vídeo de "Coração Vagabundo", com Sandy & Junior, Acabamos de Chorar na [illegible] ganhou fã-clube na internet antes mesmo de ser lançado. Já o de "Pela Primeira Vez", dos Raimundos, foi o mais votado pela produção do VMB, exibido na *Buzina* daquele dia. Vozes isoladas que lamentavam a invasão dos artistas mais populares e a perda de espaço do pop rock "porque [illegible] dão para se variar a seleção, o que acho louvável. É melhor ter a MTV 'assim' do que não ter nada. Vai me dizer que isso não é muito para este país de merda no fim dos anos", comentou Otto com sinceridade. Saiu-se Rosa.

### RAIMUNDOS & CIA. X ART POPULAR & MV BILL

O ponto de Samuel Rosa, Skank, ter ganho pela primeira vez na categoria Clipe do Ano com "Mandrake" (Os Cabalistas haviam levado o prêmio de Videoclipe Alternativo em 96 com "Garota Nacional" em 97 com "Uma Partida De Futebol") se deveu em parte ao fato de o grupo ter sido o único a gastar dinheiro com o vídeo. Gravado em Cuba, custou 200 mil dólares, bancados pela gravadora Sony. Já o de "Pela Primeira Vez" foi feito com apenas 30 mil reais, pagos pela Sony Music. Mas o clipe dos Raimundos também tem seus méritos. Além de ser bem-humorado, ele é o único a mostrar a banda tocando. Mas o que mais contou a favor foi a boa vontade de Rodolfo, Digão, Fred e Canisso em participar de uma gravação que não rendeu um centavo a mais para eles.

Pagodinho na categoria Melhor Videoclipe de Pagode. Quando foi separada as perguntas sobre Mr. Mister, ou Jair Oliveira, também declarou: sua [illegible] Mas [illegible] brincando [illegible] do Haroldo Barata [illegible] do clipe dirigido por Roberto Berliner e Rosa Moreira. "Pixaram [illegible] essas imagens para sempre. Vou ser o [illegible] Um [illegible] estiver [illegible] vai ser o [illegible] baterista.

André Muzanzu, líder do Karnak e premiado como Melhor Diretor, junto com Guilherme Ranalho pelo clipe "Universo Ambíguo", do próprio Karnak, era outro que não se conformava de [illegible] Ou não [illegible] estreado [illegible] na TV [illegible] a [illegible] "O Karnak é minha vida. Fizemos [illegible] o nosso [illegible] album [illegible] e [illegible] gravadora [illegible] a [illegible] backing (e bota *backing* nisso) *vocals* de sua arquinimiga mascarada no disco.

A cerca de Roger Moreira [illegible] ponto. A [illegible] da [illegible] apresentação dos [illegible] Charlie Brown Jr. [illegible] guitarrista de Ultraje a Rigor [illegible] segunda vez em toda sua vida) e foi arriar a calça defronte aos [illegible] Ou [illegible] sessão de fotos para a [illegible] *Playboy*. *Megazine*, Roger [illegible] confirmada sincer[illegible] Ford [illegible] [illegible] [illegible] legal.

A [illegible] [illegible] [illegible] de Rodolfo se [illegible] com o [illegible] Art Popular. Pesquisa [illegible] separado eles [illegible] rock, segundo a [illegible] a [illegible] apresentada pelos [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] a um rap contundente

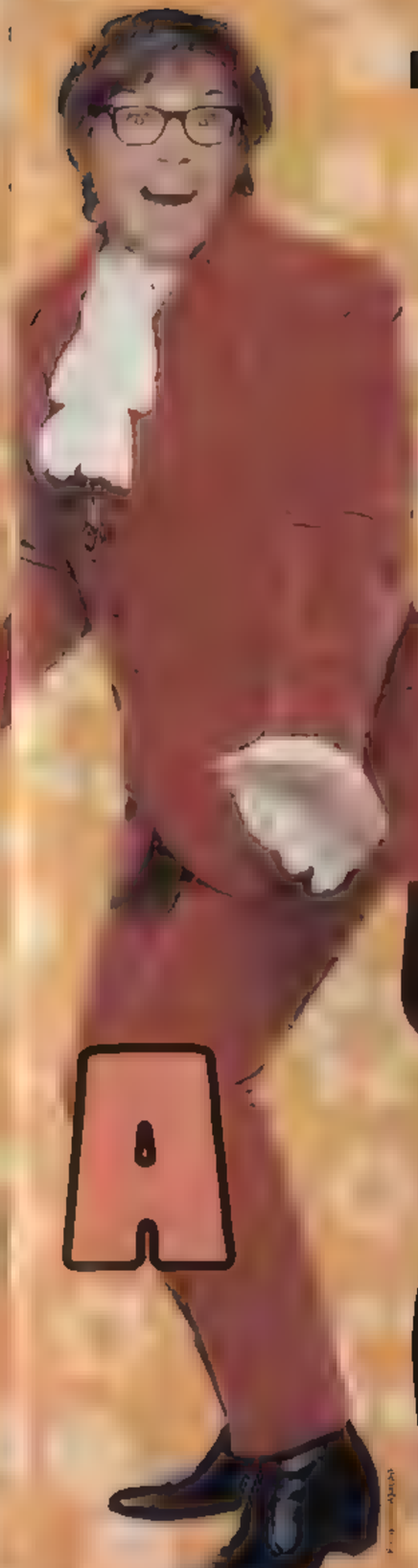
de MV Bill, vindo diretamente da Cidade de Deus, Zona Oeste do Rio. Foi uma bela sacanagem da produção e emissora. "O diretor-geral da MTV, *Andre Mantovani*, [illegible] amigo, [illegible] CD [illegible] que [illegible] tem [illegible] contra o do nosso grupo", confessou Leandro, vocalista do Art Popular.

### MILTON VETA PATO FU

Oficialmente, Kiko Bloise [illegible] MC Vi da casa que apresentou os [illegible] para Melhor Clipe e Rosa [illegible] para [illegible] Melhor Direção, Chitãozinho & Xororó [illegible] Melhor Clipe Internacional, a MTV [illegible] apenas na [illegible] jogada [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

# AUSTIN POWERS

## O AGENTE BOND CAMA DE A A Z



**Em seu novo filme, o agente a serviço de Sua Majestade dá um show de referências musicais e piadas, em geral de péssimo gosto. Oba!**

Por Pedro Só

Trata-se de uma paródia das paródias das aventuras de 007, séries como *Flint* e *Matt Helm*, que você provavelmente nunca viu. É uma continuação de um filme que ficou apenas duas semanas em cartaz no Brasil. Mas também é alucinadamente engraçado e você não precisa nem conhecer as referências para se perder de tanto rir. Isso mesmo. No mundo de Austin Powers, o personagem que o ator canadense Mike Myers (melhor referência: o Wayne de *Quanto Mais Idiota Melhor*) criou, o humor intestinal vem com potência máxima. Acompanhado por pitadas de crueldade britânica, deliciosas expressões da *swinging London* do fim dos anos 60 e – oba! – muuuita grosseria. Para quem gosta de rock e pop, a festa é ainda maior. Leia este bé-á-bá antes de ir ao cinema – a estréia nacional é no dia 8 de outubro – e aproveite mais. ▶

Brega com dentes estragados e um peito nojentamente cabeludo, Austin prende crim nosos e ganha altas mulheres

## A Flock Of Seagulls

O grupo *new romantic* que ostentou os mais horripilantes topetes de todos os tempos é citado num diálogo. "O que houve nos anos 70 e 80? Você não perdeu muito: falta de gasolina e A Flock Of Seagulls."

## Burt Bacharach

O maestro aparece no esplendor de seus 71 anos cantando "I'll Never Fall In Love Again" ao lado de um Elvis Costello envelhecido e com dentes tão podres quanto os de Austin Powers.

## Coisas no traseiro de Austin

Em uma cena genial de humor escatológico, tem-se a impressão de que ratos vivos, um guarda-chuva (aberto) e cordas tomam esse estranho atalho de volta para o mundo livre.

## Dr. Evil

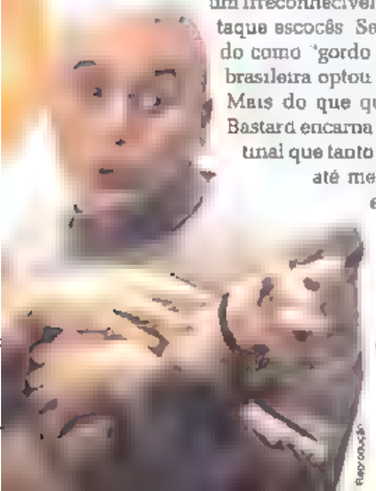
O vilão vivido por Mike Myers. Para dar maior verossimilhança ao personagem, o ator raspou mesmo a cabeça. Claro, se não fosse por isso, o filme cairia num tom farsesco nada adequado.

## Esfíncter

O único músculo não-flácido de Fat Bastard, que se gaba de nauseabundas proezas realizadas pelo dito-cujo.

## Fat Bastard

O vilão de 200 quilos e saiote kilt é interpretado por um irreconhecível Mike Myers com perfeito sotaque escocês. Seu nome poderia ser traduzido como "gordo escroto", mas a legendagem brasileira optou por um engraçado Igor Dão. Mais do que qualquer outro personagem, Bastard encarna o nauseabundo humor intestinal que tanto fascina a Myers. Com direito até mesmo a rastreador eletrônico em certo lugar... Eca!



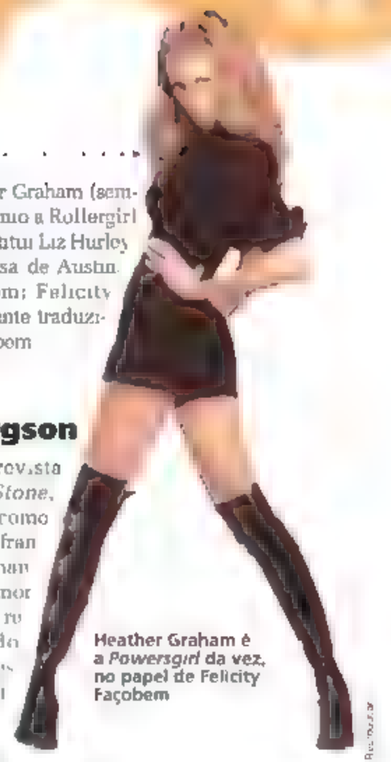
De cabeça raspada, Myers é o malvadão Dr. Evil, que nem sempre sabe se está em 1967 ou nos dias de hoje

## Gostosa

A hidropônica Heather Graham (sempre pelada de patins como a Rollergirl de *Boogie Nights*) substitui Liz Hurley como parceira apetitosa de Austin. Nome da personagem: Felicity Shagwell – gloriosamente traduzido como Felicity Façobem.

## Henri Bergson

Numa entrevista à revista americana *Rolling Stone*, Mike Myers, erudito como ele só, citou o filósofo francês, autor do mais manjado ensaio sobre humor – *O Riso* – e deixou o repórter embasbacado. Bashaque, o suposto escreveu Andre Bergson.



Heather Graham é a *Powersgirl* da vez, no papel de Felicity Façobem

## "I Touch Myself"

O hit único da banda australiana Divinyls (de 1991) está na trilha do primeiro *Austin Powers*, que finalmente será lançada no Brasil. Confira no filme (disponível em vídeo) a cena em que Austin passa cuspe nos mamilos – cabeludos – ao som desta ode à masturbação. Escrotélico!

## "Just The Two Of Us"

A canção de Bill Withers (que brilha em *Notting Hill* com "Ain't No Sunshine") é cantada por Dr. Evil, usando como base a versão de Will Smith. Dedicado com carinho a Mini-Me, o clone maligno de Dr. Evil.

## Kravitz, Lenny Kravitz

O guitarrista deve seu novo hit, "American Woman" (incluído na trilha, à banda canadense Guess Who. Movida por um musculoso riff de Randy Bachman, que depois formaria o Bachman-Turner Overdrive (clássico do rock bronco, no bom sentido), a versão original é de 1970.

## "Let's Get It On"

Está provado: ao som deste lascivo clássico de Marvin Gaye, um homem é capaz de fazer sexo até com uma samambaia mais assanhada. No filme, enquanto o saudoso *soulman* geme, Dr. Evil traça sua repulsiva assistente.

## Madonna

Ela canta "Beautiful Stranger", estrela da trilha de *O Agente Bond Cama*. Quando teve de beijar Mike Myers num programa *Saturday Night Live*, disse para ele: "Se meter a língua, te mato". Mike se comportou. *Oh, behave!*

## Nomes para o piu-piu

Em um trecho de cerca de dois minutos do filme, são citados mais de dez sinônimos para o pênis. Woody Harrelson personifica um deles, "woody". Ilustrativo, não?

## "One Of Us"

O único sucesso da cantora Joan Osbourne é interpretado por Dr. Evil ao piano. Ainda bem que não foi parar no disco. A qualidade cairia.

## Parsons, Alan

O engenheiro de som de *The Dark Side Of The Moon*, do Pink Floyd, criou um grupo, Alan Parsons Project, que emplacou hits como "Eye In The Sky" no começo dos anos 80. Em mais uma referência infame, Dr. Evil se refere a seu canhão – abre aspas – "laser" – que vai destruir a Terra como "Alan Parsons Project", o projeto de Alan Parsons.

## Quincy Jones

Para quem ainda tem paciência de ouvir, "Soul Bossa Nova", a música-tema da amarelada brasileira na Copa 98, aparece na trilha numa versão space-a-nova. Ora bolas, que Zidane.

Com o sorriso de sempre e a mãozinha bem focalizada, ora, comporte-se!

## R.E.M.

A banda está na trilha tocando "Draggin' The Line" de Tommy James, famoso pelos hits que teve nos anos 60 acompanhado por The Shondells "Crimson And Clover" (regravado por Joan Jett) e "Mony Mony" (que Billy Idol recriou).

## "Samba De Verão"

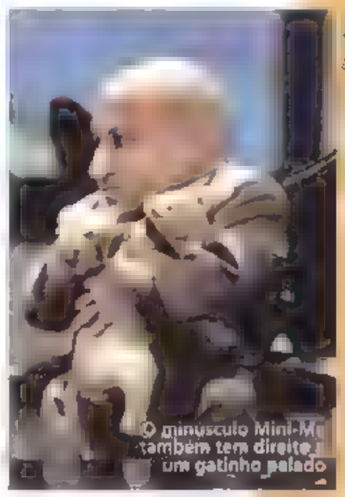
O brasileiro Walter Wanderley e seu famoso órgão chorando a pior das paixões atacam esta música de Marcos Valle na cena em que Austin senta no vaso sanitário para expelir o Mini-Me do seu organismo.

## The Zombies

A excelente banda inglesa dos anos 60 (e 70, se contarmos "Time Of The Season", reinterpretado na trilha por Scott Weiland, o incorrigível *junkie* do Stone Temple Pilots.

## Verne Troyer

Sensacional anão acrobata que interpreta o Mini-Me. Explica-se: enquanto Dr. Evil esteve congelado, seus comparsas providenciaram um clone do bandidão, só que a grana estava curta e ele veio com um oitavo do tamanho do original. Além de apresentar as atrações do festival de Woodstock deste ano, Troyer participou dos filmes *Volcano – A Fúria*, *Um Herói de Brinquedo* e *MIB – Homens de Preto*. Papéis pequenos, claro.



O minúsculo Mini-Me também tem direito a um gatinho pelado

## Wang Chung

Esta banda horrível – deve ser especialidade da casa, que desenterrou até A Flock Of Seagulls – dos anos 80 é citada no filme, mas não está na trilha. Ainda bem.

## Zappa, Moon Unit

A filha zabelê de Frank Zappa tem o nome hippie devidamente sacaneado. No filme, a atriz Moon Unit Zappa é uma das loiras de Dr. Evil.

João Fera, Herbert, Bi e Barone, os soldados de vermelho na batalha acústica dos Paralamas

Mauricio Valladares/Divulgação

# Canal livre vencedora

**Antes de sair pelo Brasil mostrando o show acústico, Paralamas respondem a críticas de colegas de geração**

por Jaime Biaggio

Os cães ladram e os Paralamas seguem pela estrada do sucesso. Envolvidos até o pescoço na promoção do CD *Acústico* e na estruturação de uma turnê nacional que não sacrifique um show pensado para espaços pequenos, Herbert, Bi e Barone não parecem dispostos a perder tempo botando band-aid em egos machucados.

"Não tô *intendendo*", ironiza o paralama frontal ao saber das queixas de Roger Rocha Moreira sobre um velho episódio acontecido no Rock In Rio de 1985 – em SHOWBIZZ de setembro, o líder do Ultraje se queixou por não ter sido chamado ao palco quando os Paralamas tocaram "Inútil". "Sei que o Roger se magoou com isso. Mas fazer o quê? Tocamos uma música dele para aquele público enorme. Para ele, não foi suficiente. A gente tava no pau, os técnicos americanos podiam nos tirar do palco a qualquer momento." Bi complementa. "A gente só podia fazer o que tinha na mão, ensaiado. Não podia correr riscos."

João Barone procura ser mais compreensivo com Roger. "Olhando para trás, talvez a gente devesse tê-lo chamado. Na hora, não nos lembramos", admite o baterista, lembrando que tudo era inédito para o trio. Herbert e Bi são menos diplomáticos. "Depois de tantos anos, o cara consegue um espaço... *(levanta o pescoço, como quem tira a cabeça para fora d'água)* e sai detonando", comenta o baixista.

Herbert lembra a presença do líder do Ultraje no especial dos Paralamas para a HBO, ano passado. "Ele veio com os dois pés atrás, vinha falar nas mágoas." Há ainda outra pendência: a letra que Roger enviou a Herbert anos atrás e jamais virou música. "Olha, eu sou o pior cara do mundo para esse tipo de coisa", reage, irritado. "Se você manda uma letra para alguém, tem que estar preparado para o caso de a pessoa não querer usar. A letra era a cara dele, mas eu não soube o que fazer com aquilo. Agora ele fala, eu respondo, fica isso saindo todo mês na revista", desabafa. "Enfim, como dizia minha avó, f***-se."

Por Lobão, que disse (em SHOWBIZZ de agosto) ser Herbert "uma pessoa desprovida de talento", o grupo passa ainda mais rápido, não levando a sério. "Ele andou procurando o Herbert, tentando uma reconciliação. E vive dizendo que só fala mal de quem ele gosta. Esse comportamento já faz parte do muito pessoal dele", minimiza Barone. No final, fustiga o lobo com uma pitada de maldade. "É bom saber o que ele tem a dizer, conhecer os dois lados da história, o dos vencedores e o dos perdedores."

Dito isso, é pé no acelerador e poeira na cara das pimentas. Se depender deles, quando você estiver lendo esta matéria, o show acústico já estará na estrada. E, de preferência, em um teatro perto de você. "Esse não é um show para feiras agropecuárias e ginásios", diz Barone. "O ideal é que a gente consiga viabilizar temporadas em lugares de pequeno e médio porte."

Isso, como o próprio Barone admite, "em um mundo ideal". Para poder rodar o país sem se ater às grandes capitais, talvez o grupo precise fazer adaptações. Mas eles acreditam que não será preciso. "Mesmo no interior, tem muitos lugares com teatros legais", aponta o baterista. "Bagé *(RS)*, por exemplo, tem um teatro antigo que é perfeito para o acústico." A presença do convidado Dado Villa-Lobos também está sujeita ao fator "mundo ideal x mundo real". "Ele não vai poder viajar o país todo. Mas o queremos em grande parte da turnê, se possível." Para o show crescer. "Já deu para perceber que o espírito não está muito pequeno. O primeiro show, em Sorocaba *(SP)*, teve o repertório do CD e foi muito rápido", diz Herbert. "Mas vamos continuar evitando os hits óbvios", garante.

# Cartilha de Brasília

**O baixista da Plebe Rude mostra os discos punks e pós-punks que abasteceram de informação a turma que revolucionou o rock nacional nos anos 80**

Em uma daquelas festas estranhas com gente esquisita que rolavam em Brasília no início dos anos 80, Renato Russo se aproxima de um sujeito muito alto, vestido no melhor estilo dos punks londrinos, e pergunta: "Ei, não é você que tem o *Metal Box*, do PIL?". "Sou eu, sim. Mas agora não tenho mais!", responde André Mueller, momentos antes de quebrar em mil pedaços o vinil – importado – da banda de John Lydon (ex-Sex Pistols). A atitude punk pode ter impressionado o futuro vocalista da Legião Urbana, mas o autor do bravata logo se arrependeu. Demorou um ano para que o baixista da Plebe Rude conseguisse novamente uma cópia do disco, um dos títulos raros da coleção que mantém em seu apartamento na Asa Norte, Plano Piloto do Distrito Federal, onde mora desde 1994.

Além de livros do escocês Irvine Welsh (autor do cultuado *Trainspotting*) e do inglês Ian Fleming (o criador de *007*), a estante de André X (como ficou conhecido na Plebe) abriga 400 CDs, 500 vinis e sessenta compactos separados por gêneros e por ordem alfabética. Mas nada de obviedades, como a discografia completa dos Beatles ou Rolling Stones; a discoteca de André Mueller tem poucas coletâneas (*New Wave Hits*, da Rhino, é uma delas) e muitas bandas punks britânicas. Herança do período – 1978/1980 – em que ele morou em Sheffield (a cidade onde se passa o filme *Ou Tudo ou Nada*). "Cheguei no dia em que Sid Vicious morreu e me espantei com aquelas discos de cores e formatos diferentes de bandas como Undertones, Stiff Little Fingers e Dickies. Vi o Joy Division abrindo para os Buzzcocks. Gostei tanto que voltei para o Brasil com o *Closer* embaixo do braço", lembra.

Os discos raros que trouxe depois do primeiro período na Inglaterra impressionaram os amigos brasilienses. "Virei o gravador oficial de fitas da turma. Eram três a quatro discos por semana", revela. Entre as raridades compartilhadas com a turma de amigos que depois formaria bandas como Legião Urbana, Escola De Escândalo e Capital Inicial, compactos do começinho da carreira do Clash (*White Riot*, 1977), Siouxsie & The Banshees (*Hong Kong Garden*, 1978) e Buzzcocks (*Spiral Scratch*, ainda com Howard Devoto, que depois se tornaria vocalista do Magazine). Mas nada de emprestar as relíquias. "Toda vez que emprestei, me arrependi. Ninguém devolvia."

Se há uma marca pessoal na coleção de André X é a preferência pelo experimentalismo. "Dos quatro (*da Plebe*), eu era o que curtia coisas mais estranhas: os primeiros discos do Cabaret Voltaire e do Human League, só instrumental, nada pop." Ainda no setor "esquisitices anos 80", André tem carinho especial pelas bolachas de bandas como Zodiac Mindwarp, That Petrol Emotion e o primeirão do Adam & The Ants.

CDs de artistas nacionais, ele tem poucos, muito poucos. Gangrena Gasosa, Violeta De Outono, Secos E Molhados e, claro, os três da Plebe, duas coletâneas (*Portinho Preferência Nacional*, e o último, *Mais Uma Vez Do Que Medo*). Nada de Chico, Milton, Jethama, Gal... "A MPB tem a mesma importância para mim, letra de música não diz absolutamente nada", diz o autor dos versos de "Este Ano" e "Johnny Vai À Guerra".

No caminho para o trabalho no Banco Central, onde se ocupa diariamente com o desenvolvimento de projetos para o Banco Mundial ("Isso é um emprego burocrático, nem um sacrifício como muita gente acha"), André abastece o som do automóvel com indie rock e techno dos anos 90. CDs de Rod Snapper, The Lab, Mega City Four, Mercury Rev, Chasez e *Retreat Food*, do DJ Food ("esse é ótimo para viagens, como a que eu fiz recentemente para Trancoso").

A coleção eletrônica do baixista da Plebe Rude não pára de crescer. "E o que mais me interessa no momento resgata o faça-você-mesmo do punk. É música sem face, sem nome, sem imagem, sem letra. Recuperou minha vontade de descobrir novos bides que eu tinha perdido depois do grunge e do modelo de rock que foi ditado pela MTV", explica Mueller enquanto retira da embalagem o novo single – em vinil – do Coldcut.

*Carlos Marcelo*

## Prateleira especial

**PIL**
***Metal Box (1981)***
"John Lydon em seu auge: quebrou o padrão punk e mostrou que não é preciso ser especialmente talentoso para experimentar. Minha preferida é "Swan Lake", dedicada ao Sid Vicious. Tenho a primeira edição, de 1981, na caixa que parece de rolo de cinema; a *Second Edition*, de 1987, em vinil; e a versão em CD."

**THE DAMNED**
***Damned (1977)***
"Muitos preferem os Pistols, mas o Damned era mais anárquico e não pregava feito o Clash. Era pura diversão. Não tem capa melhor do que esta. Acho que sei tirar quase todas as faixas no baixo. A Plebe chegou a tocar 'New Rose'."

**CABARET VOLTAIRE**
***2x45 (1982)***
"Minha iniciação na música eletrônica não foi com o Kraftwerk e sim com o Cabaret Voltaire, que era da cidade onde eu morei na Inglaterra, Sheffield. Eu tinha tudo deles, mas me forçava a gostar até o *2x45*. São só cinco faixas, mas é absolutamente fantástico."

**ANTONIO CARLOS & JOCAFI**
***O Primeiro Amor (trilha sonora) (1972)***
"Quando eu era criança, achava fantásticas as músicas dessa novela. Sempre tentei achar o disco, até que em 1986, numa loja (Eric Discos) de São Paulo, consegui uma cópia. É maravilhoso! Tem uma música, 'Hey Shazam', que eu tentei convencer a Plebe a fazer uma versão ska, mas não deu certo."

**LEFTFIELD**
***Leftism (1995)***
"Foi com este disco em que eu me achei na música eletrônica – porque percebi que dava para ouvir em casa, não era bate-estaca. Este tem a participação do John Lydon, mas o mais legal são as músicas que tem traços de outras etnias, como 'Afro-Left', que não chega a ser world music, e 'Inspection Check One'."

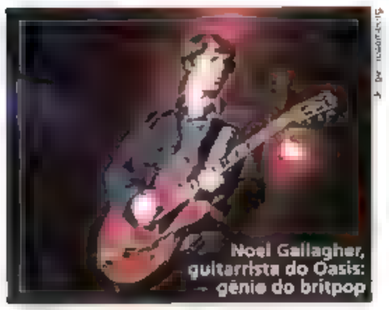
**UNDERWORLD**
***Dubnobasswithmyheadman (1994)***
"Saiu um ano antes do Leftfield, mas eu só conheci depois e é muito bom. As músicas têm vocal, mas como instrumento, não dá para cantar junto. As faixas são longas, mas sem ser coisa de rock progressivo. Vi um show deles em Nova York e foi hipnotizante: fiquei mais de três horas em pé e não senti."

André tem um arsenal de punk rock e praticamente nada de MPB

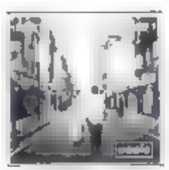
Fotos: Anderson Schneider

# ...para você entender o Britpop

**Bebendo anos 60 e arrotando punk, novas caras do Reino Unido dão um panorama do que melhor se fez no rock desta década**


Noel Gallagher, guitarrista do Oasis: gênio do britpop

Britpop é a expressão que a imprensa da Grã-Bretanha inventou para não ter que escrever "a terceira grande invasão britânica" toda vez em que Blur, Oasis e Suede fossem citados numa matéria. Pop sempre foi feito na terra da rainha, portanto é lógico que britpop seja um termo circunstancial. Mas a enxurrada de bandas boas de pop rock que surgiram na ilha durante esta década não foi invenção dos semanários. A turma da terceira invasão britânica cresceu consumindo os discos da segunda invasão: o punk de Clash, Sex Pistols, Buzzcocks e congêneres, na transição dos anos 70 para os 80. Com certeza, também assaltou a discoteca de seus pais atrás de Beatles, Kinks, Who e outros protagonistas da primeira invasão, que se deu em meados da década de 60. A safra das bandas *shoegazer*, que chamou a atenção da mídia no final dos 80 e início dos 90, é outra de suprema importância para que se entenda o britpop. Na época, os garotos ingleses adotavam um comportamento tão retraído em cima do palco, que ganharam a alcunha por se manterem olhando para baixo durante a apresentação de seus grupos (*shoegazer* aquele que olha o próprio pé). Outra característica eram os nomes curtos, como Lush, Ride e até mesmo Verve e Blur, que tinham uma proposta diferente da que os levaria à consagração anos depois. A rivalidade entre Oasis e Blur ajudou a difundir o britpop. As ofensas publicas destiladas por Noel e Liam Gallagher atingiram também a artistas consagrados e políticos. Por mais que se suspeite de estratégia de marketing, a polêmica foi o tempero que faltava para que o mundo conhecesse esta leva de grandes bandas do Reino Unido.



### OASIS
***(What's The Story) Morning Glory? (1995)***
Epic/Sony

A genialidade e a petulância do guitarrista Noel Gallagher são antigas. Após largar sua carreira de *mod* dos Inspiral Carpets ele assistiu a uma performance da banda do irmão Liam e pediu para integrá-la, com a condição de compor todas as músicas e com a promessa de fazer aquilo virar um fenômeno. Assim que Noel apresentou o riff de "Whatever", o queixo do pessoal caiu e eles resolveram apostar e não é que o tal fenômeno aconteceu? Depois veio "Live Forever", "Slide Away", até chegar ao repertório de *Morning Glory*. Ouça "Hello", "Some Might Say", "Cast No Shadow" e a pluma e a maior banda do mundo.

### THE STONE ROSES
***The Stone Roses (1989)***
RCA/BMG

A estréia homônima do quarteto de Manchester foi rapidamente inserida em duas cenas musicais: *Madchester* (vide Charlatans) e *baggy* (Happy Mondays, Prima Scream). John Squire foi elevado à posição de *guitar hero* e Ian "Monkey" Brown, por mais desafinado que fosse, primava pelo carisma. Até hoje, quando rola "I Am The Resurrection" nas pistas manchestrinas, o público levanta os braços quando chega o refrão, como nos legendários shows da extinta banda. Outros sucessos: "I Wanna Be Adored", "She Bangs The Drums" e "Fool's Gold".

### TEENAGE FANCLUB
***Bandwagonesque (1991)***
DGC

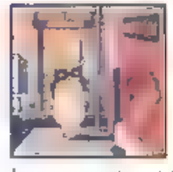
Os escoceses Norman Blake, Gerard Love, Raymond McGinley e Brendan O'Hare ainda não haviam assumido a posição de The Byrds dos anos 90 (eram *shoegazer*) quando lançaram *Bandwagonesque*, mas já mostram com corações alheios. Nunca cantou-se tão bem as agruras de possuir uma automóvel metaleira, como em "Metal Baby" e "The Concept" ("Eu sou a Deus aonde quero ir / Disse que vai comprar um disco do Status Quo/ Oh yeah"). Produzido pelo americano Don Fleming (ex-Gumball), o álbum não é perfeito como *Grand Prix*, de 95, mas ganha em termos de influência para os outros artistas.

### SUEDE
***Suede (1993)***
Nude/Columbia

Aqui é onde o britpop flerta com Bowie, T. Rex e afins. O Suede conseguiu ser capa do semanário inglês *Melody Maker* antes de lançar o homônimo disco de estréia, mas foi obrigado a virar [illegible] de uma cantora americana que usava o mesmo nome. O vocalista Brett Anderson sempre se posicionou acima das confusões e é o maior responsável pelo sucesso da banda. *Suede* é recheado por lângudas baladas, mas os destaques são os rockões estridentes: "So Young", "Animal Nitrate", "The Drowners" e "Metal Mickey". *Coming Up*, de 97, também é discoteca bas ca.

### ASH
***1977 (1996)***
Reprise/Warner

O Ash existe desde 1989, ano em que o guitarrista e vocalista Tim Wheeler e o baixista Mark Hamilton, dois moleques viciados em [illegible], compuseram 12 anos. Conforme foram crescendo [illegible] da banda. O maior hit do *1977*, "Girl From Mars", chegou ao décimo primeiro lugar da parada inglesa no mesmo verão em que os meninos se formaram no colégio. O disco ainda traz grandes baladas "gallagherianas", tipo "Oh Yeah" e "Lost In You", a pornada "Lose Control" e a homenagem punk ao cineasta Jackie Chan, "Kung Fu".



### SUPER FURRY ANIMALS
***Radiator (1997)***
Creation

O Super Furry Animals é o futuro do britpop. Quando essa banda galesa apareceu era vítima de comparações com Blur e Pulp, mas com *Radiator* e seguinte do disco [illegible] Mestres [illegible] eletrônicos e rock'n'roll, os [illegible] também são bons de letras. Cantam em galês e inglês, inserem personagens [illegible] falam de demônios e contam casos de pessoas estranhas. "Nossas mentes viajantes sempre nos farão diferentes", proclamou recentemente o vocalista Gruff Rhys, fã confesso de drogas lisérgicas. Metade de *Radiator* é hit no Reino Unido.

### BLUR
***Parklife (1994)***
Food/EMI

Se você pegou o Blur depois do "woo hoo" de *Song 2*, não se iludia. A banda já foi bem mais criativa, melódica e inglesa. *Parklife* é o terceiro e definitivo álbum da carreira do quarteto. Damon Albarn (voz e piano), Graham Coxon (guitarra), Alex James (baixo) e Dave Rowntree (bateria) fazem o disco no disco da corrida de cachorros na capa. "Amor nos anos 90? É paranóico", diz um dos primeiros versos de "Girls & Boys", cuja batida dance aproxima o grupo das *baggy bands*. Depois tem "End Of A Century" para [illegible] "Parklife" para pegar e "To The End" para ouvir depois de discutir feio com a namorada(o). Será *Parklife* o melhor disco do britpop já composto?

### OCEAN COLOUR SCENE
***Moseley Shoals (1996)***
MCA/Universal

Este álbum tem a bênção e a participação de Paul Weller. O ex-The Jam e ex-Style Council é responsável pelo órgão na maravilhosa "The Riverboat Song", pela guitarra de "The Circle" e pelo piano em "One For The Road". Descreveu o Ocean Colour Scene como o "rhythm and blues inglês para os anos 90". O clima retrô impera em *Moseley Shoals*: os instrumentos usados são de safra antiga e a ambientação das canções é totalmente *sixties*. "The Day We Caught The Train", "Losing Your Pockets" e "It's My Shadow" são baladonas que arrepiam toda vez que o vocalista Simon Fowler alcança um agudo.

### THE BEATLES
***The Beatles (1968)***
Apple/EMI

Não dá para fugir dos mestres. Beatles é tópico fundamental para qualquer discussão sobre britpop. O *White Album* é o mais ousado da carreira do quarteto, com canções absurdamente distintas entre si. Lennon já não admirava tanto as bossas das composições de McCartney e vice-versa. Reza a lenda que o piano animalescamente tocado por John em "Ob-La-Di, Ob-La-Da" era a maneira que ele havia escolhido para dizer a McCartney que a música era bobo demais. No afã de estragar, Lennon ajudara a idéia do amigo com [illegible] O Álbum Branco contém também a trilogia dos bichinhos malgostados: "Bulldog", "Piggies" e "Rocky Raccoon".

*José Flávio Júnior*





### PULP
***Different Class (1995)***
Island

Pulp é a banda de Jarvis Cocker. Classudo, vermorbrágico e andrógino, foi o astro do britpop que mais tardou a alcançar o estrelato. O primeiro lançamento do Pulp, o minialbum *It* data de 1983. Seguiram-se discos medíocres até que o hit "Babies" mudasse a trajetória do sexteto inglês. Jarvis é o principal contador de histórias e analista social do rock mundial, o que fica evidente em *Different Class*. Em primeira pessoa, "Disco 2000" e "Common People" já têm lugares reservados nas listas de melhores letras de rock da década.

# Democracia

Discos independentes, CDs e fitas-demo
Envie para: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

# Juninho Bill no mundo doido

Você provavelmente não se lembra do lateral-direito Luís Carlos, que teve passagens pelas divisões de base do Corinthians, Portuguesa, Rio Branco (de Americana, SP) e foi titular no Sinope, de Mato Grosso. Mas deve se recordar de Juninho Bill, moleque que cantava no grupo infantil Trem Da Alegria, junto com Patrícia Marx, Luciano e Vanessa. Pois é, eles são a mesma pessoa. Enquanto brincava de ser artista, Juninho não abandonou o sonho de jogar futebol. O Trem acabou em 1993 e ele montou a banda de rock **Schulapa** com mais quatro amigos de **Guarulhos**, município da Grande São Paulo.

No início do ano, quando estava prestes a assinar contrato com o clube brasiliense Gama, Juninho percebeu que não conseguiria ficar longe das festas e da banda. "Eu sempre fui roqueiro", proclama. Aos 13 anos, inclusive, exigiu folga na gravação de um disco do Trem Da Alegria porque "queria ver Guns N' Roses, Lobão e Sepultura no Rock In Rio 2". O menino fofinho que cantava "Fera Neném" com Evandro Mesquita na década passada hoje se dedica a sons pesados, na linha de Charlie Brown Jr.

Schulapa é uma homenagem explícita ao atacante Serginho Chulapa, que autorizou o grupo a fazer a brincadeira com seu apelido. Sexo e prostituição estão nas letras de Juninho, que está com 22 anos e também é estudante de Comunicação e estagiário da rádio paulistana Brasil 2000. "Eu curto esse mundo doido", resume ele, que, vira e mexe, passa aqui na redação para pegar um exemplar de SHOWBIZZ na faixa. "Fui assinante da revista por um bom tempo. Mas aí me sacanearam numa notinha sobre um show da Legião quando o Renato Russo me chamou pra cantar 'Pais E Filhos'. Fiquei sentido, cancelei minha assinatura e só voltei a ser fã de vocês recentemente." **Contatos: Tel. (11) 209 5468; site: www.schulapa.cjb.net**

O Schulapa (*Bill, de branco*) faz a maior zona na noite paulistana; no canto, o vocalista nos tempos do Trem

# Primatas com guitarras

"Rock'n'roll à vera, véio. Sem misturar sons, com atitude, sem falso moralismo, sem levantar bandeira. Nu e cru, sacô?", em bom "capixabez", essa é a definição do vocalista Renato para a música dos **Símios**. Por estarem no Rio de Janeiro gravando o disco de estréia, acabaram ficando de fora do Dia D, festival que reuniu as bandas mais importantes do Espírito Santo. Apesar de se lamentarem, os quatro rapazes confiam na faixa "Euforia Etílica" para divulgar seu rock à moda antiga. A letra já serviu para que fossem acusados de sexistas e de incentivarem o consumo de álcool. Renato se irrita: "Fazemos a trilha sonora de nossas vidas. Quem quiser beber, que beba. Na minha festa, a bebida está presente". O guitarrista Maco acha importante ressaltar o "estilo primitivo" dos Símios: "Queremos voltar ao rock e tem que ser com três acordes. Quatro já é demais". **Contatos: Tel. (21) 439-8335**

Os Símios evoluem com o rock'n'roll

O Oito e sua sala de estar esquizóide

# Modernóides jamais

O **Oito** chega mostrando rara personalidade. Formada em São Paulo por seis malucos, que esperam a volta do sétimo integrante de Londres e ameaçam incluir um trompetista na banda (finalmente virando um grupo de oito), a banda deixou Gastão Moreira boquiaberto na edição do programa *Ultrasom*, da MTV, em que participou. O então VJ ficou cantarolando o refrão de "Teu Som" ("Porque eu não sou um modernóide") e vibrou com a versão de "Interstellar Overdrive", do Pink Floyd, que os rapazes tiraram. Um grande diferencial do Oito é que, além de ter duas guitarras, baixo e bateria em sua formação, dois membros (Fipa e Jamor) são exclusivamente encarregados dos efeitos eletrônicos e percussivos. Fipa, que também escreve algumas letras, foi quem teve a idéia de meter um didgeridoo na cover do Pink Floyd e acabou roubando a cena na gravação para a TV.

O Oito prepara um single com três músicas ("Alguma Coisa Mais Pra Frente", "Disculpi" e "Minhas Férias") na mesma linha da primeira demo, de 97, que [illegible] festas para a banda. Eles passaram por João Pessoa, Maceió, Recife e Salvador, deixando a platéia frequentadora desses picos estupefata. "Ninguém digere nosso som de cara", explica o baterista Thiago, que enxerga a esquizofrenia do Oito tanto no som como nas letras, mas que sabe usá-la como aliada. **Contatos: Tels. (11) 575-0968 e (11) 3758-4734**

## Raio-D Um exame nas demos mais interessantes do mês

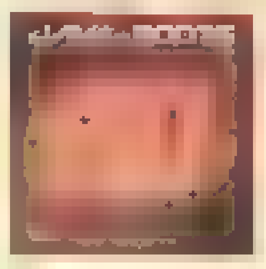
### Medley

**Som:** Hardcore/rap/metal
**Origem:** Vitória, ES
**Auto-retrato:** "A banda está lançando o single *Cidadão X*, mas existe desde 1992. No início, misturávamos hardcore com eletrônica. Agora tá mais funkeado, mais hip-hop, influenciado pelo novo metal. Um *medley*!"
**Resumo crítico:** Depois de um ano morando nos EUA, o Medley voltou ao Brasil apostando num repertório em português, discutindo problemas sociais e invasões alienígenas
**Produção:** Boa
**Contatos:** Tel. (27) 325-0250; e-mail: melissanader@usa.net

### Salvação

**Som:** Reggae raiz
**Origem:** Vila Velha, ES
**Auto-retrato:** "Fazemos um reggae como o que gostamos de ouvir, bem espontâneo. Falamos do cotidiano, de gravidez na adolescência, velocidade no trânsito, qualquer tema."
**Resumo crítico:** O charme da Salvação, que já vendeu mais de 5 mil cópias do álbum independente *Altas Ondas Astrais*, é que tanto o vocalista quanto o cantor de apoio têm a língua presa. Eles cantam "se liga meu *bgother*, altas ondas *astgais*"
**Produção:** Boa
**Contatos:** Tel. (27) 229-4949; site: www.salvacao.cjb.net

### Java Roots



**Som:** Reggae/soul
**Origem:** Vila Velha, ES
**Auto-retrato:** "A base é reggae, mas com pitadas de black music, acid jazz e r&b, tipo Steel Pulse e Ziggy Marley, bem moderno. Aliado a letras com reflexões sociais, o resultado é uma música não convencional, que vem sendo chamada de acid reggae."
**Resumo crítico:** *Mecanópolis* é a estréia do Java Roots, que conta com direção de arte impecável e com o vocalista Chocolate mandando bem no microfone
**Produção:** Muito boa
**Contatos:** Tel. (27) 229-4902; site: www.javaroots.com.br

Entenda o que seus ídolos cantam.

Os maiores ídolos. Seus maiores sucessos. Na mais perfeita tradução.

SHOWBIZZ ESPECIAL

Abril


# Crítica

## Reggae de primeira

**Com autoridade, O Rappa faz experiências com sons jamaicanos em fusão com rap, funk e samba**

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

**O RAPPA**
*Lado B Lado A* (8)
WEA

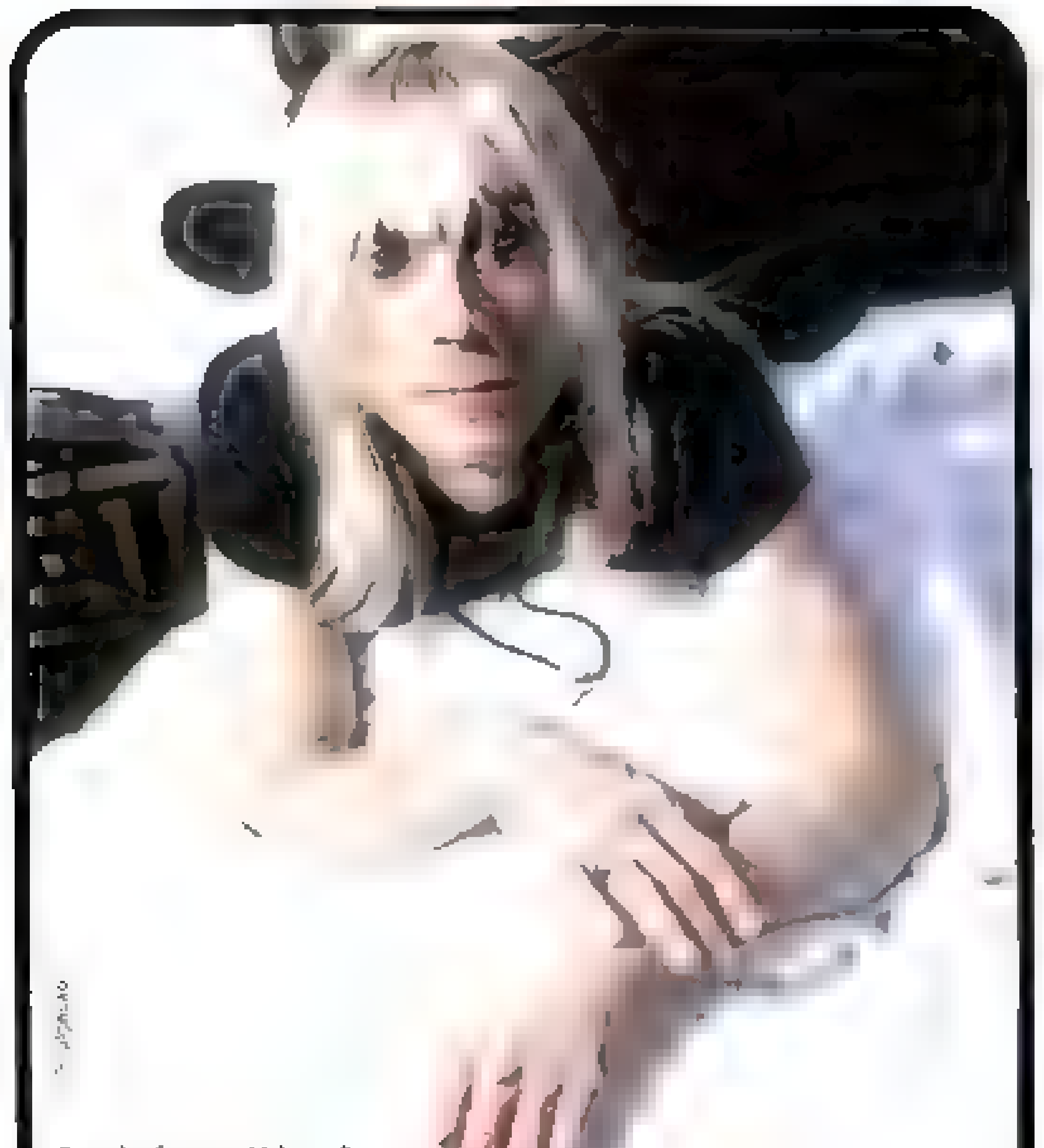
Dentre todas as bandas brasileiras dos anos 90 que se apropriaram do reggae, O Rappa é a mais ousada. Primeiro porque dispensa termos como "Babilônia", "Jah" e "África", que já caíram na vala comum da mesmice. Depois, porque entende perfeitamente a alquimia do gênero jamaicano. Sabe que o segredo de um bom reggae é fazer baixo e bateria estarem nos ouvidos e nas mentes, como ensina a cadernetа de Lee Perry, Dennis Bovell e Bill Laswell – os dois últimos já trabalharam com O Rappa. Terceiro, o reggae não é o ritmo predominante, mas apenas o ponto de partida para uma receita que mistura funk, dub, rap e o samba na escola torta de Jorge Ben Jor e malaca de Bezerra Da Silva.

Esse cruzamento de gêneros dá o tom de *Lado B Lado A*, terceiro disco do quarteto carioca e que está sendo rotulado como "ousado" (só que pelos motivos errados) apenas porque o grupo largou mão de uma produção pop para experimentar scratches e batidas. Uma definição errada, porque os sucessos de Charlie Brown Jr. e Raimundos mostram que a garotada não se intimida diante de sonoridades com muita testosterona – que O Rappa faz ao seu modo em "Se Não Avisar O Bicho Pega" e "Tribuna De Rua". Faixas como "Me Deixa" e "O Homem Amarelo" também podem ser sorvidas sem problemas pelos fãs do Nativus e/ou os rasta-mauriçolas.

O que difere O Rappa dessa turma é que eles gastam um pouco mais de tempo na hora de experimentar. Muitas vezes errou feio: "Favela" é uma tentativa em que o vocalista Falcão cita grandes sambistas sem que a melodia em nenhum momento honre os homenageados; em "Tribunal De Rua" acontece o contrário. Scratches e um violão estilo Jorge Ben escondem a rundade da letra. Felizmente, os acertos são em maior número. "Homem Amarelo" é uma aula completa de reggae em pouco mais de quatro minutos, com uma escaleta que mata a saudade do mestre Augustus Pablo (papo do dub, reggae psicodélico que faz a cabeça do baterista d'O Rappa, Marcelo Yuka), vocalizações que lembram os bons momentos da lenda jamaicana Black Uhuru e influências do dub e drum'n'bass que nos levam ao futuro do reggae. As duas produções de Bill Laswell, então estão perto do sublime – sendo que "Na Palma De Mão" ainda conta com uma preciosa linha de baixo cortesia do produtor. Entre erros e acertos, O Rappa confirma a presença no primeiro time do rock underground nacional.

*Sérgio Martins*

As opiniões dos críticos que os assinam não necessariamente expressando a opinião oficial da revista.



O cabelo e a Nike são semelhanças de Iggy Pop e Suzana Werner

# Maldição da Nike?

## IGGY POP
*Avenue B* (2)
Virgin

Depois que a Nike usou "Search And Destroy", nada mais deu certo para Iggy. O melhor de todos, o cantor de rock mais selvagem e adrenalínico de todos os tempos constatou, aos 52 anos, que está – palavras dele mesmo – "velho e sozinho". Separado após doze anos de casamento, Mr. James Osterberg tentou fazer um disco a partir de sua assumida "crise de meia-idade". Contabilidade geral: quatro textos constrangedores declamados, cinco baladas acústicas e quatro rocks ou quase-rocks (quase todos pouco inspirados), incluindo uma versão meia-bomba da clássica "Shakin' All Over", de Johnny Kidd & The Pirates.

Em busca de respeitabilidade musical, o produtor Don Was (o mesmo de *Brick By Brick*, de 1990) trouxe o trio virtuose Medeski, Martin & Wood. Resultado: um disco tedioso, nada adulto e indigno, muito abaixo das aspirações a *crooner* que Iggy sempre teve. Quem quiser conhecer esse lado, que ouça "Sea Of Love" (gravado em *Party*, de 1981) e "Tonight" (de *Lust For Life*, de 1978). Triste.
**Pedro Só**

## VÂNIA BASTOS
*Belas E Feras* (8)
PlayArte

Um [illegible] da canção [illegible] brasileira

De "musa [illegible] da vanguarda [illegible] paulistana", Vânia Bastos [illegible] respeitável. Em [illegible] com [illegible] a. Vai do samba de Dona Ivone Lara ("Não Chora Neném") aos intrincados jogos verbais de Adriana Calcanhoto ("Alegre"), passando pela rebeldia de Rita Lee ("Dançar Pra Não Dançar"). O disco tem ainda Marina Lima, Joyce, Fátima Guedes, Chiquinha Gonzaga, tudo temperado com a técnica apurada de Vânia Bastos. Trabalho de personalidade, sem ranço revisionista.
**Ayrton Mugnaini Jr.**

## JON SPENCER BLUES EXPLOSION
*Acme* (8)
Matador/Roadrunner

Rock alternativo [illegible] longe da sujeira

Com quase um ano de atraso, o melhor álbum da Jon Spencer Blues Explosion é lançado no mercado nacional – sem a caixinha especial da edição gringa [illegible] mesmo conteúdo geral. Durante [illegible] "Magic Colors" e "Lovin Ma[illegible]" serviram de trilha para uma vinheta da MTV Brasil, que inclusive ativava [illegible] a usar [illegible] Agora [illegible] que [illegible] entrasse a mesma [illegible] decidida a adquirir *Acme*. A [illegible] do mago do barulho Steve Albini (que produziu *In Utero*, [illegible]) [illegible] não suja dessa vez, [illegible] do que as guitarras de Jon Spencer e Judah Bauer transitassem [illegible] pelo [illegible] de sempre. As letras, [illegible] sacadas inteligentes, também refletem a boa fase do trio nova-iorquino. Em "Talk About The Blues" (que ganhou videoclipe com Wynona Rider interpretando o próprio Jon), o "blues" do nome da banda é questionado. Na música, as revistas *Rolling Stone* e *Spin* querem [illegible] [illegible] um [illegible] baita berro: "O blues é número 1, mas eu toco rock'n'roll!" [illegible]
**José Flávio Júnior**

## ZIGGY MARLEY & THE MELODY MAKERS
*Spirit Of Music* (8)
Elektra/WEA

Menos reggae, mais talento

Graças ao sobrenome de Bob Pai, mais todos seus genes e milhões de dólares, Ziggy Marley e os Melody Makers tiveram o [illegible] que toda banda gostaria de ter no começo de carreira. Mas [illegible] eles fazem [illegible] com [illegible] vez melhor. Esta é uma obra [illegible] que tende mais para rhythm'n'blues, contrariando bastante as ideias [illegible] tentadas anteriormente [illegible] "Keep My Faith", surge a [illegible] da [illegible] [illegible] bateria e guitarra bem [illegible] [illegible] alhos rasas e a [illegible] lembra o outsider Taj Mahal. O minimalismo continua em "We Are One", "Gone Away", "Higher Vibration", "Many Waters" [illegible] "One Good Spliff". De certa forma é tudo reggae. Mas aquele padrão do gênero só aparece mesmo em "All Day All Night" (de Bob Marley) e em "Jah Will Be Done". Ou seja, aí estão os filhos de Bob Marley com uma obra de catorze faixas e apenas dois reggaes! E quer saber? [illegible] melhores coisas [illegible] fizeram.
**Otavio Rodrigues**

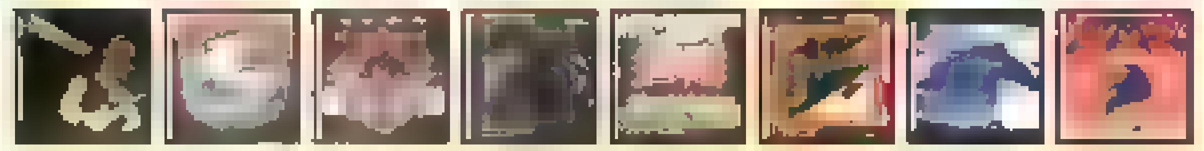
## VÁRIOS
*Hip Hop* (9)
Som Livre

Feras do rap americano em coletânea

O rap nasceu com [illegible] música de festa e, mesmo passando por inúmeras [illegible] nos últimos 25 anos, sempre será música de festa. Neste CD, que mostra um panorama completo da última década de *rhythm and poetry*, essa herança genética fica claríssima. Traços da *old school* saltam aos ouvidos em "Guess Who's Back", de Kas[illegible] e "Let Me Clear My Throat", de DJ Kool. O gangsta está presente com Biggie Smalls ("Hypnotize") e DMX. Lil Kim, a [illegible] de B.I.G., traz sua [illegible] linguagem explícita em "Not To-night", enquanto Lauryn Hill [illegible] os [illegible] [illegible] dar uma palhinha em "All My Life", do Paid & Live. De "Jump Around" (do House Of Pain) a "We Trying To Stay Alive" (melhor faixa do álbum, [illegible] Wyclef Jean, um dos vértices do Fugees), o disco é irresistível. Só não leva um 10 por ter duas faixas [illegible].
**Andrea Estevam**

O bom e velho Steve Miller lança o pacote que o público merece

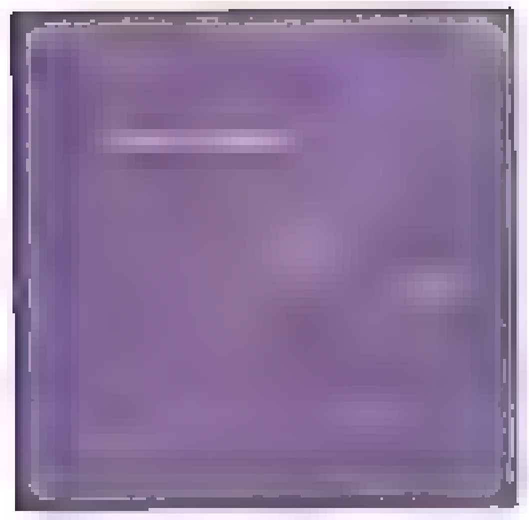
# Guitarras e alegria



reedição

## THE STEVE MILLER BAND
*Fly Like An Eagle* (7)
*Book Of Dreams* (7)
*Circle Of Love* (6)
*Abracadabra* (8)
*Live!* (7)
*Italian X Rays* (5)
*Wide River* (9)
*Greatest Hits* (9)
Eagle/Roadrunner

O guitarrista Steve Miller começou a carreira nos anos 60 fazendo blues e rock quase sempre com letras bem-humoradas. Parte de sua discografia dos anos 70 em diante foi remasterizada e está sendo relançada no Brasil. *Fly Like An Eagle*, de 1976, foi um dos seus primeiros sucessos, com destaque para a faixa-título, regravada pelos Neville Brothers e por Seal, e para "Rock'n Me", que chegou ao primeiro lugar nos EUA. *Book Of Dreams* (1977), gravado simultaneamente a *Fly Like An Eagle*, tem uma profusão de sintetizadores. "Jet Air Liner" tocou bastante nas rádios americanas. *Circle Of Love* (1981) vai do rockabilly ao progressivo, com toques de Frank Zappa (em "Macho City", de 16 minutos). *Abracadabra* (1982) foi o maior sucesso de Miller. A faixa-título foi recentemente regravada pelo Sugar Ray. *Live!* (1983) registra a turnê Abracadabra, com hits como "Jet Air Liner" e "The Joker". *Italian X Rays* (84) é mais pesado, com músicas densas, como "Radio 2" e "Shangri-La". Foi um dos primeiros discos pop gravados com tecnologia digital. *Wide River* (1992) traz de volta as guitarras suingadas de Miller e canções alegres com refrões ganchudos, como a faixa-título e "Circle Of Life". Fez menos sucesso do que merecia. Fechando o pacote, uma coletânea abrangente de vinte faixas que resume essa história toda.
**Toninho Spessoto**



## JERRY ADRIANI
***Forza Sempre*** (8)
Indie

### Clássicos da Legião Urbana em tira-teima vocal

Quando Renato Russo apareceu, muita gente o acusou de imitar Jerry Adriani. A contraprova pode ser tirada com este *Forza Sempre*, onde o craque da jovem guarda recria canções da Legião Urbana, só que em italiano (que ele domina com perfeição). Produzido por Carlos Trilha (que assinou vários trabalhos de Renato, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá), o CD impressiona. O repertório [illegible] do óbvio da Legião, o que aumenta seu mérito. Aqui estão, entre outras, "Andrea Doria", "Una Volta" ("Há Tempos"), "Angra Dos Reis", "Quando Il Sol Entrerà Dalla Tua Stanza" ("Quando O Sol Bater Na Janela Do Seu Quarto") e "[illegible] Aspettato [illegible] Amore Passasse" ("Só Fiquei Esperando Meu Amor Passar"). Jerry canta muito bem e as semelhanças vocais ficam ainda mais evidentes. Tem-se a nítida impressão de [illegible] ou-coroa, a moeda cai em pé.
*Toninho Spessoto*

## TRICKY
***Juxtapose*** (7)
[illegible]

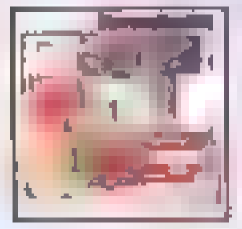
### Pai do trip-hop faz som diluído

Este CD foi concebido como um manifesto, em que Tricky proclama sua aliança com o hip-hop. [illegible] hop, o cantor gravou uma cover do Public Enemy em seu primeiro disco solo e tem colaborado com rappers desde 1996. Agora, junta-se aos produtores DJ Muggs (do Cypress Hill) e Grease (DMX) em um de seus trabalhos mais acessíveis. *Juxtapose* interrompe a descida a círculos infernais cada vez mais aterradores, que resultaram no impenetrável *Angels With Dirty Faces*, do ano passado. Como nada costuma ser o que parece com Tricky, seu "disco de rap" acaba pe[illegible] para o rock. A [illegible] das faixas traz distorções. "Contradictive" lembra The Doors. E "For Real", que ataca o discurso gangsta, situa-se entre Nirvana e Everlast e é a música mais pop da carreira de Tricky. Um álbum do sujeito com melodias assobiáveis: isso é novidade.
*Marcel Plasse*

Galês descontraído, Stuart Cable, Kelly e Richard Jones

# Grande pontapé inicial

## STEREOPHONICS
***Word Gets Around*** (8)
V2/Roadrunner



*Word Gets Around*, de 1997, disco de estréia do trio galês Stereophonics, tem mais acertos do que *Performance And Cocktails*, o posterior, já editado por aqui. A voz rouca de Kelly Jones na faixa de abertura, "A Thousand Trees", já proporciona alguns arrepios: um rockão apaixonado cheio de metáforas, que desemboca no refrão "É necessário apenas um fósforo/ para botar fogo em mil árvores". "More Life In A Tramps Vest", "Local Boy In A Photograph" e "Goldfish Bowl" prolongam a empolgação da primeira música. Como todo bom disco de hard rock, a baladona não poderia estar ausente: "Traffic" fez um sucesso estrondoso no Reino Unido. Em versão ao vivo, "Traffic" aparece no "lado B" do single de "The Bartender And The Thief", hit do segundo álbum do Stereophonics que também está saindo no Brasil. As outras três pauladas do disquinho são a versão ao vivo da própria "Bartender", "She Takes Her Clothes Off" e "Raymonds Shops", dedicada às outras bandas que colocaram o País de Gales no mapa: Manic Street Preachers, Catatonia, Super Furry Animals.
*José Flávio Júnior*

## DEATH IN VEGAS
***The Contino Sessions*** (10)
Deconstruction/BMG

### Fusão de estilos em disco primoroso

Quando lançou o disco *Dead Elvis*, dois anos atrás, o duo britânico Death In Vegas (americanos [illegible] um nome tão engraçadinho) foi saudado pela mídia e comunidade eletrônica como um sopro de vitalidade na cena tecno da velha ilha, ao misturar as tradicionais influências roqueiras com música eletrônica de ótima qualidade. Essa mistura acaba de achar o ponto certo de ebulição no novo disco do grupo, projeto dos DJs e produtores Richard Fearless e Tim Holmes, *The Contino Sessions*. Juntando na medida certeira acordes de guitarras com samplers e batidas, a dupla transportou para o CD influências diversas de rock e punk e até mesmo de ambient music e tecno, extraindo o máximo de [illegible] especiais, como [illegible] Iggy Pop (em "Aisha", sua melhor música em anos), Bobby Gillespie ("Soul Auctioneer", que lembra o estilo do Primal Scream), Jim Reid, do Jesus And The Mary Chain ("Broken Little Sister", numa interpretação que evoca o melhor da finada banda) e Dot Allison (a angelical voz do duo One Dove em "Dirge"). *The Contino Sessions* é um daqueles discos que vão melhorando a cada audição, quando se pode descobrir diferentes nuances, como batidas, detalhes nos arranjos e [illegible] de arrepiar. Barbada para qualquer lista dos melhores d[illegible] independentemente de estilo.
*Luciano Vianna*

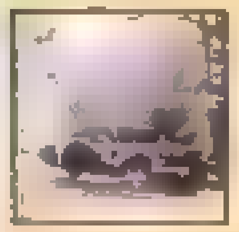
## SNOOP DOGG
***Top Dogg*** (7)
No Limit Records - IMPORTADO

### Aula prática de rap do fim de milênio

Snoop Dogg beijou o céu com *Doggystyle* (1993), clássico do gangsta rap, derrapou em *The Doggfather* [illegible] *The Game Is To be Told, Not To Be Sold* (1998). Na tentativa de recuperar o trono de MC [illegible] da bandidagem, o magrela investe agora em uma penca de produtores, entre eles o velho mano Dr Dre (outro gênero do estilo gangsta e cérebro por trás de *Doggystyle*). A toada é a mesma, a barra-pesada das ruas, recados que o rapper realça com a conhecida interpretação cínica e distante. O que poderia resultar em imbróglio (além de Dre e Master P, mais nove produtores metem a mão na cumbuca) caminha bacana até certa altura, ousando nas batidas. Mas haja fôlego para 21 faixas. [illegible] "I Love My Mama".
*Carlos Eduardo Oliveira*

# Caldeirão sonoro

## LENINE
***Na Pressão*** (9)
RCA/BMG



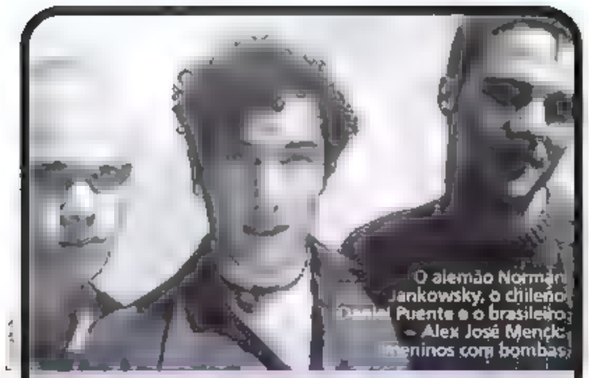
Primeiro, o dever: "Jack Soul Brasileiro", a homenagem a Jackson Do Pandeiro, bem defendida por Fernanda Abreu no álbum *Raio X*, jamais havia entrado em um disco do autor. Faz sua estréia, portanto, com destaque, abrindo *Na Pressão*, disco que leva adiante o processo de informatização do coco e do maracatu iniciado pelo pernambucano no anterior, *O Dia Em Que Faremos Contato*. Depois, a curtição. Lenine acertou em cheio o ponto da mistura, mais até do que alguns expoentes do manguebit. Torna viável, em "Rua Da Passagem (Trânsito)", um encontro da poesia de concreto de Arnaldo Antunes com a cobertura sonora de folha de bananeira da Banda De Pífanos De Caruaru. Em "Relampiano", bolero e trip-hop trocam olhares e dizem "querido, temos tanto em comum...". Em outros momentos, nem dá para separar e identificar direito os elementos. Mas tudo bem. *Na Pressão* não é experiência científica, e sim pop brasileiro, pronto para o dia em que as rádios resolverem fazer contato.
*Jaime Biaggio*

### Ligando os pontos

**Alguma razão especial para que "Jack Soul Brasileiro" seja a faixa de abertura do disco?**
Lenine: Todas... Embora seja um tributo a Jackson, tem a ver com essa luta da música brasileira para botar em prática algo que foi teorizado em 1922. Além do mais, as pessoas sempre me cobravam essa canção.

**Uma parceria sua com Arnaldo Antunes é uma surpresa...**
Estamos descobrindo nossas afinidades. Representamos, ao mesmo tempo, um investimento no novo. Arnaldo escreveu o release (texto de apresentação do disco para a imprensa) e apontou conceitos de que eu mesmo não tinha me dado conta.

**Como, por exemplo...**
Como a ligação da idéia de ponte, do disco anterior, com essa da rede ("A Rede" é uma das músicas de *Na Pressão*, e "Na Ponta" um dos sucessos de *O Dia Em Que Faremos Contato*). O que era ponte, dois pontos unidos, agora é rede, um ponto se comunicando com o mundo.




# Multinacional do rock

## NIÑOS CON BOMBAS
*El Niños* (9)
Grital/Trama

O vocalista e guitarrista Daniel Puente é chileno. Alex José Menck, baixista, é brasileiro. O batera Norman Jankowsky e a responsável por samples e programações Trillian, alemães. O Niños Con Bombas, genial

Finalmente lançado no Brasil, *El Niños* (disco de 1997) é um tratado de experimentalismo no rock'n'roll. Puente foi quem arregimentou o grupo de expatriados com residência fixada em Los Angeles. O cérebro dos Niños se empapuçou do punk rock que sua antiga banda, a Pinochet Boys, levava e foi dar uma volta ao redor do mundo. Na Alemanha, conheceu Menck e Jankowsky. Gravaram o EP de estréia, *De Tiempo En El Momento De La Explosión* (que teve até um semi-hit, "Skeamska", com um trecho cantado em português), como trio. Trillian acrescentou um toque drum'n'bass na mistureba sonora, que já continha ska, hardcore, punk, salsa, samba e metal.

O pós-forró "Lee Mi Poesia" ("Leia A Minha Poesia", que conta a história de um mascate que vai de porta em porta com seus escritos à venda) é a grande música de *El Niño*. Mesclando espanhol com inglês, como na maioria das composições, a banda reinventa o ritmo enfiando guitarra, cantando o refrão fora do tempo e flertando com elementos eletrônicos. "Anestesia", "Ton Ego N'est Pas Toi", "73", "Prediga", "La Espada Y La Cruz" e "Cocomoon" são outras capazes de deixar qualquer desiludido com o rock embasbacado. Nas letras, um pouco do que Daniel Puente absorveu durante o tempo que passou dando rolê pelo planeta: cocaína, prostitutas, discos voadores e outras estrelas do mundo pós-moderno.

Multietnicidade salvadora
*José Flavio Junior*

## MANÁ
*Unplugged MTV* (8)
WEA

Pop rock latino em levada acústica

O quarteto mexicano Maná faz uma mistura eficiente de pop, rock e ritmos latinos diversos. Este CD, gravado para a série *Unplugged*, da MTV, é o sexto do grupo e o primeiro lançado no Brasil. Traz alguns dos maiores hits da banda, como a abolerada "Te Solte La Rienda", o reggae "Falta Amor", com letra falando do problema das crianças de rua, e o folk rock "Ana". Uma das canções faz referência ao Brasil, "Cuando Los Angeles Lloran", que aborda o assassinato de Chico Mendes. O som do Maná lembra bastante os Paralamas, uma de suas maiores influências, e o Nenhum De Nós. Tem qualidade.
*Toninho Spessoto*

## LORDS OF ACID
*Expand Your Head* (7)
Antler Subway Records – IMPORTADO

Festa imodesta do tecno belga

O Lords Of Acid, projeto de Praga Khan, Jade 4 U e Oliver Adams, é o escândalo favorito do tecno belga e considerado o Marquês de Sade do gênero. Foi também uma das pioneiras na mistura de ritmos eletrônicos e guitarras. O resto da história pode ser ouvido nesta coleção dos hits da banda remixados por Joey Beltram, Frankie Bones, Rob Swift, KMFDM, God Lives Underwater e Chris Vrenna, baterista do Nine Inch Nails. O single "Am I Sexy?" tem clima de swing psicodélico dos anos 60, sampleia Brigitte Bardot e entrou no novo filme de *Austin Powers*, mas não no CD da trilha. É pinto perto do remix de "Sit On Acid", em que a genuína rainha do LSD propõe sufocar os fãs com sua intimidade profunda.
*Marcel Plasse*

## BELLE AND SEBASTIAN
*Tigermilk* (10)
Jeepster/Matador – IMPORTADO

Sai em CD a este a dos queridinhos indie

Os fãs andavam ansiosos pela reedição de *Tigermilk*, trabalho de estréia dos escoceses do Belle And Sebastian. As mil cópias iniciais do álbum, fruto de um trabalho universitário realizado por Stuart Murdoch e Stuart David, foram lançadas em meados de 1996. Dois discos e quatro EPs depois, *Tigermilk* está disponível e, com suas dez músicas, revela-se indispensável aos cultuadores do grupo. O delicioso começa com uma versão de "The State I Am In", diferente da posterior, que está no EP *Dog On Wheels*. "Expectations" conta a história de uma garota que transformava os integrantes do Velvet Underground em bonecos de argila. "She's Losing It" "You're Just A Baby" e "I Could Be Dreaming" flertam com melodias pop sessentistas. Mas a surpresa pinta com "Electronic Renaissance", que transporta o ouvinte aos anos 80, de onde ele pode não querer voltar mais.
*Jose Flavio Junior*

## ALMIR GUINETO
*Almir Guineto* (8)
Mercury/Universal

A volta por cima de um mestre do samba

Tudo bem que andávamos com saudade, mas voltar com apenas sete músicas novas em um disco de quatorze faixas é um pouco demais, não? Paciência. Estratégia usada quando um artista troca de gravadora. E olhe que Almir só conseguiu esse contrato por uma imposição do compadre Zeca Pagodinho, em mais um grande serviço prestado ao samba. Apesar dos pesares, é um grande disco. No campo das loleiras, destaque para "Caxambu", "Jiboia", "Mel Na Boca", "Insensato Destino", "Lama Nas Ruas" e a genial "Saco Cheio". Das inéditas, Almir acerta na romântica (por que não?) "Pra Não Deixar Morrer Um Grande Amor" e na ótima "Terreirão", que já está tocando bem nas rádios. Os arranjos de Rildo Hora (também produtor do disco) e Paulão Sete Cordas são bastante inspirados. Esperamos que Almir tenha voltado para ficar. E para trazer, no próximo disco, as velhas safadas que só sabem compor quando garimpam os ainda resistentes pagodes de fundo de quintal.
*Álvaro da Costa e Silva*

## SPIN DOCTORS
*Here Comes The Bride* (6)
Universal

Poucas novidades nesta possível despedida

Desde que estourou com a balançada "Two Princes" (aquela do "If you want to call me baby/ just go ahead now") – que os trouxe inclusive ao Brasil, no Hollywood Rock de 1995, como atração de abertura dos Rolling Stones –, o grupo americano Spin Doctors não apresentou muitas variações de seu único tema. São músicas simpáticas, dançantes ocasionalmente, com letras bem humoradas, mas todas mais ou menos iguais. Ou melhor, eram quase 100% iguais. Africa Bibral, este novo álbum do quinteto, *Here Comes The Bride*, não consegue sair muito do previsível. O começo até que anima, com um órgão de casamento (o título do disco significa "Lá vem a noiva") e duas ou três músicas ("Here Comes The Bride", "Vampires In The Sun", "Waiting For The Blow") bacaninhas. Quando se acha que o SD vai deslanchar, começa a mesmice. E pode ser a última, pois o cantor Chris Barron está sofrendo de um raro tipo de paralisia nas cordas vocais, que pode vir a aposentá-lo precocemente.
*Bernardo Araujo*

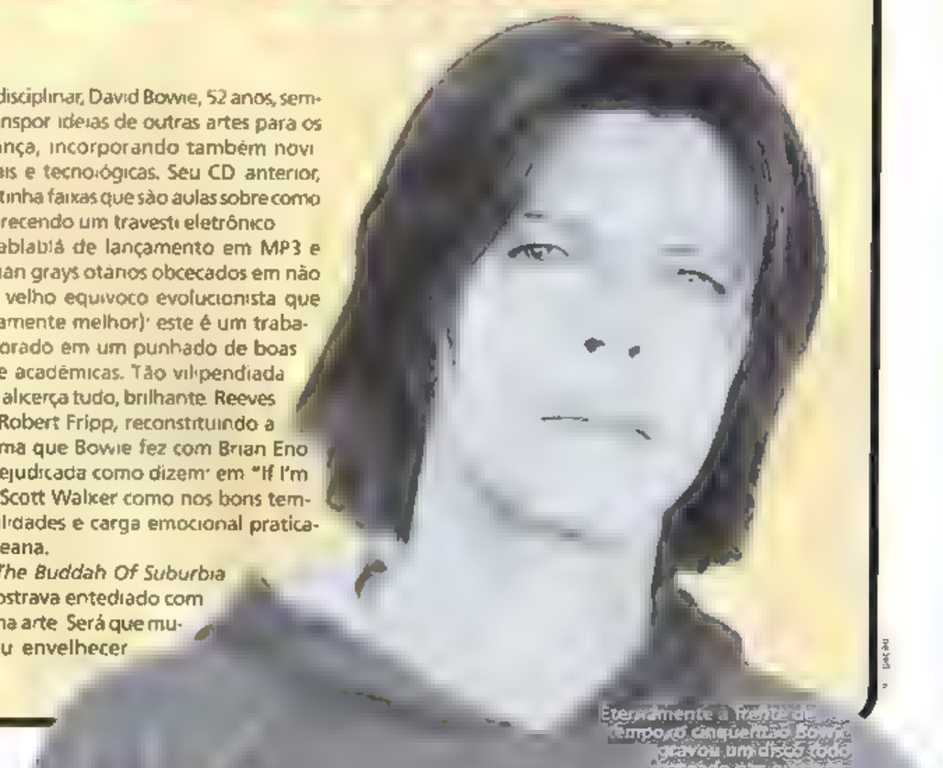
# Bom e velho?

## DAVID BOWIE
*hours...* (7)
Virgin

Talento multidisciplinar, David Bowie, 52 anos, sempre soube transpor idéias de outras artes para os discos que lança, incorporando também novidades musicais e tecnológicas. Seu CD anterior, *Earthling*, continha faixas que são aulas sobre como atualizar o som sem ficar parecendo um travesti eletrônico.

Isso posto, esqueça o blablablá de lançamento em MP3 e Internet (conversa para dorian grays otários obcecados em não envelhecer e apegados ao velho equívoco evolucionista que considera o novo necessariamente melhor): este é um trabalho sem inovação, mas ancorado em um punhado de boas canções, baladas pop quase acadêmicas. Tão vilipendiada no fim de milênio, a guitarra alcerça tudo, brilhante. Reeves Gabrels imita o melhor de Robert Fripp, reconstituindo a mística de *Heroes*, obra-prima que Bowie fez com Brian Eno em 1977. A voz não está prejudicada como dizem em "If I'm Dreaming My Life", emula Scott Walker como nos bons tempos. As letras revelam fragilidades e carga emocional praticamente inéditas na lira bowieana.

No encarte da trilha de *The Buddah Of Suburbia* (CD de 1995), o artista se mostrava entediado com as velhas estruturas formais na arte. Será que mudou de opinião e resolveu envelhecer graciosamente?
*Pedro Só*


Eternamente à frente de seu tempo, o camaleão Bowie gravou um disco todo obcecado nos anos 70

Divulgação/Thrill Jockey

## TORTOISE
***TNT*** (6)
City Slang/Motor

Original e espontâneo, o Tortoise, principal banda da cena pós-rock de Chicago, continua a pintar paisagens sonoras e dá um passo à frente em termos de estrutura musical neste que é seu quarto álbum. Misturando xilofone (confira "I Set My Face To The Hillside"), trombone, baixo, violino, guitarra, marimba, corneta, bateria e efeitos eletrônicos, o grupo não se aproxima em nenhum momento de fórmulas convencionais. O que rola são construções sonoras tensas e experimentais, porém melódicas. Com um colorido incrível, *TNT* pode funcionar tanto como acompanhamento de um bom livro quanto como trilha de meditação. Mas o melhor mesmo é escutar o álbum com os olhos fechados (experimente com "The Equator")! Por enquanto Jonh McEntire, cabeça do grupo, está empenhado produzindo o novo album do Stereolab, mas em dezembro eles vêm ao Brasil para uma turnê com Tom Zé. Não perca. Mesmo!
*Juliano Zappia*

## Brincando em todas

**Pós-rock é um termo suficiente para definir o som do Tortoise?**
**John McEntire:** Não. Nosso som é fluido e dinâmico. Palavras não podem descrevê-lo, porque ele está constantemente mudando, como os preceitos da lei da mecânica quântica.

**Como o punk rock influenciou as experimentações da banda?**
Nós todos viemos do punk, é o nosso passado. Mas hoje temos muitos outros interesses musicais que fomos adquirindo ao longo dos anos. Deixamos essas influências aparecerem, mas elas são sempre formatadas à visão coletiva do Tortoise. O jazz se enquadra nesse perfil.

**Os músicos do Tortoise participam o tempo todo de projetos paralelos. Como vocês conseguem manter inalteradas as características fundamentais do som da banda?**
Somos muito ativos musicalmente. Tentamos usar diferentes situações para desenvolver idéias que melhor se adaptem a cada contexto, ou projeto. Por outro lado, isso nos alimenta. Podemos ser singulares apenas sendo o que somos.

## SUPERCHUNK
***Come Pick Me Up*** (7)
Merge/Motor

**Banda alternativa finalmente diversifica o som**

Durante seus dez anos de carreira, o Superchunk, quarteto da Carolina do Norte, sempre apresentou dois graves defeitos: falta de ousadia e um vocalista (ele mesmo) sofrível. Em *Come Pick Me Up* (...) esses problemas parecem ter desaparecido. Mesmo que apenas uma das quatorze músicas do álbum não apresente título com duas palavras, elas soam diferentes entre si. Algumas diferentes até do material que a banda produziu no passado. O indie rock influenciado por Sonic Youth, Husker Du e Guided By Voices ganhou metais e cordas ("June Showers", "Hello Hawk", "Pink Clouds") sem que isso afetasse a autenticidade das composições. Como de costume, o Superchunk se vale de desarrumações rítmicas nas canções. Mas os roquinhos foi-foi, as baladas melancólicas e as letras apaixonadas batem ponto. E a maravilhosa "So Convinced" entra para o rol dos clássicos com menos de dois minutos.
*José Flávio Junior*

## GIL SCOTT-HERON
***Evolution & Flashback – The Best Of Gil Scott-Heron*** (9)
RCA/BMG

**Professor de black music em coletânea abrangente**

Nem sempre a importância de um músico pode ser medida em quantos milhões de cópias ele vendeu ou quantas músicas emplacou nas paradas de sucesso. Às vezes ele funciona como uma espécie de guru – quando repercute mais no meio artístico do que junto ao povão, ampliando as fronteiras e incentivando o desenvolvimento de novos artistas e gêneros musicais com seu trabalho. Um desses Jedis da música pop atende pelo nome de Gil Scott-Heron. Cantor e tecladista, ele faz a cabeça de gente como o ilustrado colecionador e soulman Ed Motta, e seus inflamados discursos sobre a negritude semearam idéias no rapper Chuck D (um discípulo que deve orgulhar o mestre), na hora de fundar o Public Enemy, um dos mais importantes grupos do estilo.

*Evolution & Flashback* seleciona as melhores faixas gravadas por Heron entre 1970 e 1973. Perfeito cruzamento entre funk, jazz e soul ("Free Will") demonstrações de talento ao piano e aulas de prosa que deixariam a turma do rap lendido morrendo de vergonha ("Evolution & Flashback", com seus tambores afro, e "Whitey On The Moon") e alguns dos clássicos entre a negritude americana ("Revolution Will Not Be Televised", frase que recentemente estampou um protesto dos Racionais MC's contra uma poderosa emissora de TV) fazem o temporo
*Sergio Martins*

## TRIO MOCOTÓ
***Trio Mocotó*** (8)
Movieplay

**Classico do suingue brasileiro em versão digital**

Quem gosta de suingue, samba-rock, Jorge Ben e quetais vai adorar. Quem não gosta precisa botar de lado o preconceito e ouvir este CD do Trio Mocotó. Pelo menos para descobrir as sutilezas sonoras que três percussionistas conseguem produzir. Situando o Mocotó surgiu para o grande público no final dos anos 60 acompanhando Jorge Ben. A formação original com Fritz Escovão (cuíca) Nereu Gargalo (pandeiro) e João Parahyba (tumba), brasileiramente acompanhando Jorge especialmente [illegible] *Bruta* de 19[illegible] gravaram [illegible] terceiro, de 1977, e já não conta com João Parahyba, substituído por Joãozinho Carnavalesco. Coprodução ítalo-brasileira, o disco foi gravado em São Paulo e Londres, com direito a cordas e metais arranjados por [illegible] Bonfá e Patuccni (exceto pelo clima dramático que emprestam a "Não Adianta", velha conhecida da turma do samba-rock, são perfeitamente dispensáveis). O trio vai sem cerimônia do samba mais tradicional a pérolas do balanço pop. Destaques absolutos: "Toda Tarde" (de Nereu e Fritz), "Dilé" e "Que Nega É Essa", duas crias de Jorge Ben. Obra-prima do suingue.
***Fábio Rodrigues***

## B.B. KING
***Live In Japan*** (10)
MCA/Universal

**Grande disco ao vivo do mestre do blues**

Este disco fabuloso, gravado durante a melhor fase de King, originalmente foi lançado apenas no Japão porque a gravadora não queria inundar o mercado ocidental de discos do [illegible]co que concorressem entre si. Afinal, na época [illegible] menos que *Completely Well*, *Indianola Mississippi Seeds*, *Live In Cook County Jail* e *B B King In London*. É verdade que há muitas semelhanças entre os dois shows registrados em Tóquio em 71 e o gravado poucos meses antes na penitenciária de Cook County. O repertório é quase igual: "Everyday I Have The Blues", "How Blue Can You Get?", "Sweet Sixteen", "The Thrill Is Gone" e outras. Mas as diferenças é que fazem a diferença. Para começar, o disco do Japão inclui o único registro ao vivo de "Hummingbird" (que já vale o CD. É pouco? Pois há uma série de jam sessions ("Hukari #88", "Japanese Boogie", "Jamming At Sankei Hal.") e uma tara interpretação de "Eyesight To The Blind", mais conhecida na versão de Eric Clapton. Por fim, o golpe de misericórdia: King solo o tempo todo, deixando sopros e piano em segundo plano. Não precisa mais certo? Compre logo e vá [illegible] ar um rombo na sua coleção.
***Helton Ribeiro***

## Overdose d[illegible]

### THE RAMONES
***Hey! Ho! Let's Go!*** (9)
Rhino/WEA

### MARKY RAMONE & THE INTRUDERS
***Don't Blame Me!*** (8)
Trama

### VÁRIOS
***Gabba Gabba Hey, A Tribute To The Ramones*** (6)
Triple X/Trama

*Hey! Ho! Let's Go!* é a mais completa coletânea dos Ramones, com 58 faixas em dois CDs. Todas as indispensáveis estão aqui (à exceção de "We're A Happy Family"), e há curiosidades como "I'm Affected", filha bastarda de "We Want The Airwaves" com "I Just Wanna Have Something To Do". Só a fase final foi meio subestimada, com a ausência de "Strength To Endure".

No campo da herança, viva o batera Marky Ramone. Sua banda lançou um belo disco de punk rock, sem semelhanças demais com o trabalho de sua antiga banda. Já o tributo *Gabba Gabba Hey*, por sua vez, é como todos: quando a versão parece a original, é bom, mas não tem muita razão de existir. Quando é muito diferente, o fã se ofende. Salvam-se o Bad Religion (com "We're A Happy Family"), o Rigor Mortis ("Psycho Therapy") e outros poucos.
***Bernardo Araujo e Jaime Biaggio***

Os antológicos Ramones de Joey ganharam uma antologia

Jorge Koxoboski

# E mais...

## Ska, reggae, rock em espanhol, som de raves, The Animals, o samba de Luizinho SP

| Disco | Quem? | Como? | Funciona? |
|---|---|---|---|
| **SKALIENTE** (Grita!/Trama) | Rancid, Allstonians, Hepcat, Todos Tus Muertos, Ninós Con Bombas e outras bandas de diversas nacionalidades do selo Grita! | Em inéditas e sucessos. Os paulistanos do Blind Pigs comparecem com a híbrida "Revolution Rock" | Não. Falta ousadia e competência musical, exceções feitas ao nervoso Voodoo Glow Skulls, à esquizofrenia do Ninós Con Bombas e ao Hepcat. |
| **ESSENTIAL** (EMI) | The Animals, banda liderada pelo cantor/compositor Eric Burdon, uma das mais importantes do pop rock inglês nos anos 60. | Coletânea da fase em que gravaram pela EMI, com clássicos como "House Of The Rising Sun" e "Don't Let Me Be Misunderstood". | Com certeza. O som dos Animals sempre foi vigoroso e a voz rascante de Eric Burdon tocava fundo na alma. O melhor de uma grande banda. |
| **BRAZILIAN HORIZONS VOL. 2** (Milestone/BMG) | Grandes nomes do jazz, como John Coltrane, Ella Fitzgerald, McCoy Tyner, e músicos brasileiros, como Bola Sete e Dom Um Romão. | Recriando clássicos da MPB pós-bossa nova, como "Vivo Sonhando", "Ligia", "Influência Do Jazz" e "Manhã De Carnaval" | Claro, não há sotaque que resista ao balanço da música brasileira. O resultado é uma interessante fusão. |
| **RAVE TRIP** (Trama) | Commander Tom, The Well Paid Scientists e Liberators, entre outros nomes eletrônicos | Sucessos de rave, como "The Rabbit's Name Was..." e "To The Batrave. Let's Go", remixados pelo DJ e jornalista Camilo Rocha. | Só para quem é muito fã de hard trance, acid techno e outros subgêneros de nomes complicados. Ouvir som de rave fora de uma é chato. |
| **IFÁ** (Epic/Sony) | A banda baiana Ifá, liderada pelo cantor e compositor Jauperi (ex-integrante do Olodum), figurinha manjada entre os fãs brazucas de reggae | Em composições próprias, como "Topo Do Mundo", numa cover de "Eu Sou Negão" (Gerônimo) e numa versão do hit "Tease Me" (Chaka Demus & Pliers). | Sim, a voz de Jauperi é boa (lembra Djavan) e o repertório – bem selecionado – remete aos bons tempos da Banda Mel. Vai pegar, tem qualidade... |
| **ESPAÇO RAP INTERNACIONAL VOL. 1** (Virgin) | KRS-One, Jazzy Jeff & Fresh Prince e A Tribe Called Quest, dividindo espaço com rappers menos inspirados, como Spice 1 e Celly Cel. | Em coletânea produzida pela 105 FM, de São Paulo, uma das poucas no Brasil a manter um programa de rap. | É um CD irregular. Das doze faixas, só quatro realmente valem a pena. |
| **DEPARTAMENTO DE PAGODE** (Ve as) | Luizinho SP, talento insuspeito da nova geração do pagode, aprovado por Zeca Pagodinho e pelo grupo Fundo De Quintal. | Em seu segundo disco, com boas composições próprias, duas parcerias com a revelação Dudu Nobre e "Eu Canto Samba", de Paulinho Da Viola. | Para quem gosta do bom samba, sim. Luizinho é malandro, mas sabe ser romântico sem cair na baba (ouça "Ela Me Ama", de Arlindo Cruz). |
| **#1 EP** (Tamborete) | A banda hardcore Os Cabeloduro, de Brasília, que sai pelo selo dirigido por Rafael Ramos (do Raba Cósmica e apresentador do *Quiz MTV*). | Num EP de dez músicas curtinhas, com toda a fúria e lengalenga do hardcore que se leva a sério | Se você estiver precisando de conselhos como "Insista, não desista, nada é fácil nessa vida", de "Cresça E Apareça", compre já! |
| **SANTA SANGRE** (Grita!/Trama) | Estréia da banda Psychotic Aztecs, formada por "chicanos" residentes em Los Angeles. | Rock em espanhol, com boas letras e melodias não convencionais, sob influências punk, blues, surf e country. | Com certeza. O disco chega a surpreender em faixas como "Salname" "Tierra Me Cubre", "Levantate", "Puro" e "Sin Calzones" |

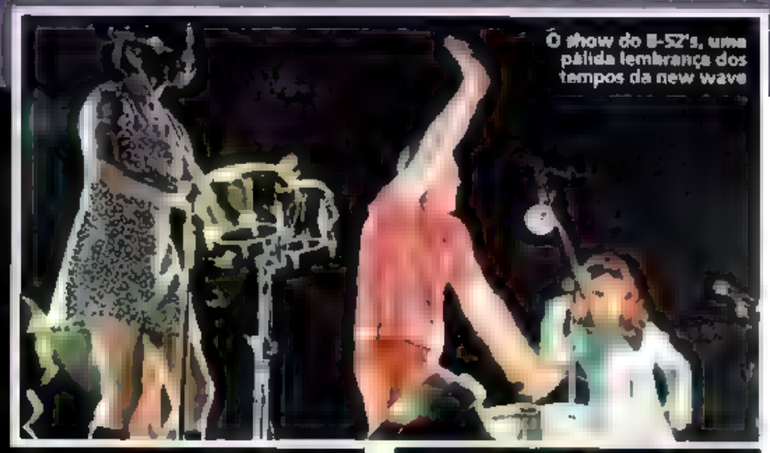
MUITO MAIS SAUDADE

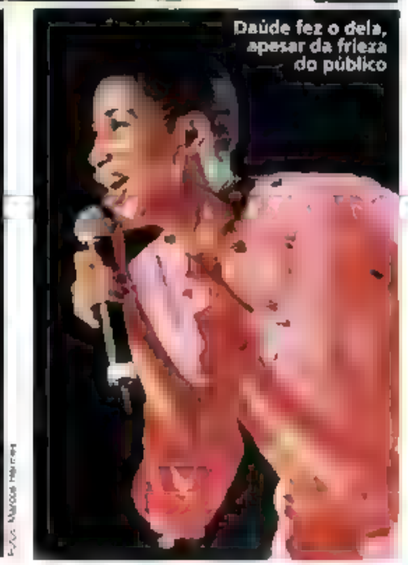
A mais completa em novidades e raridades
sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão
Enviamos para todo país.
Aceitamos cartão
LONDON CALLING
CDs - VHS - DVD
(011) 223-5300

REVISTA SHOWBIZZ
PARA ANUNCIAR AQUI LIGUE
TEL.: (011) 3037 6860
FAX: (011) 3037 4909

rádio CIDADE RIO É MUITO MAIS!

# Saudade e decepção


O show do B-52's, uma pálida lembrança dos tempos da new wave


Daúde fez o dela, apesar da frieza do público

Cheio de chinfra, Sideral enlouqueceu a massa

## Nasce a uai_music

### Wilsom Sideral
**Fábrica Vide Bula (BH), 25/8**

Sideral é um cara legal. A frase pode parecer bobinha, mas tem sua razão de ser. O fato é que Wilsom Sideral é ídolo em seu Estado. O show de lançamento de *1*, primeiro CD do cabeludo, levou 11 mil pessoas numa noite fria de quarta-feira à Fábrica Vide Bula, espaço cultural montado no pátio de uma grande confecção de Belo Horizonte. A dourada juventude presente foi ao delírio com os maneirismos do rapaz.

Cantor competente e bom guitarrista, ele não poupou estilo, com riffs consistentes e pinta de pop star. Mandou ver petardos como a funkeada "Wilsom", o samba-rock "Brasileiro" e a baladaça "Não Vou Dizer Adeus", versão de "So Very Hard To Go", do grupo funk Tower Of Power, mesclados a releituras de "Metamorfose Ambulante" (Raul Seixas), "Alô Alô Marciano" (Rita Lee), "Olhos Coloridos" (Sandra De Sá) e "Bem Que Se Quis" (Marisa Monte).

Na metade do show, Sideral chamou ao palco Samuel Rosa e o mano Rogério Flausino. Os três cantaram "Para Lennon & McCartney", pedindo a bênção do Clube da Esquina. No bis, claro, "Fácil" (Sideral é o autor da música). Show simples, com um artista competente. Wilsom Sideral está pronto para o sucesso.

*T. S.*



## American Express Live Sound
**Hípica Paulista (SP), 27 e 28/8**

Um infestival American Express Live Sound, realizado na aristocrática Sociedade Hípica Paulista, teve duas faces distintas. Na primeira noite, 3 mil pessoas circulavam tranquilamente pela área de shows, que tinha capacidade para pelo menos 10 mil. O preço do ingresso – R$ 50 por dia – bastante salgado – afugentou o público. Quem meteu a mão no bolso viu dois bons espetáculos. Com a competência habitual e uma dose generosa de simpatia, Gilberto Gil desfilou sucessos como "Palco", "Vamos Fugir" e "Drão". Platéia devidamente aquecida, foi a vez dos Paralamas Do Sucesso detonarem. Num show arrasador – ainda não o acústico que devem começar a fazer daqui a dois meses –, Herbert Vianna, João Barone e Bi Ribeiro cantaram apenas hits, como "Óculos", "Meu Erro", "Ela Disse Adeus", "Lanterna Dos Afogados", "Uma Brasileira", e covers dos Titãs ("Marvin"), Legião Urbana ("Que País É Este?"), Tim Maia ("Sossego") e Raimundos ("Eu Quero Ver O Oco"). Pena que a prometida canja de Gil acabou não rolando.

No dia seguinte a coisa desandou. A baiana Daúde bem que se esforçou em seu show, com repertório que incluiu a versão de "Pata Pata", hit da sul-africana Miriam Makeba nos anos 60. Mas foi recebida pelo público com um misto de desânimo e indiferença.

A expectativa era para a new wave dos B-52's, mas o que se viu foi uma pálida lembrança dos divertidos palhaços dos anos 80. Fred Schneider tentou em vão arrancar algum entusiasmo das cerca de 4 mil pessoas presentes. Kate Pierson, bem envelhecida, permaneceu estática a maior parte do tempo, talvez sentindo falta da companheira de palco Cindy Wilson (que não veio ao Brasil porque acabou de ter um bebê e foi substituída por Carl Dorsey, cantora e baixista que já tocou com David Bowie). O guitarrista Keith Strickland fez o feijão-com-arroz. No baixo, a lendária Sara Lee, ex-Gang Of Four, arrepiou, superando – e muito – os outros músicos.

Para compensar a falta de pique, os B-52's poderiam ter investido nos hits, mas optaram por cantar poucas músicas conhecidas. Private Idaho, Love Shack, "Rock Lobster" –, deixando de fora sucessos como "Legal To Be Over" e "Meet The Flintstones". O público, frustrado, saiu com a certeza de que era melhor ter ficado em casa ouvindo os bons e velhos discos da banda.

*Toninho Spessoto*

Gil acertou no repertório e esbanjou simpatia

Paralamas, o melhor show do festival

## Marisa Monte e Velha Guarda da Portela

**Lona Cultural de Anchieta (Rio), 18/8**

# Gostinho bom

Foi apenas um aperitivo. Ou, como preferiu Jair Do Cavaquinho, "um tapa-no-beiço antes da tripa lombeira que vem por aí". O show de Marisa Monte com a Velha Guarda da Portela, que inaugurou a Lona Cultural de Anchieta, Zona Norte do Rio, abriu o apetite para o CD que a cantora produziu com seus velhos conhecidos da escola azul e branca de Madureira.

O público, em sua maioria moradores das redondezas, desacostumados aos espetáculos de La Monte, aplaudiu de pé a partir do show de abertura de Mar-quinhos De Osvaldo Cruz, talento da nova geração que prepara o lançamento de seu primeiro CD. Nos bastidores, os componentes da Velha Guarda não se cansavam de agradecer a Marisa por tê-los ajudado a gravar o quarto disco em quase trinta anos de carreira. "Essa menina veio do céu", versou a pastora Surica.

O repertório do show reuniu o que Marisa chama de "o *best of* da Velha Guarda": belezas como "Quantas Lágrimas", do saudoso Manacéa, e também algumas inéditas do novo CD que está sendo negociado com gravadoras para lançamento ainda este ano. A Lona Cultural ainda prestou homenagem a Carlos Zéfiro, antigo morador de Anchieta cujos desenhos pornográficos inspiraram a arte da capa do CD *Barulhinho Bom*. Na vida real, Carlos Zéfiro era o compositor Alcides Caminha, parceiro de Nélson Cavaquinho e Guilherme De Brito no clássico "A Flor E O Espinho", com o qual, fugindo do roteiro, Marisa e a Velha Guarda brindaram a platéia.

Na primeira fila, um discreto senhor de bigode, o engenheiro Carlos Monte, ex-diretor da Portela e fã número um da filha cantora, falou sobre o livro que está escrevendo: "Você pode explicar o surgimento da Portela por fatores geográficos, culturais, econômicos ou políticos. Mas o que não tem explicação é a grandeza do samba portelense".

O caso de amor entre Marisa Monte e a Velha Guarda da Portela vem de longe. Nem ela mesma lembra a primeira vez que viu os bambas e ouviu os sambas que a encantam até hoje. Nascido na quadra de terra batida da Portelinha no subúrbio carioca de Osvaldo Cruz, onde a menina Marisa dançava descalça, o namoro ganhou a aprovação do pai da moça, com os encontros que ele promovia em seu apartamento da Tijuca, reunindo compositores e componentes da escola. Ao longo dos anos a relação se firmou e os sambistas participaram de shows e CDs da cantora. Agora gerou um filho.

A Velha Guarda estreou em LP em 1970 com *Portela – Passado de Glória* – distribuído em CD em 1997 –, uma iniciativa de Paulinho Da Viola. Esse primeiro registro reune as músicas e as vozes de compositores já falecidos que ajudaram a fundar e a construir a música da Portela: Manacéa, Aniceto, Minha Rufino, Ventura, Alvaiade, Chico Santana, Alberto Lonato, Alcides Malandro Histórico.

Em 1986, um japonês esperto, Katsunori Tanaka, convenceu Chico Santana, à época presidente da Velha Guarda, a gravar um segundo disco. Lançado antes no Japão, onde logo se esgotou, o trabalho deu oportunidade aos mais novos, que, por uma questão de hierarquia, no primeiro disco atuaram em segundo plano – Monarco, Casquinha, Argemiro, Casemiro e as pastoras Doca, Eunice e Surica. Tanaka ainda produziria mais um disco do grupo, este só com músicas de Paulo Da Portela e que, infelizmente, só saiu no mercado japonês.

Com o auxílio de Monarco, Marisa teve a preocupação de fazer com que os compositores puxassem da memória antigas músicas que só escaparam do esquecimento graças à tradição oral. A mais conhecida é "Lenço", de Monarco e Chico Santana, sucesso na voz de Beth Carvalho, que, na atual roupagem, é defendida por Zeca Pagodinho, espécie de mascote da Velha Guarda. Paulinho Da Viola, outro que é ligado à escola desde o berço, canta "Norte", de Alvaiade e Chico Santana. Jair Do Cavaquinho, parceiro de Nelson Cavaquinho, mostra uma de suas últimas composições, "Sabiá". Casquinha, um filho de alemão com negra que na certidão de nascimento atende por Otto Enrique Trepte, comparece com três músicas de sua autoria, inclusive cantando a capela: "Foi uma sugestão de Marisa na música 'Vem Amor', que tinha uma primeira parte do Chico Santana, e eu e o Monarco colocamos uma segunda. É um samba tão antigo que nem eu me lembrava mais dele", emociona-se o grandalhão Casquinha.

***Alvaro da Costa e Silva***

Marisa entre os bambas Argemiro e Casquinha: emoção que vai virar CD

Jair Do Cavaquinho emocionou cantando a inédita "Sabiá"

Eunice, Surica e Doca: as superpastoras

Marisa canta feliz os sambas que cresceram ouvindo

## Aprendiz dos mestres

**Você se lembra da primeira vez que viu a Velha Guarda?**

Marisa Monte. Eu era menininha. O meu avô morria de preocupação, mas meu pai, que foi diretor da escola nos anos 70, sempre me levava aos ensaios na quadra. Eu sabia os sambas-enredo de cor. Também havia roda de samba lá em casa. Portanto, cresci ouvindo a música maravilhosa que eles fazem. Costumo dizer que a Velha Guarda da Portela me faz feliz, talvez porque me leve de volta à infância.

**De que maneira a Velha Guarda influenciou a sua música?**

Foi por causa deles que eu comecei a estudar bateria, aos 9 anos. Meu sonho era tocar tamborim na avenida. Sempre gostei de cantar samba, e melhor escola não há. É como fazer estágio com o mestre.

**No palco, em certos momentos, você se vira para a Velha Guarda e dá as costas ao público. Não é desrespeito. Tanto que todo mundo entende e nunca ninguém reclamou. É a maneira que encontrei de homenageá-los e também de aprender com eles.**

**Como você escolheu o repertório do disco?**

Deu um trabalhão. Claro que contei com a ajuda do Monarco, um verdadeiro computador no que diz respeito à Velha Guarda. Fizemos muita pesquisa, procuramos discos e gravações na Funarte, no Museu da Imagem e do Som e em sebos. Mas, principalmente, ouvimos os sambistas, insistindo para que eles se lembrassem dos velhos sambas. Muitas dessas músicas só resistiram graças à tradição oral. No fim, tínhamos quase 300 sambas, que reduzimos para dezoito. O resto foi fácil, pois a Portela é, felizmente, a escola que tem a Velha Guarda mais inteira. Foi só preservar sua sonoridade. Além de mim, também cantam no disco o Zeca Pagodinho e o Paulinho Da Viola. Os arranjos são do Paulão, violão de sete cordas que trabalha há muito tempo com o Zeca.

# Chá dançante

## Jamiroquai
**Via Funchal (São Paulo), 22/08**

Jay Kay arrebentou em show curto e repetitivo

O som estava mal equalizado e a voz de Jay Kay parecia um sussurro por trás da maçaroca de instrumentos. O ingresso era caro – 50 reais para pista e 80 reais para camarotes. As músicas são muito parecidas entre si. O show foi curto, só uma hora e meia de duração. As críticas são todas verdadeiras, mas não diminuíram em nada o entusiasmo do público, que dançou e cantou o riu e vibrou durante cada um dos noventa minutos. O que são críticas mal-humoradas quando comparadas a 6 mil pessoas felizes em êxtase? Por que entrar em elocubrações técnicas e metafísicas quando o objetivo primordial de um show – entreter aqueles que gastam o suficiente para a banda para querer vê-la ao vivo – foi cumprido? Para os fãs que transformaram o Via Funchal numa enorme pista de dança, o Jamiroquai mandou muito bem, obrigado. Muitos hits, uma manjada cover dos Rolling Stones ["Miss You"], boa interação com a plateia, carisma. O vocalista Jay subiu no palco com o mesmo cocar de penas brancas que usou recentemente no Woodstock '99, deixando em casa o chapéu preto de viking chifrudo que já havia se tornado sua marca registrada. A banda, completa para cobrir todas as facetas do som do Jamiroquai, tinha desde um ótimo trio de metais (olha aí o soul e o rhythm & blues) até um habilidoso DJ, autodenominado D-Zire, para o tempero hip-hop/tecno que o Jamiroquai vem acentuando desde o último disco, *Synkronized*. O repertório apoiou-se em sucessos do segundo disco da banda, *Travelling Without Moving*, para, entre eles, mostrar sons do álbum recém-lançado. Em hits antigos como "Alright", "Space Cowboy" (este, do álbum *Return Of The Space Cowboy*), "Cosmic Girl" e "Virtual Insanity", o grupo caprichou nos arranjos jazzísticos. Já nos sons de *Synkronized* – honestas sete das quinze músicas do show, entre elas "Soul Education", "Butterfly", "Planet Home" e o single "Canned Heat" – eram as picapes de D-Zire que davam o tom. Felizmente, os solos de didjeridoo foram poucos e curtos. O bis só rolou depois de três longos minutos de assobios e gritos. A música escolhida para fechar a noite foi mais um sucesso: "Deeper Underground", faixa bônus escondida nos últimos minutos de *Synkronized* e parte da trilha sonora do filme *Godzilla*. Pouca música para muito assobio? Ninguém reclamou.

***Andrea Estevam***

# O inferno é fogo

## Mercyful Fate
**Helloween Club (São Paulo), 13/8**

O calor fez a maquiagem de King Diamond escorrer pelo rosto

King Diamond não sabia como estava próximo da verdade quando gritou "Welcome to hell!" ("Bem vindos ao inferno!") ao entrar no palco na última sexta feira 13 do milênio. Sob uma temperatura digna de Belzebu, quase 1 500 *headbangers* se amontoaram para ver a banda dinamarquesa Mercyful Fate na capital paulista. A produção encontrou o lugar mais impróprio possível para um show de heavy metal. Na verdade, o tal Helloween Club nada mais é que o famoso Sandália de Prata, lugar conhecido por ser uma casa do samba e forró. E o Mercyful Fate não toca exatamente nenhum desses dois estilos. A acústica era péssima e quem não teve coragem de entrar na área de *mosh* (diz-se: movimento consegue ver King Diamond empunhando seu tradicional pedestal de microfone em forma de cruz feita com ossos humanos.

O Mercyful de hoje é diferente da banda que fazia Marilyn Manson (que trocou Kate Moss na década passada). No show de São Paulo, pudemos sentir não só o peso das guitarras, mas o peso da idade: a banda já não tem o mesmo pique de anos atrás. Apesar disso e das horríveis condições do local, a banda fez o possível para cativar o público. Tocou apenas duas músicas do novo disco, *Nine*, concentrando peso e fúria em velhinhas como "Come To The Sabbath", "Melissa" e "Curse Of The Pharaos".

Foi um pouco triste ver uma banda que faz parte da história do heavy metal e que acaba de ter músicas gravadas pelo Metallica (no álbum *Garage Inc.*) tocando em condições tão precárias. Os fãs (ou quem estivesse disposto a pagar absurdos 35 reais na porta) mereciam mais respeito da organização. Mas não se pode culpar banda ou público: o *setlist* agradou em cheio aos fãs, que agitaram e aguentaram o calor com muita coragem.

***Felipe Machado***

# Reis do core

## Agnostic Front
**Hangar 110 (São Paulo), 20/8**

Roger mostrou ao Brasil o verdadeiro hardcore

As marcas que os nova-torquinos do Agnostic Front deixaram na cena hardcore mundial podem ser percebidas em qualquer banda que se denomine como tal. E o público brasileiro pôde conferir ao vivo, pela segunda vez, de onde saiu a agressividade de gente como o Sick Of It All e o Biohazard.

O baterista Jimmy Colleti, o baixista Rob Kabula e o guitarrista Vinnie Stigma subiram ao palco à 1 da manhã. "Something's Gotta Give" abriu o *set*, e pouco tempo depois lá estava Roger Miret, o vocalista mais respeitado e tatuado da cena hardcore nova-torquina. Seguiram-se um festival de *stage dives* e mais músicas do álbum *Something's Gotta Give*, como "Gotta Go", "Believe" e "Voices", além de "Blind Justice", "Eliminator", "Last Warning", "Your Mistake" e "Cause For Alarm".

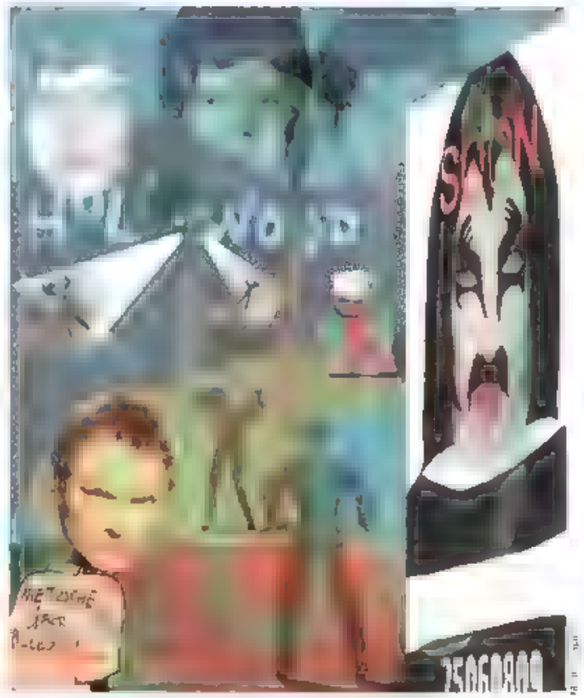
O quarteto aproveitou a ocasião para apresentar músicas do álbum *Riot, Riot Upstart* – ainda não lançado – e presenteou o público paulistano com novas músicas, como "Police State", faixa *carinhosamente* dedicada à atual prefeita da cidade de Nova York.

No bis, Stigma não decepcionou quando levou sozinho a música que fez para sua cadela Paulie, "The Beer Drinking Dog" (*O cão bebedor de cerveja*). Para fechar com alfinete de ouro, "Crucified", canção do Iron Cross que há muito o Agnostic incluiu em seu repertório.

***César "Lost" Carpanez***

# Seu ídolo já deu vexame no cinema?

**Brincar de ator** é o mico favorito de muito roqueiro. Confira o quanto você entende disso:



**1** Sting desfilou canastrice em *Duna* e *A Prometida*. Uma vez, recusou um papel e foi substituído por alguém que copiou seu visual. Quem?
a) Christopher Walken, o vilão de *007 – Na Mira dos Assassinos*
b) Christophe Lambert, o vagabundo loiro do metrô parisiense em *Subway*.
c) Wesley Snipes, o bandido de *O Demolidor*
d) Rutger Hauer, o andróide atormentado psicologicamente de *Blade Runner*

**2** Além do sucesso *Purple Rain*, Prince fez dois outros filmes. Quais foram?
a) *Under the Cherry Moon* e *Graffiti Bridge*
b) *Lovesexy* e *Dirty Mind*
c) *Around the World in a Day* e *Diamonds & Pearls*.
d) *Lovesissy* e *Shorty Likes It Long*

**3** Gene Simmons fez caretas em *Runaway – Fora de Controle*. Qual o seu papel?
a) Um estuprador de manicures de cabelo alisado
b) Um gênio do crime de cabelo alisado que comandava robôs assassinos.
c) Um maquiador de cabelo alisado chamado Sandova Trueba
d) Um assassino de cabelo alisado, rosto seboso, cecê violento e dentes podres que matava garotos dirinhos.

**4** Para promover seu LP solo *She's The Boss*, de 1985, Mick Jagger veio ao Brasil filmar a mega-metragem *Running Out of Luck*, que incluía:
a) Chacrinha, dando-lhe o troféu Abacaxi
b) Vera Gimenez, mãe da modelo Luciana Gimenez, como garçonete
c) Ritchie, como um roqueiro metido a besta
d) Jorge Lafond, como uma bicha louca da Lapa

**5** Ainda virgem na profissão de ator, Bono Vox é sempre alvo de especulações, como:
a) O papel do escritor irlandês James Joyce em uma superprodução de época
b) O vilão do quarto filme da série *Indiana Jones*
c) Um pai de família alcoólatra em uma adaptação de Stephen King
d) Transformar McPhisto, o demônio que encarnava na turnê *Zoo TV*, no vilão de *Batman Eternamente*

**6** David Bowie foi bem em *Fome de Viver* e *Absolute Beginners*, mas pagou um mico em 1988. Qual ?
a) *Platoon*, como um sargento metralhado ao desembarcar no Vietnã
b) *De Volta às Aulas*, como um diretor de escola sacaneado pelos alunos.
c) *A Última Tentação de Cristo*, como Pôncio Pilatos
d) *O Último Imperador*, no papel de conselheiro do monarca chinês

**7** Isaac Hayes é outro dotado de simancômetro, até em momentos de galhofa, como:
a) *Máquina Mortífera*, como irmão mais velho de Roger Murtag (Danny Glover)
b) *Rocky V*, cheio de marra, mas tomando porrada de Stallone
c) *Fuga de Nova Iorque*, o bambambã do submundo, em cujas mãos o presidente americano acaba caindo
d) *A Hora do Pesadelo XVI*, onde se vira quando um sujeito grita "pinote, negão!!", mas acaba sendo estripado pelas garras de Freddy Krueger assim mesmo

**PONTUAÇÃO**

**De 0 a 2 acertos – *Heavy Metal do Horror*** – Para você roqueiro-ator gosta é de segurar a estatueta dos outros. Parabéns pelo espírito crítico, mas trocar a camiseta preta de vez em quando faz bem, viu?

**De 3 a 5 acertos – *Rock Estrela*** – Bem informado você é, mas costuma perder tempo demais com besteira. Toma tenência nessa vida e pára de confundir Rimbaud com Rambo. Ler uns livrinhos também pode ser bom.

**6 ou 7 acertos – *Help!*** – O cara, você sabe tudo, e isso não é nada bom. Seu problema é patológico. Para dar jeito, só tratamento de choque: sessões diárias de *O Cinema Falado*, do Caetano Veloso, até você achar lindo.

Respostas: 1) b, 2) a, 3) b, 4) c, 5) d, 6) c, 7) c





# "London's Burning"

## Clássico punk do sempre atual Clash ganha releitura do Silverchair

*(Strummer/Jones)*

London's burning! London's burning

All across the town, all across the night
Everybody's driving with full headlights
Black or white turn it on, face the new religion
Everybody's sitting 'round
watching television

London's burning with boredom now
London's burning dial 99999

I'm up and down the Westway, in an' out the lights
What a great traffic system - it's so bright
I can't think of a better way
to spend the night
Than speeding around underneath the yellow lights

London's burning with boredom now
London's burning dial 99999

Now I'm in the subway and I'm looking for the flat
This one leads to this block
this one leads to that
The wind howls through the empty blocks
looking for a home
I run through the empty stone because
I'm all alone

London's burning with boredom now
London's burning dial 99999

### "Londres Está Em Chamas"

*Londres está em chamas!*
*Londres está em chamas!*

*Por toda a cidade, a noite inteira*
*Todos estão dirigindo com faróis altos*
*Brancos ou negros ligados,*
*encare a nova religião*
*Todos sentados assistindo televisão!*

*Londres está queimando em tédio agora*
*Londres está em chamas, ligue para 99999*

*Estou indo para cima e para baixo na Westway, passando pelas luzes*
*Que sistema de trânsito maravilhoso*
*é tão brilhante*
*Não consigo pensar numa*
*maneira melhor de passar a noite*
*Do que dirigindo rápido sob*
*as luzes amarelas*

*Londres está queimando em tédio agora*
*Londres esta em chamas, ligue para 99999*

*Agora estou no metrô e procurando*
*pela superfície*
*Este leva a este quarteirão,*
*este leva para aquele outro*
*O vento uiva pelos quarteirões vazios,*
*procurando um lar*
*Eu corro sobre as pedras nuas*
*porque estou sozinho*

*Londres está queimando em tédio agora*
*Londres está em chamas,*
*ligue para 99999*

## Fogo inesquecível

Este é um dos petardos do álbum de estréia do Clash. Expandindo a estética do "movimento" punk para além do rock e projetando gêneros como reggae, ska, dub e funk, o grupo foi o primeiro a traduzir o ambiente multicultural da Londres dos anos 70. Lançado em 1977, *The Clash* tinha uma faixa, "Total Control", produzida pelo jamaicano Lee Perry, guru de Beastie Boys e Prodigy. Mais de vinte anos depois, o Clash volta a dominar o mundo. Primeiro chegou o álbum-tributo *Burning London*, com grupos como o Rancid, No Doubt, Afghan Whigs e Mighty Mighty Bosstones. O Silverchair optou por "London's Burning", em versão "rápida demais, desafinada, suja e divertida", segundo o próprio Daniel Johns. "Fui ouvir The Clash porque soube que eles tinham influenciado minhas bandas favoritas, Black Flag e Minor Threat", lembra o jovem australiano.

Este mês chega às lojas o CD *From Here To Eternity: The Clash Live* com gravações de shows entre 1978 e 1982, todas escolhidas pelo cantor e guitarrista Joe Strummer. Lá fora, sai também o documentário *Westway to the World*, dirigido por Don Letts, ex-integrante do Big Audio Dynamite, banda que Mick Jones fundou após sair do Clash. Outro lançamento clashiano é o disco de Joe Strummer com sua banda The Mescaleros.

©Casbah Productions Ltd/EMI Virgin Music Ltd

# EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ, Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail showbizz.atleitor@abril.com.br

## CORRESPONDÊNCIA

**Brandy e Posse Mente Zulu** Rosane Aparecida – Rua dos Alecrins, 390 – Jardim Bertioga – Várzea Paulista, SP – CEP 13220-000

**Capital Inicial:** Juliana Justino – Rua Guaibé, 150/21 – Santos, SP – CEP 11035-190

**Kid Abelha e Lulu Santos** José Pessoa Filho – Rua Ana Clara, 796, Casa 1 – Vila Industrial – São Paulo, SP – CEP 03257-000

**Mariah Carey:** Bruno Alves Gonçalves – Rua Flack, 128/501 – Riachuelo – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20960-150

**Matchbox 20:** Juliana Marques – Rua Dona Santa Veloso, 382 – Vila Guilherme – São Paulo, SP – CEP 02050-000

**Metallica:** Leandro Henrique Rezende – Rua Toledo, 137 – Eldorado – Contagem, MG – CEP 32340-270

**Oasis:** Andressa Mariano Gonçalez – Rua Antônio Marques Carreira, 201 – Anchieta – Itanhaém, SP – CEP 11740-000

**Portishead e Hole:** Rodrigo Bassi – Rua Barros Cassal, 210 – Itaquera – São Paulo, SP – CEP 08210-180

Fã quer falar de Portishead

**Silverchair:** Mrs. Johns Silver Post – Rua Arno Kappel, 52/02 – Humaitá – Porto Alegre, RS – CEP 90245-100

**Smiths e Suede:** Rodrigo Vieira – Quadra 76, Casa 20 – Tancredo Neves – Santa Maria, RS – CEP 97015-123

## MÚSICOS

**Alternativo:** Banda de rock alternativo de São Bernardo do Campo (SP), com trabalho próprio, procura baixista e baterista masculinos. Emerson Cavalcanti Fróes – Tel. (11) 9353-0690 – E-mail: emersonf@vilares.com.br

**Banda de mina:** Vocalista e tecladista procura baixista, guitarrista e baterista mulheres, de toda a Grande Porto Alegre, entre 13 e 17 anos, para formar banda com trabalho próprio e cover. Cissie Ventura Cunha – Rua Cachoeira do Sul, 244 – Querência – Viamão, RS – CEP 94415-560

**Doidos.** Brasiliense procura doidos para fazer um som diferente, com influências viajantes (Pink Floyd), sombrias (Massive Attack), psicodélicas (Syd Barrett), experimentais (Sonic Youth), nervosas (Beastie Boys) e agressivas (Rage Against The Machine), com letras em português. Douglas Dickel – Tel. (61) 447-5069 – E-mail: dickel@brhs.com.br

**Vocal feminino:** Vocalista de 22 anos procura banda de rock/pop para trabalho sério. Carmem Pradella – Avenida Paulista, 671/1508 – Bela Vista – São Paulo, SP – CEP 01311-100 – Tel. (11) 9708-9068

**Vocal masculino:** Sou vocalista e procuro banda de rock que toque Nirvana, Raimundos, Metallica, Mutantes, Sepultura e The Doors. Leonardo da Silva – Rua Francisco Serrano Neves, 170 – Santa Amélia – Belo Horizonte, MG – CEP 31555-240 – Tel. (31) 441-8279

## TROCO

**Rita Lee por Alanis.** Troco reportagens, fotos e gravações de Rita Lee por material da Alanis Morissette ou CDs do Roxette. Tamy Matins – Rua Américo Brasiliense, 840/32 – São Bernardo do Campo, SP – CEP 09715-022

**Simply Red por U2.** Troco CD *Blue*, do Simply Red, pelo *Achtung Baby*, do U2. Bruno Papile Poloni – Rua Riachuelo, 770 – Pirajuí, SP – CEP 16600-000

**Vários por Pearl Jam:** Nathália Moriyama – Rua Rio Vitorino, 107 – Jardim Varginha – São Paulo, SP – CEP 04856-400

## PROCURO

**Garbage e outros.** CDs singles do Garbage; CD ou LP *First Offence*, do Inmates; *Blue Screaming Murder*, das Girlschool; *In My Tribe*, dos 1000 Maniacs, com a faixa "Peace Train". César Guilherme – Caixa Postal 8858 – Curitiba, PR – CEP 80611-970

**Ira! e Capital.** Material e fãs das bandas Ira! e Capital Inicial. Suzana V. Grupper – Rua Dr. Goulin, 615 – Curitiba, PR – CEP 80040-280 – Tel. (41) 254-8713 – E-mail: iradinha@rock-br.com.br

**Letras:** Músicas traduzidas de Bon Jovi e Roxette e letras de Raul Seixas e Marisa Monte. Amanda C. de Santi – Rua 3, 575 – Eugênio Franciscone – Dois Córregos, SP – CEP 17300-000

**Monkees:** Matéria do *Correio Popular* (Campinas, SP), do dia 4/5/97; LPs e compactos feitos no Brasil. Edo e Rose Espíndola – Caixa Postal 1537 – Florianópolis, SC – CEP 88010-970

**Mr. Bungle:** Procuro qualquer material dessa superbanda (fotos, vídeos, reportagens etc.) ou do vocalista Mike Patton (Faith No More). Gisele Patton – Rua Maria Helena, 175 – Monte Líbano – Nova Iguaçu, RJ – CEP 26010-770

**Nirvana.** Show de São Paulo no Hollywood Rock'93 em VHS. Wellington Santos – Rua Vicenzo Danti, 622 – Jardim Novo Oriente – São Paulo, SP – CEP 05772-080 – Tel. (11) 250-0991

No Doubt: tudo à venda

**No Doubt.** CDs, fotos, todos os videoclipes, revistas, livros, gravações ao vivo e a SHOWBIZZ com Gwen Stefani na capa. Ieda Santos – Rua Vicenzo Danti, 622 – Jardim Novo Oriente – São Paulo, SP – CEP 05772-080 – Tel. (11) 250-0991

**Pearl Jam:** Material nacional ou importado. Alvne Moura – Rua Valorbe, 32 – Lauzane Paulista – São Paulo, SP – CEP 02442-140

**Pixies e outros.** Letras cifradas e partituras de bandas como Pixies, Nirvana, Echo And The Bunnymen, R.E.M. etc. Robson Berg – Rua Salomão Tabak, 325 – Araraquara, SP – CEP 14806-270

**Raimundos.** Fotos, reportagens, revistas, pôsteres etc. Juliano Fagundes – Rua da Lage, 143 – São Francisco de Paula, RS – CEP 95400-000

## VENDO

**Duran Duran.** reportagens, pôsteres nacionais e revistas importadas sobre o Duran Duran. Mauro Araujo – Condessa Santa Catarina, 8/D-21 – Parque Cecap – Guarulhos, SP – Tel. (11) 6461-5963

**Guns N' Roses.** Fitas de vídeo contendo shows, entrevistas, todos os clipes e mais três CDs importados. Leonardo Matheus Pereira – Rua Jaracatiá, 615, bl. 17, ap. 41 – Jardim Umarizal – São Paulo, SP – CEP 05754-071

**Oasis:** Fitas de vídeo, incluindo shows, entrevistas, clipes e o *Acústico MTV*. Carlos Eduardo Corrêa – Rua Jaracatiá, 615, bl. 10, ap. 93 – Jardim Umarizal – São Paulo, SP – CEP 05754-071

**Page & Plant:** Vendo fita VHS do show de Jimmy Page e Robert Plant, *No Quarter – Unledded*. Vânia de S. Netto – Rua Sobradinho, 15 – Santa Teresa, RS – CEP 20251-300

**Smashing Pumpkins:** CDs, singles, vídeos, gravações raras e inéditas, a caixa *The Aeroplane Flies High*, fotos, pôsteres, entrevistas, letras e traduções. Juliana da Silva – Avenida Dorival de Oliveira, 1586 – Gravataí, RS – CEP 94010-000

## FÃS-CLUBES

**Alceu Valença:** Fã-Clube Andar Andar – Rua Russel, 496/203 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22210-010

**Câmbio Negro:** Fã-Clube Pega A Manha – Caixa Postal 62304 – São Paulo, SP – CEP 01214-970

Câmbio Negro ganha fã-clube

**Charlie Brown Jr.:** Fã-Clube Oficial Aquela Paz – Caixa Postal 11866 – São Paulo, SP – CEP 05049-970 – E-mail: cbjr@esta.com.br

**Elvis Presley:** Elvis Presley's Graceland Fan Club – Caixa Postal 24246 – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20550-970

**Hole:** Fã-Clube Violet Eternity – Rua Juliane, 947 – Vila Renato – São Paulo, SP – CEP 03978-270

**Jota Quest:** Fã-Clube Oficial Por Amor Ao Jota Quest – Rua Jupiá, 42 – Várzea Paulista, SP – CEP 13220-000

**Paralamas Do Sucesso:** La Bella Luna Fã-Clube – Rua Roskalla Singer, 89 – Curitiba, PR – CEP 81850-080

**Pato Fu:** Tchê Fu Pato Clube – Rua Ver. Antônio L. da Silva, 205 – Primavera – Novo Hamburgo, RS – CEP 93344-330 – E-mail: tchefu@planet.com.br

**U2:** U2 Station Fan Club – Rua Onze, 22 – São Paulo, SP – CEP 03974-050

**Wilsom Sideral:** Fã-Clube Nave Sideral – Rua Marechal Hermes da Fonseca, 331 – Eldorado – Contagem, MG – CEP 32310-090

**Zé Ramalho:** Oficial Zé Ramalho Fã-Clube – QNM 19, Conj. K, Casa 06 – Brasília, DF – CEP 72215-190

## FANZINES

**Beatles:** *The Beatles Diary* – Rua Bruxelas, 146 – São Paulo, SP – CEP 01259-020

**Ska:** *Skazine* – Caixa Postal 45432 – São Paulo, SP – CEP 04010-970

**As regras para colocar um anúncio aqui:**
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar quarenta palavras. Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.


EDITORA Abril

SHOWBIZZ

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

# Românticos e dançantes no alto

Alex Saveiro

## Nacional

Fominhas! Como se não bastasse manter o primeiro lugar do mês passado com "Como Se Fosse A Primeira Vez", o atleta romântico Paulo Ricardo leva o bronze de setembro por "Sonho Lindo". Com a estréia do Wilson Sideral, irmão de Rogério Flausino, no décimo terceiro lugar, são três os sucessos que a família **Jota Quest** (*foto*) emplaca na parada desta edição. "O Vento" dos mineiros não foi suficiente para soprar o ex-RPM do primeiro posto, mas dá uma idéia de quem pode liderar no mês que vem.

| | | mês anterior |
|---|---|---|
| 1º | "Como Se Fosse A Primeira Vez" / Paulo Ricardo | 1º |
| 2º | "O Vento" / Jota Quest | 12º |
| 3º | "Sonho Lindo" / Paulo Ricardo | 20º |
| 4º | "Bem Querer" / Mauricio Manieri | 8º |
| 5º | "Que País É Este" (acústico) / Paralamas Do Sucesso | 9º |
| 6º | "Te Levar" / Charlie Brown Jr. | 14º |
| 7º | "Aquilo"/ Lulu Santos • | • |
| 8º | "Mulher De Fases (A Linda)" / Raimundos | 3º |
| 9º | "Mandrake E Os Cubanos" / Skank | 4º |
| 10º | "A Cor Do Sol"/ Cidade Negra | • |
| 11º | "Nada A Declarar" / Ultraje A Rigor | 5º |
| 12º | "O Segundo Sol" / Cássia Eller | 16º |
| 13º | "Não Pode Parar" / Wilson Sideral | • |
| 14º | "Eu Também Quero Beijar" / Cidade Negra | 2º |
| 15º | "Eu Que Não Amo Você" / Engenheiros Do Hawaii | 10º |
| 16º | "Zóio D Lula" / Charlie Brown Jr. | 6º |
| 17º | "A Mais Pedida" / Raimundos | • |
| 18º | "Minha Menina" / Mauricio Manieri | 13º |
| 19º | "Sempre Assim" / Jota Quest | 11º |
| 20º | "Men's" / Nocaute | 18º |

Divulgação Sony

## Internacional

Foi-se o tempo em que o som do Tarzan era "Ôoôoôoô". Pelo segundo mês consecutivo, a música que Phil Collins compôs para o filme da Disney sobre o Rei das Selvas fica com o primeiro lugar. "You'll Be In My Heart" está sendo bem executada em rádios de diferentes segmentos: das mais roqueiras às bem populares. **Ricky Martin** (*foto*) também vai bem, obrigado. Chegou em segundo com a balada "She's All I Ever Had" e segue vivendo a vida louca em sexto. Encabeçando a fila rock, Pearl Jam emplaca "The Last Kiss" em terceiro.

| | | mês anterior |
|---|---|---|
| 1º | "You'll Be In My Heart" / Phil Collins | 1º |
| 2º | "She's All I Ever Had" / Ricky Martin | 13º |
| 3º | "The Last Kiss" / Pearl Jam | 4º |
| 4º | "That I Would Be Good" / Alanis Morrisette | 7º |
| 5º | "All Star" / Smash Mouth | 2º |
| 6º | "Livin' La Vida Loca" / Ricky Martin | 16º |
| 7º | "Scar Tissue" / Red Hot Chili Peppers | 18º |
| 8º | "Full Circle" / Aerosmith | 5º |
| 9º | "Fly Away" / Lenny Kravitz | 3º |
| 10º | "Never There" / Cake | 9º |
| 11º | "Sweet Child O' Mine" / Sheryl Crow | 10º |
| 12º | "You Get What You Give" / New Radicals | 8º |
| 13º | "Someday" / Sugar Ray | • |
| 14º | "Beautiful Stranger" / Madonna | • |
| 15º | "Doo Wop (That Thing)" / Lauryn Hill | 14º |
| 16º | "She" / Elvis Costello | • |
| 17º | "Ana's Song (Open Fire)" / Silverchair | • |
| 18º | "Every Morning" / Sugar Ray | 11º |
| 19º | "The Kids Aren't Alright" / The Offspring | • |
| 20º | "No Scrubs" / TLC | • |

Crowley

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Auditoria das músicas mais ouvidas em doze rádios FM do Rio de Janeiro e doze rádios FM de São Paulo, no período de 1º a 31 de agosto de 1999. Os dados de audiência horária de cada estação de rádio são fornecidos pelo Ibope. CBAB – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Proibida a reprodução sem autorização. CBAB

•estréia




BURACO, LAMA, POEIRA
E MUITA ADRENALINA

# Libidinosa e polêmica

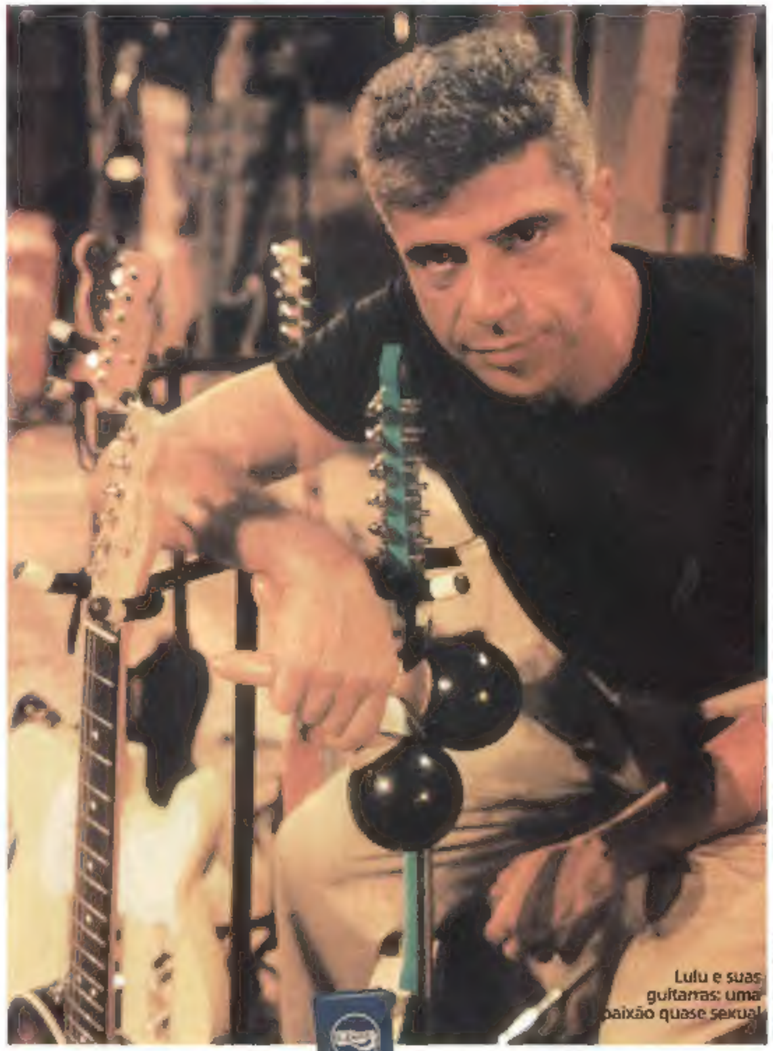
## A relação intensa entre Lulu Santos e a guitarra

"Guitarra é um fetiche, algo que não se explica, do qual não se escapa", define Lulu Santos após relatar a imagem mais remota do instrumento que guarda na memória. No início da década de 60, um outdoor exibia um par de Congas junto de uma guitarra gigante. Bastou para seduzir o garoto. "Em totêmico", lembra-se, enquanto faz a passagem de som no Palace, em São Paulo.

A sonoridade de Lulu Santos é marca de um estilo muito particular de se tocar guitarra. Em parte pelo incansável trabalho rítmico, mas também por itens indispensáveis na sua bagagem de equipamentos: o Echoplex e a caixa de amplificador Revolver. O primeiro é uma câmara de eco antiga e o segundo é um sistema de falante rotativo que simula a mitológica Leslie 122, fornecendo um som tremido, de muita ambiência e profundidade. "Quando Clapton e George Harrison tocavam aqueles sons milagrosos, eu me perguntava o que eles faziam. Era a caixa Leslie. Tem uma característica espacial."

Na atual turnê, uma guitarra substitui a companheira Stratocaster: a Telecaster, também da marca Fender. Além do violão, duas Thinline 90 semi-acústicas encaram os momentos mais dançantes do show.

Outra marca também arranca olhares apaixonados de Lulu: a Jerry Jones verde-metálica. "Tenho uma história de dedicação às 12 cordas, já tive uma porção. Na capa de *Tudo Azul* estou com uma dessas. Serve para as canções mais emblemáticas", e solta um acorde que toma conta da cada canto do Palace. "Este instrumento oferecia, na década de 60, uma alternativa barata para o profissional mais duro", diz. "São dois pedaços de compensado unidos por parafusos. E tudo funciona direito. É uma idéia antiga que nunca vão conseguir melhorar, como as motos – se você compra uma Harley Davidson Vintage não quer nem olhar as outras", compara.



Lulu e suas guitarras: uma paixão quase sexual

Foto: Juliano Zappa

Entre os efeitos que utiliza para o show, o mais curioso é o EBow, um aparelho do tamanho de um maço de cigarros que produz um som parecido com o de um violino. "Tenho certeza que guitarristas de metal não se interessariam por ele, porque tem uma coisa lírica, doce", aposta.

Antes de estabelecer-se como o Zeus da mitologia pop brasileira, Lulu esmiuçava seus discos prediletos para reproduzir os riffs de guitarra e teve toques importantes de Sérgio Dias, guitarrista dos Mutantes. "Ele foi meu mestre, explicou qual era o caminho das pedras", conta. Lulu não consegue esconder a paixão pela guitarra, como na instrumental "Shanti", de *Calendário*. Para aprimorar-se como músico, Lulu tem tido aulas de trompete. "Me facilita a pensar nas músicas de um ponto de vista melódico", explica.

***Luciano Marsiglia***



TODA GATINHA ADORA UM SOM

E A

REVISTA Carícia

Axé, pop music, rock pauleira, rap, reggae, samba... Não importa a preferência musical. Cada gatinha tem uma trilha sonora toda sua para os momentos marcantes. Mas, quando se fala em revista, a preferência de todas as meninas é Carícia. Porque Carícia tem um jeito muito especial de levantar o astral, dar toques importantes e mostrar o melhor da vida, em todos os momentos.

Toda garota pode contar com ela

de ~~R$3,00~~ por apenas R$1,90

Quinzenalmente nas bancas

EDITORA Abril

# Sua eminência, o Bispo

## Do altar da igreja para os palcos e estúdios, Solomon Burke é essencial para a música soul

Pastor, dono de farmácias, empresário e gogó de ouro

Fotos: Reprodução

### Ficha técnica

**Ano de lançamento:** 1998
**Produção:** Jerry Wexler, Bert Berns, Dann Penn, Chips Moman, Tom Dowd e Don Covay
**Músicas:** "Just Out Of Reach (Of My Two Open Arms)" • "Cry To Me" "Down In The Valley" • "I'm Hanging Up My Heart For You" • "If You Need Me" • "Can't Nobody Love You" "You're Good For Me" • "Goodbye Baby (Baby Goodbye)" "Everybody Needs Somebody To Love" "The Price" "Got To Get You (Off My Mind)" "Tonight's The Night" "Someone Is Watching" • "Take Me (Just As I Am)" "I Wish I Knew (How It Would Feel To Be Free)" • "Soul Meeting"

Com o habitual capricho, a Rhino utilizou as matrizes originais dos singles. No encarte, o próprio Solomon Burke comenta cada uma das faixas.

## The Very Best of Solomon Burke

***Solomon Burke***

Não existe, na história da música pop, biografia mais curiosa. Pregador (desde os 7 anos de idade) e líder de uma igreja, The House of God for All People; agente funerário e proprietário de uma rede de farmácias, restaurantes e serviços de limusines. Pai de 21 filhos, avô de catorze netos... e um dos principais cantores e pioneiros da soul music, menos conhecido que Ray Charles e Sam Cooke, mas de igual importância para a definição do gênero.

Essa breve descrição está longe de traçar o retrato completo de Solomon Burke. O melhor livro escrito sobre o pop negro americano – *Sweet Soul Music*, de Peter Guralnick – gasta dezenas de páginas só com as inacreditáveis histórias vividas pelo Bispo, como o chamam colegas e fãs. Burke começou a gravar, ainda adolescente, em 1954, mas abandonou a música dois anos depois, desiludido. Passou um tempo na vagabundagem, mas voltou a estudar e iniciou uma bem-sucedida carreira empresarial. Voltou a cantar por insistência do dono do selo Singular Records e em pouco tempo era contratado pela Atlantic, gravadora que fez a história do rhythm'n'blues entre o final dos anos 50 e a primeira metade dos 60.

Os clássicos de Burke estão todos nesta coletânea, com singles dos sete anos (1961-68) em que esteve com a Atlantic. O primeiro deles, "Just Out Of Reach", não podia ser mais improvável: uma versão de uma balada country que fracassara na voz de especialistas como Patsy Cline.

O barítono romântico, rasgado na melhor tradição gospel, começa a arrepiar para valer em três faixas que entram tranquilamente em qualquer antologia soul: "Cry To Me", "Everybody Needs Somebody To Love" (ambas gravadas pelos Rolling Stones no início da carreira) e "If You Need Me". Ainda assim, a intensidade máxima talvez esteja em "The Price", escancarando a veia do pregador. A música nasceu de um sermão, pouco depois de o cantor receber a papelada de seu divórcio. Dizem, aliás, que no palco o Bispo só era menos incendiário do que James Brown.

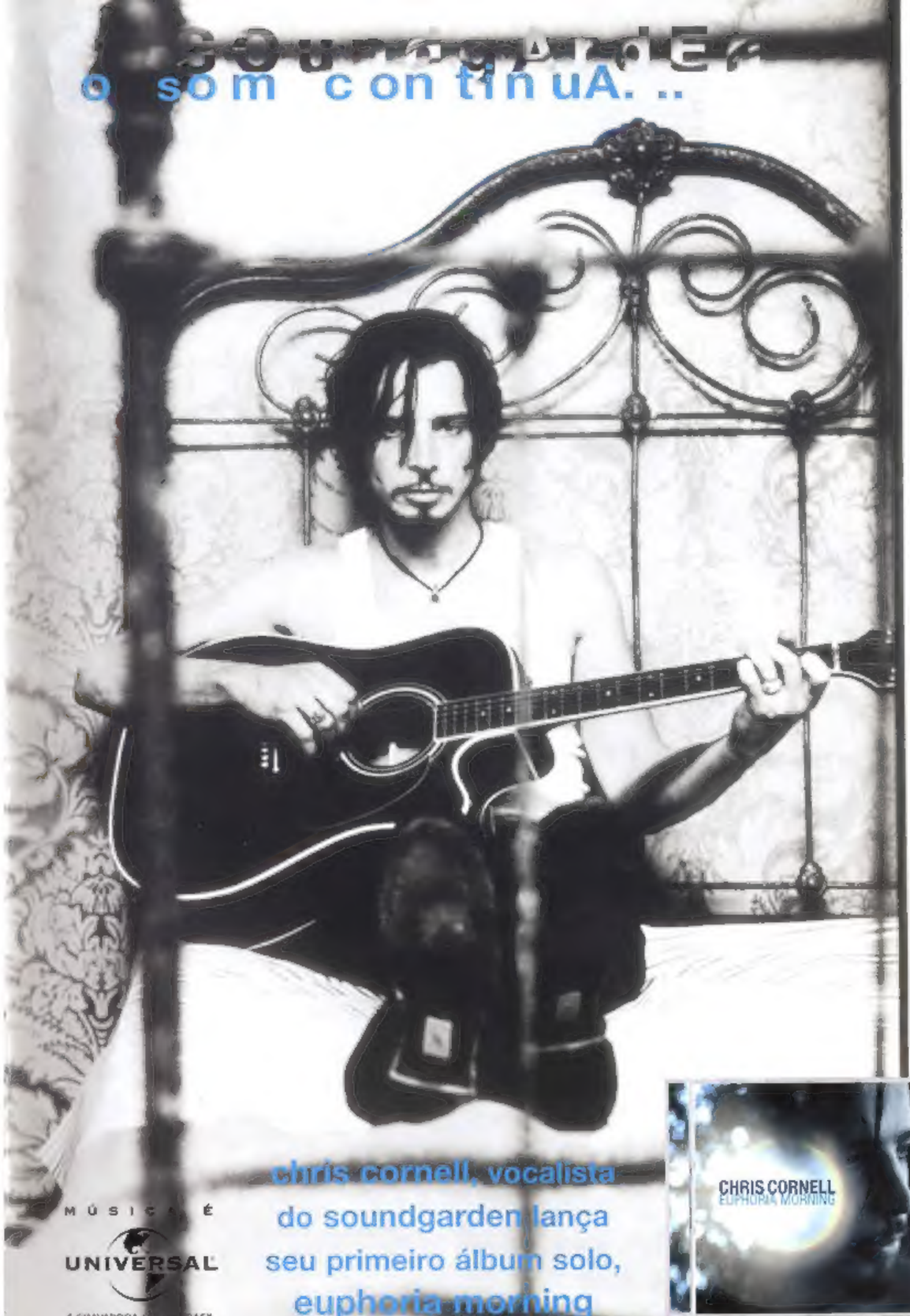
Para completar, o disco inclui um bônus: "Soul Meeting", o até então raríssimo single gravado pelo Soul Clan, grupo vocal fundado por Solomon Burke com mais três ilustres soulmen: Don Covay, Joe Tex, Arthur Conley e Ben E. King.

***José Augusto Lemos***

**"Um sujeito que canta como Solomon Burke só poderia ser mesmo um personagem fascinante. Eu poderia escrever um livro sobre o encanto de suas interpretaçoes"**

***Nick Hornby, inglês, autor do cultuado romance* Alta Fidelidade, *em que a música "Got To Get You (Off My Mind)" é crucial***



Q U A L I D A D E  I N D I S C U T Í V E L

cosmos

Produzido na Zona Franca de Manaus
Conheça o Amazonas